



Eurico de Melo, João de Deus Pinheiro, Leonor Belez, Álvaro Barreto, Santos Martins, Valente de Oliveira, Figueiredo Lopes, Mário Raposo, Fernando Nogueira

Depois de aprovação pela Comissão Política do PSD

Cavaco vai a Belém apresentar Governo

A Comissão Política do PSD reúne-se esta tarde para apreciar e aprovar o elenco governamental a liderar por Cavaco Silva. Depois, sim, tudo pronto para o «número um» social-democrata se dirigir a Belém e depositar nas mãos de Ramalho Eanes os no-

mes que integrarão o Gabinete mais reduzido, desde o 25 de Abril. São apenas 13 ministros que, se tudo correr bem, deverão tomar posse já para a semana.

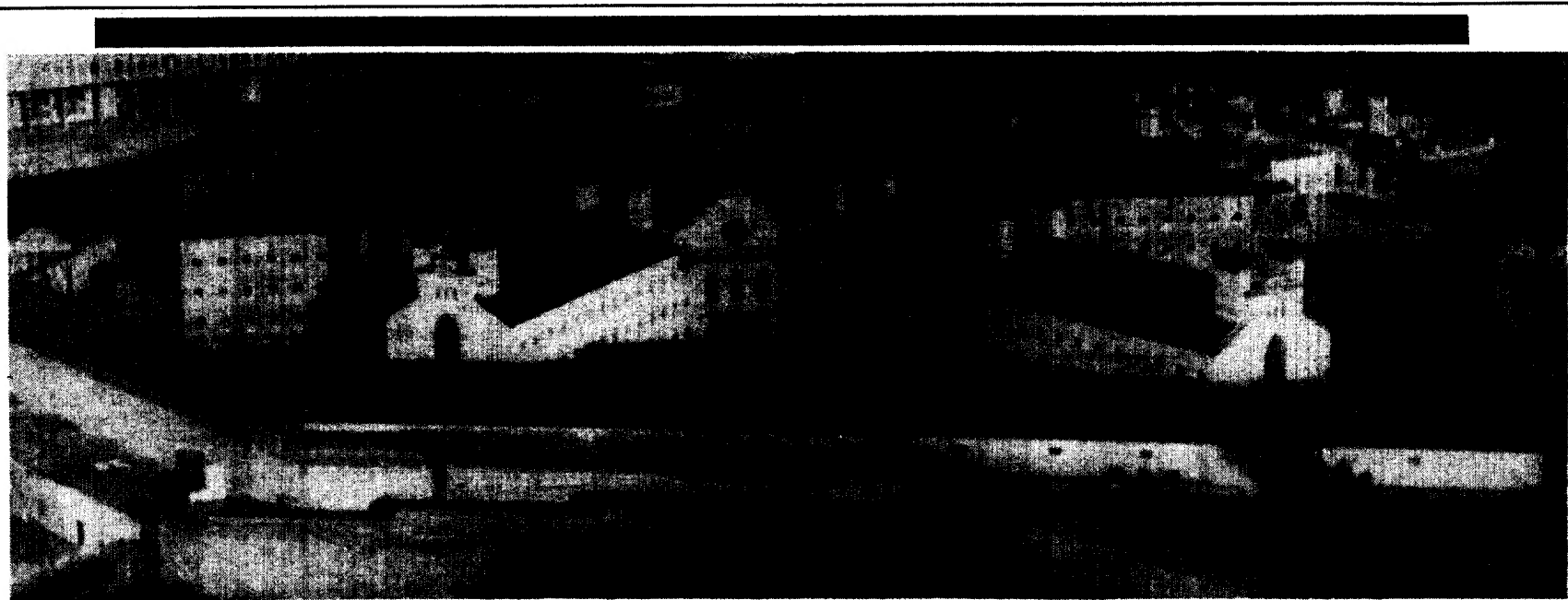
Pág. 6

Presidenciais

Soares quer eleições a 26 de Janeiro

A data de 26 de Janeiro para a primeira volta das eleições para a Presidência da República e a rejeição absoluta de qualquer data anterior a 19 do mesmo mês, é a proposta da comissão política da candidatura de Mário Soares constante numa carta, aprovada na passada segunda-feira, e enviada a Ramalho Eanes. Nos termos daquela posição, o processo eleitoral para a Presidência deverá ser claramente separado das eleições para as autarquias, e ainda de modo a não fazer coincidir a campanha presidencial com a quadra de Natal. No caso da primeira volta da eleição se realizar a 26 de Janeiro, a campanha começaria formalmente no dia 6 de Janeiro.

Pág. 6



Cerca de trezentos reclusos e reclusas da Penitenciária de Lisboa afirmam ter chegado a altura de quebrar o silêncio sobre «o direito ao amor nas cadeias portuguesas»

Manifesto de 300 detidos na Penitenciária

Reclusos exigem direito ao amor

Pág. 8

O livro
na CEE
no "Ler,
Escrever"

O "DL" no Rally do Algarve
com o patrocínio

CETRA
CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO
AUTOMÓVEIS S.A.R.L.

patrocina presença «DL»
no V Festival Nacional
de Gastronomia
em Santarém

Sem a resolução dos seus problemas não haverá empenhamento dos trabalhadores

Jose Encarnação

Sobre as eleições de 6 de Outubro são já passados mais de vinte dias. Vinte dias, em termos históricos, todos sabemos, pouco podem representar na imensa vida colectiva de um povo. Poder-se-á até dizer que, para quem já passou anos e anos de angústias, de fome e de miséria, vinte dias a mais ou vinte dias menos não «aquecem nem arrefecem».

Certamente ninguém estava à espera — e muito menos a CGTP-IN — que logo após as eleições todos os graves problemas iriam ser solucionados. Contudo, era legítimo esperar e exigir que durante tal período o governo ainda em funções — e no qual está integrado o partido que obteve o maior número de votos — se limitasse à simples gestão dos negócios correntes do estado. Tal não se verificou como se pode constatar em alguns dos mais importantes conflitos. Assim e desde logo é legítimo questionar a seriedade das afirmações proferidas durante a campanha eleitoral por algumas das forças políticas concorrentes.

Durante a campanha eleitoral ouvimos aqueles que foram e são responsáveis pela proliferação incontrolada, nomeadamente, dos salários em atraso, dos despedimentos e do encerramento de empresas, afirmar que, se ganhassem as eleições, se comprometiam a resolver esses mesmos problemas. Ouvimos até dizer que resolveriam

no prazo de um mês, o problema dos salários em atraso. Como é sabido, prometer não custa, ainda para mais quando se tem a certeza — embora como é óbvio, não confessada — de que não se irá ganhar e, por esse motivo, não se será obrigado a cumprir o que se prometeu. Mas a verdade é que houve alguém que teve mais votos e que, por esse motivo, se prepara para formar governo. Nesse sentido talvez seja bom relembrar algumas coisas.

Como todos estamos recordados, as grandes questões sociais e económicas constituíram tema obrigatório, quando não central, de praticamente todos os partidos que se apresentaram ao sufrágio popular. Os principais problemas, reivindicações e aspirações dos trabalhadores e do povo, da juventude, das mulheres e dos reformados dominaram as atenções da campanha eleitoral. Nenhum partido ousou contestar a justeza das reclamações populares. Mesmo os responsáveis pela difícil situação dos que vivem sem salário, dos desempregados e outros, tiveram que afinar o seu discurso pela ideia da justiça social, contrariamente ao que está escrito nos seus programas e transparece dos seus objectivos.

Ou seja, para não perderem votos e evitarem assim a penalização popular, tiveram que se demarcar da política que sempre seguiram e, tudo indica que assim será, continuarão a se-

guir. Talvez tenham, com essa «habilidade», conseguido iludir alguns portugueses, mas torna-se claro — e o futuro ainda mais se encarregará de o fazer — que saíram derrotados à partida, pois se viram impedidos de mostrar a sua verdadeira face.

Entretanto, a realidade é que fizeram promessas, que se comprometeram perante o povo português a resolver os muitos e graves problemas que afectam em primeiro lugar aqueles que trabalham. Sem alimentar falsas expectativas, os trabalhadores cá estão para avaliar das promessas e exigir a satisfação dos compromissos assumidos durante as eleições de Outubro. Para a CGTP-IN, única força social que desde sempre esteve na primeira linha da defesa dos interesses dos trabalhadores e do país, não é legítimo que, após lhes ter sido pedido o voto para que sejam resolvidos os seus problemas, se venha a prosseguir a política de desastre e de ruína que vem sendo posta em prática há vários anos com os resultados que se conhecem.

Toda e qualquer tentativa de o fazer irá inevitavelmente esbarrar com a resistência e a luta de quem trabalha. A gravidade dos problemas existentes, as condições sub-humanas em que vivem centenas de milhares de portugueses, não são compatíveis com soluções precárias que, longe de resolverem os problemas, apenas poderão constituir um factor de adiamento das soluções que se impõem.

Não concorrendo, como é óbvio, às eleições, a CGTP-IN viu posta à prova a sua acção persistente de mobilização, de luta e de organização dos trabalhadores, a sua prática de denúncia e de identificação dos responsáveis pela situação a que chegámos. Com o voto, os portugueses não apenas penalizaram esses mesmos responsáveis, como deram razão à CGTP-IN. Se alguém saiu derrotado não foi a CGTP-IN, não foram os trabalhadores nem a sua unidade. No plano social foi o grande patronato, foram aqueles que sempre viveram à sombra dos governos do PS, PSD e CDS.

As eleições de 6 de Outubro, os seus resultados, apontam e abrem caminho para o estabelecimento de um amplo consenso democrático, assente na resolução dos grandes problemas nacionais e no pressuposto do empenhamento dos trabalhadores. Para esse consenso e para tal empenhamento é indispensável contar com a CGTP-IN.

Nenhuma solução democrática, nenhum consenso social e político pode ter por base quer a manutenção dos problemas com que vivem os trabalhadores, quer a continuação da prática de afastamento da participação da CGTP-IN, nomeadamente nos órgãos e instituições a que constitucional e legitimamente tem direito.

Membro da Comissão Executiva da CGTP-IN.

Coordenador da União de Sindicatos de Setúbal

A morte dum lutador

V. Marques Miragaia

Em 25 de Outubro corrente, morreu na sua casa de Entre-Campos, em Lisboa, o velho resistente antifascista, dr. António Lopes de Araújo. Tinha mais de 90 anos, mas continuava lúcido e firme no combate pela democracia, que desde jovem o havia de conduzir aos cárceres da ditadura, desde o Aljube, ao desterro nos Açores e em Timor — donde, destemidamente, havia de se libertar e fugir para a Austrália.

Passou a vida a lutar! Tirou o curso de Artilharia na antiga Escola de Guerra, com as melhores classificações, seguido do Curso do Estado-Maior, até que, afastado definitivamente no posto de tenente, veio depois a formar-se em Ciências Matemáticas.

Dotado de uma inteligência agudíssima, aliada a uma coragem e decisão sem paralelo, o dr. Lopes de Araújo teve mais tarde, com todas as saídas vedadas, de se recolher à lavoura, em casa de sua mãe-viúva — que, depois de ter formado os 3 filhos do casal, desfeito pela prematura morte do marido, todos com cursos superiores (Medicina, Direito e Matemáticas), os viu, a todos, acorrentados para o desterro: o dr. Serafim Lopes Pereira e o dr. Antó-

nio para Timor e o dr. Basílio para o Tarrafal.

A vida e a luta desta mãe-viúva e de seus filhos, todos já desaparecidos, constituem uma saga que deveria ser apontada às novas gerações, tão afastadas dos exemplos de perseverança e valentia, ao serviço de uma causa, que é a do seu povo.

O dr. António Lopes Pereira de Araújo foi, dos 3 irmãos, o único que viveu de seus inquecíveis e esperançosas da **Madrugada de Abril** — que o veio reformar no posto de major, cuja modesta pensão espalhava pelos mais necessitados, acabando por distribuir o património, seu e da falecida esposa, por várias instituições, entre elas os Bombeiros Voluntários de Mortágua, que o acompanharam à última morada, no Cemitério da Marmeleira, deste concelho, juntamente com os seus mais dedicados amigos, onde repousa agora — em campanha, por sua expressa vontade — depois de uma verdadeira luta sem quartel.

O coronel Varela Gomes — outro exemplar de combatente — chamou ao dr. Lopes de Araújo um caso raro de revolucionário. Assim foi, efectivamente, lutando até ao fim pelo seu Povo — a que pertencia e de que nunca desertou!...

CINE FILME

APRESENTA

UN FILM DE JEAN-LUC GODARD



JE VOUS Salue Marie

EU VOS SAÚDO MARIA

CINEMA

4.ª SEMANA

PARA MAIORES DE 18 ANOS

(EX-QUINETO Rua Actor Taborda)

Teatro Nacional de S. Carlos

ORQUESTRA

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA LUGARES DE INSTRUMENTISTAS DE:

CLARONE

CLARINETE SOPRANO

Os candidatos devem efectuar a sua inscrição na Secretaria da Orquestra, onde os respectivos programas e demais condições estão patentes.

As provas realizar-se-ão no dia 5 de Dezembro de 1985, em local a designar.

NOTA: A eventual admissão na Orquestra só se fará em regime de exclusividade.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Electricidade de Portugal EDP/ Empresa Pública

Direcção Operacional Distribuição Sul

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avizam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 3/11/85 (domingo)

CONCELHO DE ALMADA:
Cova da Piedade (Liberdade) DAS 7H00M ÀS 12H00M
Trafaria (Trafaria, sociedade) das 7h30m às 14h00m

CONCELHO DO SEIXAL:
Cavaquinhas (Pé Leve) Qt. do Manuel André (Serena) das 6h30m às 17h00m

CONCELHO DO BARREIRO:
Rua Adellina Abranches, Rua Palmira Bastos, Rua Egas Moniz (entre a Av. J.J. Fernandes e a Rua França Borges), Av. J.J. Fernandes (entre a Rua Egas Moniz e a Rua Adellina Abranches), Trav. Rafael de Oliveira, Trav. Herculano Marinho e Rua Alves da Cunha n.ºs 21, 23, 25, 27 e 29, no Lavradio, das 7h00 às 9h00m.
Rua D. Francisca da Azambuja, Rua do Convento, praça (Gonçalo Mendes da Maia, Alfredo Keil, Leite Vasconcelos, Tomaz da Anunciação, D. Duarte de Almeida e da Av. Gulbenkian), Rua Nuno Tristão (entre o Bairro José Maria Duarte e a Av. Gulbenkian), Bairro José Maria Duarte e garagens da Rua João Anacleto da Silva, no Barreiro, das 9h00 às 13h00m.
Rua Oliveira e Carmo e suas praças e Rua da Paz na Qt. da Lomba, das 7h00m às 9h00m.
Bairro 1.º Maio, Rua Jornal Herald Bairro Novo da Telha (entre a via rápida e a Rua Jornal Herald, na Qt. da Lomba, das 10h00m às 13h00m.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O responsável

José Resende Nascimento

Almada, 30 de Outubro de 1985

A representatividade parlamentar: partidos e blocos

A renovação da Assembleia da República era necessária. Os resultados das eleições de 6 de Outubro mostram que a composição da Assembleia da República não correspondia à realidade política do País. O desgaste do Partido Socialista fora maior do que era legítimo esperar, a ideia de que a «mudança» dependia da representatividade parlamentar de uma nova força política tinha raízes mais profundas do que se previa. Os mais pessimistas, quanto ao PS, não previam tal catástrofe; os mais optimistas, quanto ao PRD, não imaginavam tal sucesso.

Estulta é a argumentação que lamenta os resultados eleitorais por terem criado dificuldades suplementares à constituição de duradouras «maiorias». Os resultados eleitorais traduzem uma realidade política que não está fixada. A nossa Democracia é jovem. As deslocações de voto não terminaram, novas opções positivas, novas «penalizações», reflexos do «voto útil», ir-se-ão registar. Os «partidos», e as «coligações», prestam, no Governo e na Oposição, provas práticas. Os cidadãos avaliam e votam. Votam segundo o juízo que fazem da experiência política de que são observadores e críticos, sujeitos activos e passivos.

Estulto é pensar que o povo-eleitor é ingrato, ou se engana no voto. As variações de voto exprimem movimentos sociais profundos, reflectem uma consciência crítica. O povo-eleitor nem sempre estará completamente esclarecido? — supõe-se. É então caso para perguntar quais as informações, quais os esclarecimentos, que poderiam substituir a experiência da vida quotidiana em Democracia. O discurso político

co — é preciso que os «políticos» adquiram essa consciência — não cria a realidade política. O cidadão-eleitor determina-se pela sua experiência concreta, reage à realidade. Distingue os projectos realistas dos conservadorismos, dos restauracionismos, das concessões estabilizadoras.

A vitória eleitoral do PSD — e para ela concorreu a combatividade de Aníbal Cavaco Silva —, não representa uma deslocação de vontade política e de esperança política. O PSD vence pela derrota do Partido Socialista. Não é o PSD que triunfalmente cresce, é o Partido Socialista que se afunda. Da análise dos resultados eleitorais o que cumpre salientar é a afirmação do Partido Renovador Democrático (PRD) como terceira força política nacional e não será imprudente a previsão de que a liderança directa do cidadão Ramalho Eanes poderá levar o novo partido a resultados superiores. À «maioria absoluta»? Não cremos. Mas é possível que, se como os nocturnos mecos cruciam se verificarem «eleições legislativas» em 1986, os «partidos» paguem ao PRD o tributo da ingovernabilidade parlamentar.

Afirma-se para aí, preto no branco, que a «ingovernabilidade» que se adivinha na nova correlação de forças em sede parlamentar, contribuirá para «desagregação do regime». Não é assim: A «ingovernabilidade» não resulta da «representatividade política parlamentar» se ter aproximado na «realidade política nacional». Os eleitores que votaram no PRD consideravam-se mal representados na anterior Assembleia da República ou consideravam que lhes seria favorável utilizarem um novo instrumento de acção política partidária.

Não é o povo que está errado. Era a Assembleia da República que estava errada.

Apresentam-se dificuldades para a constituição de governos estáveis porque não se aceitam fórmulas largas de convergência que correspondam à vontade política expressa nas urnas. Mário Soares já reconheceu que não é possível «governar à direita». A eleição do Presidente Ramalho Eanes evidenciou a derrota da «bipolarização de direita». As eleições de 6 de Ou-

tubro reafirmaram que a «direita» era minoritária. A candidatura do professor Freitas do Amaral tendendo para «bipolarização» idêntica à que foi produzida em 1980, sob a liderança de Francisco Sá Carneiro, só poderá alcançar sucesso pela divisão do campo democrático de progresso, pela divisão da «esquerda de Abril» fragmentada em candidaturas concorrentes.

Há condições para ultrapassar a «ingovernabilidade» parlamentar e criar condições de responsável governação democrática. Mas é preciso acabar com os «apartheid» em Democracia pluralista.

Há condições para as eleições presidenciais serem uma nova vitória da «esquerda de Abril», uma derrota do «restauracionismo», mas é preciso que se verifique a convergência eleitoral de quantos querem a permanência da Democracia, a renovação da esperança, a reafirmação do movimento de progresso, de avanço sociopolítico.

Falando no Clube de Reflexão Política, o professor Freitas do Amaral distinguiu um «bloco populista» (ao qual corresponderiam as candidaturas de Maria de Lurdes Pintasilgo e Manuel Costa Brás), um «bloco conservador» (ao qual corresponderia a candidatura de Mário Soares), e um «bloco reformista moderado» (o qual era representado pela sua própria candidatura). A «social-democracia» de Aníbal Cavaco Silva e o liberalismo de que foi arauto Francisco Lucas Pires, identificam-se, portanto, com este «bloco reformista moderado» que se abre largamente para a «direita». O PSD — partido — desloca-se para a «direita» com a campanha presidencial de Diogo Freitas do Amaral. O candidato socialista, Mário Soares, terá que desistir de conquistar espaço eleitoral à «direita». O PRD terá que se empenhar numa solução de «esquerda». Os votos da APU pesam — já o dissemos — na balança das eleições presidenciais. Uma convergência democrática é necessária.

Para governar, em primeiro lugar. Para a eleição presidencial, em segundo lugar.

Blocos, partidos, se não corresponderem aos imperativos nacionais correrão o risco de, em novas eleições, sofrerem a penalização do voto popular.

Arafat e os seus adversários palestinos

Juan Guevras
Exclusivo «Le Monde/DL»

Yasser Arafat continua a ser largamente maioritário no movimento palestino. Mas nunca aqueles que o acusam de ser um «traidor à causa» foram tão numerosos e tão virulentos...

O caso do Achille-Lauro não foi o primeiro que levantou questões sobre a natureza exacta de um minúsculo «grupo palestino». Com efeito, a existência de inúmeros componentes — por vezes muito minoritários e opondo-se uns aos outros — no meio da resistência palestina é uma constante da sua história. No entanto, o mês de Maio de 1983 marcou a esse respeito uma mudança decisiva.

Enfraquecido pela perda do seu «mini-Estado de Beirute», que o entregou de pés e mãos amarrados, à Síria, Yasser Arafat, expulso em Abril de 1983 da capital síria em condições humilhantes, teve que enfrentar, com as subvelações que rebentaram em pleno Fath, a crise mais grave desde a criação da OLP. A central dos fedayins que foi capaz de garantir de há quinze anos a esta parte, sob a direcção de

Yasser Arafat, a coesão de oito movimentos das mais diversas orientações, foi notoriamente sacudida pela dissidência, desde logo protegida e encorajada pela Síria.

As dissidências foram directamente provocadas por algumas nomeações impopulares no seio do Fath mas, de facto, foram suscitadas, em especial, por decisões relativamente conciliatórias de Arafat, que considerou haver «aspectos positivos» no projecto norte-americano do presidente Reagan e iniciou com o rei Hussein da Jordânia e, mais discretamente, com o Egipto do presidente Mubarak, um «diálogo» julgado «capitulacionista» pelos «duros» da OLP.

Em finais de 1983, a continuação do diálogo com o rei Hussein e a reconciliação espectacular de Arafat com o presidente Mubarak, no dia seguinte do da expulsão do chefe palestino de Trípoli pe-

los sírios, reforçaram a oposição a Arafat. Em Maio de 1984, os dissidentes do Fath formaram com a organização Al Saíqa, aliada à Síria, o FPLP — comando-geral de Ahmed Jibril e a Frente de Luta Popular Palestina de Samir Ghoché, uma espécie de «anti-OLP» designada Aliança Popular Palestina. O FPLP de Georges Habache e o FDLP de Nayef Hakatmeh partilham em parte as reservas desta coligação contra Arafat mas, como não desejam alinhar com Damasco, organizaram uma outra aliança a que chamam a Aliança Democrática Palestina, com a minúscula Frente de Libertação da Palestina (FLP) de Talaat Yacub e o Partido Comunista Palestino, especialmente cativo nos territórios ocupados.

Um desafio ao presidente Assad

A Aliança Democrática inicia imediatamente negociações com o Fath tendo em vista a convocação, nos mais breves prazos, do 17.º Congresso Nacional Palestino (CNP), que deve ser o da reconciliação da OLP. Mas a intransigência da Aliança Nacional,

encorajada por baixo da mesa por Damasco, impede a convocação de um parlamento unitário. Farto dessas guerras, Arafat convoca um CNP quase inteiramente constituído por delegados do Fath e independentes que lhe estão próximos, lançando dessa maneira um desafio ao presidente sírio Hafez El Assad que não deixará de o aceitar. Um mês depois do congresso de Amã, um dos novos membros moderados da comissão executiva da OLP, Fahd Qawasmeh, antigo autarca de Hébron, destituído e exilado pelos israelitas, é assassinado em Amã.

Arafat ignorou o aviso em Fevereiro de 1985 o acordo jordano-palestino o que provocou uma revolta generalizada nas organizações palestinas. Em Março, os quatro componentes da Aliança Nacional constituem com o FPLP de Georges Habache e o FLP (tendência síria) de Talaat Yacub, uma Frente de Salvação Nacional palestina (FSNP) totalmente subordinada à Síria. Esta nova Frente divulga imediatamente que «lutará para conseguir a revogação do acordo jordano-palestino do 11 de Fevereiro», e reafirma a sua oposição «a qualquer or-

ganização que se coloque como alternativa à OLP ou cause prejuízo à representatividade do povo palestino». De facto, os dirigentes da FSNP não deixarão escapar nenhuma ocasião para afirmar que esperam o regresso da OLP a uma «linha nacional hostil ao imperialismo, ao sionismo e aos planos reacçãoários», considerando-se como os únicos representantes legítimos do povo palestino.

A FDLP de Nayer Hawatmeth e o Partido Comunista Palestino, que faziam parte da Aliança Democrática com Habache e a fracção síria da FLP, permaneceram separados da FSNP, não apenas para manter as suas distâncias para com Damasco, mas também pela preocupação de nada fazer que possa pôr em causa a unidade do movimento palestino.

Nem por isso, caucionam a linha de Arafat, em especial no que se refere ao acordo jordano-palestino de Amã, que constitui, a seu ver, um «projecto capitulacionista» elaborado com desprezo das resoluções da reunião árabe de Rabat de Outubro de 1974, que só aos palestinos confiavam o direito de negociar a paz com Israel.

Ao fim e ao cabo, Yasser Arafat limita-se a controlar praticamente três das oito organizações que na origem faziam parte da OLP: a FLA (Frente de Libertação Árabe), emanção do comando pan-árabe do Partido Baas com base em Bagdad, a fracção lealista da minúscula FLP dirigida por Abul Abbas e o Fath.

Seria errado concluir daí que Yasser Arafat é minoritário no movimento palestino.

O Fath, de facto, é de longe o movimento mais importante da OLP, representando cerca de 80% dos seus efectivos. Foi pouco afectado pela dissidência do coronel Abu Mussa e dos seus amigos. Por outro lado, dispõe da maioria no conselho nacional palestino e goza da confiança da maior partidas personalidades palestinas independentes.

Isto não impede que aquilo a que se chama a «frente de recusa» palestina atravessa igualmente o Fath. São numerosos os membros desta organização, inclusive dos escalões mais altos, que só aceitaram o acordo jordano-palestino por ter que ser e por exclusiva preocupação de disciplina.

CDS teme ascensão dos terceiro mundistas

A Comissão Directiva do CDS considerou hoje a «manifestação fragilidade» das soluções resultantes das últimas eleições «poderá facilitar a ascensão de forças ligadas ao projecto político-militar terceiro-mundista de alguns membros do Conselho da Revolução».

Entre as soluções resultantes do último acto eleitoral a Comissão Directiva aponta a do Governo minoritário que «tudo leva a crer vai derivar da indignação de Cavaco Silva como Primeiro-Ministro».

No comunicado, em que dá conta da sua última reunião, realizada ontem, este órgão partidário diz que apreciou o conjunto das candidaturas autárquicas apresentadas pelo CDS e que no sentido de lhes

assegurar o apoio necessário foi constituído uma comissão delegada da Comissão Directiva, presidida por Nogueira de Brito e integrada por Gomes de Pinho, Pedro Feist, Rui Seabra, Fernando Seabra e Miguel Seabra.

A Comissão Directiva exprimiu «o seu regozijo e saudou muito vivamente» os militantes democratas-cristãos que se empenharam no combate e na vitória da lista que foi eleita para a direcção do Sindicato dos Bancários do Norte.

O comunicado anuncia a convocação da Comissão Política para o dia 6 de Novembro e do Conselho de Coordenação Regional para o dia 9, tendo em vista a reunião do Conselho Nacional do CDS convocado para o dia 10 de Novembro.

JOVEM 20/25 ANOS

Precisa-se

- Não conseguiste entrar na Universidade?
- Gostas de desporto?
- Tens interesse em trabalhar?
- E moras em Lisboa.

Então responde-nos ao n.º 20103

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO CENTRO SOCIAL DE DORNELAS DO ZÊZERE

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado, para o qual podem ser apresentadas propostas:

PREÇO BASE : 18 892 000\$00

CAUÇÃO PROVISÓRIA : 472 300\$00

ALVARÁ EXIGIDO : 1.ª subcategoria da I categoria e classe correspondente ao valor da proposta ou equivalente.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA A ENTREGA DAS PROPOSTAS:

— Na Secretaria da Câmara Municipal da Pampilhosa da Serra, até às 16 horas do dia 22 de Novembro de 1985.

LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DE CONCURSO:

— No Salão Nobre da Câmara Municipal da Pampilhosa da Serra, pelas 15 horas do dia 25 de Novembro de 1985.

LOCAL E HORA PARA EXAME DO PROJECTO:

— Gabinete de Apoio Técnico de Arganil, às horas normais de expediente, todos os dias úteis.

CÓPIAS DO PROCESSO DE CONCURSO:

— Poderão ser obtidas mediante pagamento no Gabinete de Apoio Técnico de Arganil.

Dornelas do Zêzere, 26 de Outubro de 1985

O Presidente
Maria Virginia Martins Antunes

Eanes e Nino juntos na inauguração de centro de estudos africano

Os chefes de Estado de Portugal e da Guiné-Bissau, Ramalho Eanes e Nino Vieira, presidiram ontem no Porto à sessão solene de abertura da actividade do Centro de Estudos de Cultura e Ensino dos Países de Expressão Portuguesa (CECEPEP), criado naquela cidade.

Ao encerrar a sessão o general Ramalho Eanes afirmou que se abre um novo tempo ao relacionamento de Portugal com os países de expressão oficial portuguesa, que classificou como um relacionamento «diferente e exigente».

«Com os homens de cultura de proveniências diversas e ideologias diferentes este Centro será uma abertura, um caminho que permitirá uma nova cooperação, que exige que os interesses diferentes entre Estados diversos se aceitem».

Ramalho Eanes acrescentou que a essa exigência convém dar uma resposta que seja também exigente, oportuna e digna, dada a unidade histórica que constitui este espaço, onde não há primeiros nem segundos, mas uma língua que é comum.

Abel Mendes, presidente do CECEPEP referiu-se na sua intervenção aos objectivos desta instituição, afirmando que o fomento, a cooperação e o desenvolvimento nas áreas da cultura e do ensino e de actividades afins estiveram no espírito da criação deste organismo, sem fins lucrativos.

Referiu também que, no plano nacional, o Centro irá privilegiar a região Norte, fomentando a partir dela as suas áreas de acção e desenvolvimento e anunciou a criação na cidade do Porto da «Casa do Bolseiro», ao mesmo tempo que defendeu a realização de encontros bienais, com início no próximo ano.

Disse estarem previstos na

área da cultura encontros sobre museologia, arqueologia e artesanato e, ao nível do ensino, cursos técnico-profissionais de reciclagem e encontros de reitores de Universidades portuguesas e dos países africanos de língua portuguesa.

Por sua vez, o presidente Nino Vieira pediu apoio financeiro, cultural, didáctico, técnico e linguístico a Portugal «como parceiro e País amigo que é».

«O meu povo está profundamente preocupado com a situação que está a viver neste momento. Pensamos que Portugal pelos laços históricos que nos unem pode auxiliar-nos nos vá-

rios aspectos que necessitamos», afirmou.

Nino Vieira frisou que os guineenses «só querem uma coisa que é que a língua portuguesa continue a prevalecer e a amadurecer na Guiné-Bissau».

No final da cerimónia, que decorreu na Casa do Infante, o presidente da Guiné-Bissau assinou o livro do «Duque da Ribeira», figura típica portuense, célebre pelas vidas que tem salvo no Rio Douro e que lhe foi apresentado pelo general Ramalho Eanes.

Um jantar oferecido pela Câmara Municipal do Porto encerrou as cerimónias de abertura do CECEPEP.



Visita a empresas na área do Porto

O Presidente da República defendeu em Gaia, Porto, que para o País atravessar o «período de dificuldades» as empresas devem ser «verdadeiras comunidades onde a informação circule, a consciência se forme e as soluções ocorram».

O general Ramalho Eanes respondia às exposições feitas pelo presidente do Conselho de Administração da SECCA, Amândio Secca, e por uma delegação de trabalhadores, que o informou sobre a situação interna naquela unidade de construções metálicas.

Para Ramalho Eanes, «falar de crise, hoje, é repetir aquilo que estamos fartos de ouvir».

«O que importa — sublinhou — é que as coisas se modifiquem através de políticas que possam responder de uma maneira ainda que não definitiva, mas que, pouco a pouco, se caminhe para a estabilização».

«Espero que o País encontre o caminho em que a estabilidade seja visível», disse o general Eanes, que fez votos para que a empresa Secca «seja um lugar de trabalho, embora com interesses divergentes, mas onde o diálogo e o bom entendi-

mento existam».

A saída desta empresa, em Rechousa, o Presidente da República recebeu um documento, subscrito pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica, que relata a situação social no sector.

Passados alguns minutos, à entrada da empresa Soares da Costa, em Canelas, Vila Nova de Gaia, Ramalho Eanes recebeu mais dois documentos, um da Jotocar, cujos trabalhadores têm salários em atraso, e o outro de dirigentes do sector da construção civil.

O Chefe de Estado, acompanhado pelos responsáveis da empresa Soares da Costa, apreciou a planta das instalações situadas na área do «Grande porto» e inteirou-se de algumas obras em curso, bem como dos trâmites das exportações da empresa.

Ramalho Eanes visitou depois a Socometal, que ocupa cerca de 20 mil metros quadrados de área coberta dos estaleiros centrais ali a funcionar e que emprega cinco centenas de trabalhadores.

Diz deputado açoriano

Eanes é «padrinho do MFA»

O deputado açoriano do PSD Natalino Viveiros qualificou o Presidente da República de «padrinho do MFA» e «protector do Conselho da Revolução», considerando a constituição do PRD de «entrada activa do MFA na cena política».

O secretário-geral do PSD dos Açores manifestava a sua preocupação em plenário da As-

sembleia Regional na Horta, sobre o que descreveu como a «militarização crescente da vida política».

Para Natalino Viveiros, essa alegada militarização «é comparável ao que se passa no Terceiro Mundo, para onde tem estado orientada nos últimos tempos a política exterior portuguesa, a partir da intervenção do Presidente da República».

«Se a constituição do chamado partido eanista significa a entrada activa do MFA na cena política, passados que são dez anos sobre o 25 de Novembro, a candidatura de um militar suportado por aquele movimento, se apoiado ainda directa ou indirectamente pelo general Eanes, será a tentativa da institucionalização de um projecto terceiro

mundista impensável» — acrescentou.

Para Natalino Viveiros, o aparecimento de uma candidatura militar à Presidência da República «não pode deixar de nos preocupar pelo que de anormal significa, e pelos reflexos que vai ter para o projecto de Portugal como País europeu e continental».

Soares: "Sou um homem do 25 de Abril"

O candidato à Presidência da República, Mário Soares, definiu-se como «candidato do regime democrático mas não do sistema vigente». «O regime democrático — disse — tem de ser consolidado e não há futuro para Portugal fora da democracia, mas o sistema tem de ser mudado».

Mário Soares falava perante um auditório de cerca de mil pessoas na Faculdade de Medicina do Porto, no âmbito de um ciclo de debates com os candidatos à Presidência da República organizado pelo Conselho Directivo da Associação de Estudantes desta Faculdade.

Mário Soares disse que se for eleito Presidente da República, a sua atitude relativamente ao Governo chefiado por Cavaco Silva «depende de várias circunstâncias», entre as quais referiu «o apoio parlamentar que tiver na Assembleia da República, a sua eficácia e a capacidade de resposta que demonstrar relativamente às necessidades do País».

O candidato afirmou que a estabilidade dos governos «é necessária, mas dependente da solidariedade institucional da Presidência da República» e traçou o perfil de um presidente como «o elemento que possa contribuir para implementar em Portugal um projecto de modernização».

«O Presidente da República é um árbitro, o moderador dos grandes debates nacionais e o animador de um amplo consenso na sociedade portuguesa» — defendeu.

«Não pode ser uma figura que se preserve e pense apenas no seu próprio prestígio, antes tem

de se envolver e empenhar nesse projecto de modernização de Portugal e intervir para evitar as crises», acrescentou.

Mário Soares sublinhou que, em democracia, «os conflitos dirimem-se pelos votos, pela democracia e pela concertação, e o Presidente da República deve ser o congregador máximo de esforços, o moderador da sociedade portuguesa».

«Sem estabilidade política e social, Portugal não pode dar resposta às grandes aspirações da população, como a justiça social e a igualdade de oportunidades para os jovens, por exemplo», afirmou.

Para Mário Soares, esta estabilidade só se consegue «se houver governos fortes e interventores, governos de maioria, com amplo apoio social e popular».

Na opinião de Mário Soares, «a bipolarização do País é desestabilizadora porque leva a confrontações entre a direita e a esquerda e acentua as divisões muito profundas entre os portugueses, que tendem a bloquear as instituições, conduzindo à paralisação do sistema».

Explicando as razões da sua candidatura, Mário Soares afirmou que tem desde muito jovem, «uma certa ideia para Portugal e por ela tem lutado com coerência e coragem ao longo de todos estes anos».

«Sou um homem do 25 de Abril» — disse — «mas não me identifico com a perversão totalitária que se lhe seguiu, em 1975, e que combati com todas as minhas forças».

Mário Soares considera que vivemos «um momento decisivo para a vida de Portugal e a melhor maneira que tenho para continuar essa luta é candidatar-me à Presidência da República».

O candidato à Presidência afirmou que o 25 de Abril trouxe a paz aos portugueses, a descolonização, as autonomias regio-

nais, os direitos elementares de todos os cidadãos, o associativismo, a concertação social e o prestígio internacional, «mas não trouxe grandes acréscimos de prosperidade, de segurança e melhores condições sociais».

Mário Soares admitiu que «continuamos a ser, em certos aspectos, um País subdesenvolvido e na nossa sociedade persistem grandes atrasos e algumas bolsas de miséria».

«Assumo a candidatura à Presidência da República como uma candidatura nacional sem renegar o Partido Socialista que

ajudei a fundar e a que me orgulho de pertencer», afirmou, acrescentando que é apoiado por sectores muito diversificados da sociedade portuguesa «e até membros de outros partidos, que me reconhecem qualidades de isenção».

Mário Soares, referindo-se aos resultados das eleições legislativas de 6 de Outubro, afirmou que é «cada vez mais difícil engendrar uma maioria parlamentar, o que agora foi agravado pelo aparecimento no quadro político de um novo partido» que considera que a sua

candidatura ocupa, no leque político português, «uma posição nuclear em relação aos outros candidatos, porque sou líder do que foi até agora o maior partido português e é, presentemente, o maior partido da oposição».

«A minha candidatura é verdadeiramente nacional e independente» — acentou. «Enquanto os outros candidatos têm de situar a sua candidatura à direita ou à esquerda e não podem unir os portugueses. Antes poderão, mesmo que involuntariamente, dividi-los».



"Reconsidere o autoafastamento"

Macedo responde a Arnaut

O presidente do Partido Socialista apelou a António Arnaut para que reconsidere o seu auto-afastamento do partido — revela hoje o jornal do PS, «Acção Socialista».

António Macedo, em carta de resposta ao pedido de demissão de Arnaut, diz-lhe para «reconsiderar o rumo que traçou em má hora e excessiva dureza de estilo em seguida a uma acção crítica e cáustica» em que, segundo refere, «se empenhara desde há largos tempos».

«Muito me dói a baixa do Arnaut no nosso partido, que serviu com devoção, entusiasmo e firmeza desde os tempos heróicos da ASP» — salienta o presidente do PS que acrescenta não lhe «parecer apropriada e correcta» a atitude que António Arnaut tomou ao se demitir nem «o tom em que o fez».



Poupar é uma atitude optimista

Numa atitude tão pessoal como poupar,
Você está a contribuir para o bem de todos.

Saber guardar, saber preservar,
é um passo positivo para construir riqueza.

Para um futuro melhor.

Para si. Para todos.

Poupar é uma atitude construtiva.

Junte-se aos muitos milhares de pessoas
que, no Dia Mundial da Poupança,
afirmam a necessidade e a urgência
deste acto individual

com sentido colectivo: **poupar.**



DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

Esta tarde

PSD aprova Governo

O indigitado Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, deverá avistar-se ainda hoje com o Presidente da República, numa audiência por si solicitada e cujo objectivo se admite ser a entrega do novo elenco governamental.

De qualquer forma, e segundo adiantou ao «DL» uma fonte do PSD, tal audiência só deverá realizar-se após a reunião da comissão política dos sociais-democratas que se iniciou às 15 horas e cujo objectivo expresso é a apreciação e aprovação definitiva dos nomes que integram o Executivo liderado por Cavaco Silva.

Tanto quanto o «DL» conseguiu apurar o elenco definitivo dos ministros é o seguinte: Segurança Interna, **Eurico de Melo**; Educação, **João de Deus Pinheiro**; Saúde, **Leonor Beleza**; Agricultura, **Álvaro Barreto**; Trabalho, **Mira Amaral**; Economia, **Miguel Cadilhe**; Finanças, **Tavares Moreira**; Comércio e Indústria, **Santos Martins**; Transportes e Comunicações, **Oliveira Martins**; Equipamento Social, **Valente de Oliveira**; Defesa, **Figueiredo Lopes**; ministro-adjunto dos Assuntos Parlamentares, **Fernando Nogueira**; e Justiça, **Mário Raposo**. De realçar que, à hora do fecho da nossa edição, este era o único nome que não estava confirmado mas junto do qual se «continuavam a fazer diligências».

«Le Soir» comenta indigitação

Entretanto começam a surgir na Imprensa internacional as primeiras reacções à indigitação de Cavaco Silva para Primeiro-Ministro. Assim, o principal jornal da Bélgica, «Le Soir», comenta que o Governo a liderar pelo político social-democrata é um Executivo «minoritário não só refém do PS ávido de desforra, mas do PRD, cujo líder natural é o Presidente Eanes».

A indigitação foi tema nos principais noticiários radiofónicos, mas a notícia chegou demasiado tarde para os restantes jornais de Bruxelas, apenas com uma edição.

«Le Soir» noticia o acontecimento na actualidade internacional com uma fotografia de Cavaco Silva a ilustrar um artigo assinado pelo correspondente do jornal que o apresenta como «tímido, teimoso e crispado», «Seco e ascético», acrescentando que o tabaco e o álcool não fazem parte dos seus vícios.

O articulista vê Cavaco Silva como «uma estrela intelectual de primeira grandeza», embora acrescente que é acusado de «arrogância e vaidade» pelos seus adversários.

«Considerado como um dos melhores economistas portugueses», o líder do PSD é apresentado como o homem que, apesar de ser «um ilustre desconhecido, conseguiu, no Governo de Sá Carneiro, em 1980, valorizar o escudo».

«Ausente no bom momento — prossegue o «Le Soir» — o seu aparecimento deve-se, em grande parte, ao factor surpresa».

De acordo com o jornal belga, «a 6 de Outubro Cavaco Silva ganhou uma aposta arriscada (...) com o seu ar um pouco fanático e com um discurso muito fechado e moralizador, seduzindo literalmente a base do PSD — a classe média — com a qual se identifica perfeitamente».

Para o «Le Soir», Cavaco Silva, no futuro, não terá «uma tarefa fácil», adiantando que conseguirá, para já, «um certo avanço» mas que lhe será difícil conservá-lo.

Lurdes Pintasilgo à «Tribuna de Coimbra»

Dissolver o Parlamento é um poder de última instância

Maria de Lourdes Pintasilgo afirmou à «Tribuna de Coimbra», em entrevista hoje publicada, que espera não ter de dissolver o Parlamento, se for eleita Presidente da República, por considerar essa competência «um poder de última instância».

A candidata à Presidência da República justificou a sua afirmação com o facto do País precisar de estabilidade «para cuidar do seu desenvolvimento, de forma contínua e sustentada, o que infelizmente não tem acontecido».

Segundo Maria de Lourdes Pintasilgo, esse poder de última instância, «apenas deverá ser usado se a Assembleia da República não puder encontrar soluções normais, no quadro constitucional, para viabilizar um Governo. Faço todos os votos para que tal seja possível, porque o País não pode estar sempre em eleições».

Sobre uma eventual revisão constitucional, depois de sublinhar que é uma candidata «independente sem compromissos partidários», disse que não encontra «nenhuma razão para se opor à vontade dos partidos ou à Assembleia Constituinte, desde que a revisão constitucional se situe nos limites legais previstos pela própria Constituição».

Quanto à intervenção de Eanes como dirigente partidário, Maria de Lourdes Pintasilgo disse que «se vier a sê-lo», só pode

esperar dele «um comportamento igual ao que nos habituou e que fez do actual Presidente da República, até ao momento, uma referência ética e um exemplo de isenção no exercício do poder».

Mária de Lourdes Pintasilgo afirma noutra passagem da sua entrevista que, quanto a apoios, aceita «mesmo os partidários», desde que não comprometam a sua independência e que «tenham em vista a formação de grandes espaços de entendimento, para um sólido arranque para o progresso e o desenvolvimento».

Mandela cita Lourdes Pintasilgo

Maria de Lourdes Pintasilgo é citada pelo dirigente sul-africano negro Nelson Mandela entre as mulheres que ascenderam ao poder pelo seu mérito, num livro posto hoje à venda em Londres.

O livro intitulado «Part of My Soul» «Parte da Minha Alma», é um retrato de Winnie Mandela, mulher do líder negro a cumprir prisão perpétua na cadeia de máxima segurança de Pollsmoor, a alguns quilómetros da Cidade do Cabo, para onde foi transferido da ilha penal de Robben, ao largo desta cidade.

A brochura reúne depoimentos da biografia e de pessoas que lidaram de perto com ela, documentação vária e parte da correspondência trocada entre Winnie Mandela e o marido, preso desde 1962, coligidos por Anne Benjamin e Mary Benson.

Em reunião com agricultores no Vimeiro

Freitas critica candidatos das «áreas militar e socialista»

Freitas do Amaral considera que os candidatos às eleições presidenciais das áreas militar (Lourdes Pintasilgo e Costa Brás) e socialista (Mário Soares) representam respectivamente «um perigo para a democracia» e «um mal para o desenvolvimento».

Aquele candidato às eleições presidenciais, que falava durante um jantar realizado no Vimeiro com agricultores e dirigentes de cooperativas agrícolas, salientou que só a sua vitória «pode garantir, simultaneamente, a defesa da democracia e a promoção do desenvolvimento».

Freitas do Amaral sublinhou que «os dois principais valores que temos de assegurar são a democracia e o desenvolvi-

mento».

«A minha ambição não é para mim, mas para Portugal» disse, acrescentando: «Sou português. Amo a minha pátria. Quero vê-la mais feliz — isto é, mais culta, mais justa, mais solidária, mais próspera e mais fraterna».

A estabilidade política e a eficácia governativa, prioridade à educação dos portugueses, fortalecimento da economia nacional para enfrentar com êxito a concorrência internacional constituíram alguns dos «grandes objectivos nacionais a longo prazo» enumerados por Freitas do Amaral, que os enquadra nas «suas ambições para Portugal».

Referindo-se ao sector agrícola, Freitas do Amaral afirmou

que a agricultura «tem de ser o petróleo de Portugal».

«Não podemos continuar a importar todos os anos metade daquilo que comemos. Temos de aumentar fortemente a produção agrícola nacional. A agricultura tem de ser uma das grandes riquezas nacionais» — disse.

Referindo-se ao progresso agrícola, Freitas do Amaral salientou que ele «não depende só de factores económicos, mas também de condições políticas».

«Se não houver estabilidade política, continuidade e autoridade governativa, e acção eficiente da Administração Pública, com participação activa dos interessados, a agricultura

será a primeira a sofrer e a ressentir-se. Sem confiança na política não há progresso na economia» — prosseguiu.

Freitas do Amaral pronunciou-se ainda sobre o associativismo agrícola e a justiça social no mundo rural, afirmando que «a justiça social não é só para as cidades, também tem de chegar aos campos e às serras».

«Os agricultores também têm direito à protecção social do Estado. A solidariedade nacional tem de funcionar em relação a todos os que dela necessitem, onde quer que vivam, onde quer que trabalhem, onde quer que sofram» — sublinhou.

«Só o triunfo da justiça assegura a paz e a liberdade» — concluiu.



SIDERURGIA
NACIONAL, E.P.

COMUNICADO

O PREÇO-BASE DA FOLHA-DE-FLANDRES PASSA PARA 26.750.00 POR 100 M², SENDO TAMBÉM ALTERADOS OS RESPECTIVOS EXTRAS.

OS EXTRAS DE SECÇÃO DAS CANTONEIRAS DE ABAS IGUAIS, SÃO TAMBÉM ALTERADOS.

ESTES NOVOS PREÇOS ENTRAM EM VIGOR PARA ASEXPEDIÇÕES VERIFICADAS A PARTIR DE 01.11.85.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1985

CONSELHO DE IMPRENSA

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

Avisam-se todas as entidades interessadas e o público em geral de que a partir de 1 de Novembro de 1985, o Conselho de Imprensa passa a funcionar em novas instalações na Rua de S. Bento, 148-150, 3.º andar, 1200 Lisboa, com os telefones 678629 e 678631.»

VOCÊ TEM UM PROBLEMA DE BEBIDA?

Em Setembro vamos ter entre nós uma equipa de terapeutas especializados na recuperação integral de alcoólicos. Inscrições limitadas. Contacte-nos já: **ALCOÓLICOS ANÓNIMOS**

Travessa do Cordeiro, 32
1200 LISBOA
Telefone: 296211

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA - 1.º JUÍZO ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 13 de Novembro de 1985, pelas 10 horas, neste Tribunal - Rua Braamcamp, n.º 5-4, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a ROCHA OURO - Actividades Hotelarias, Lda., com sede na Av. João Crisóstomo, n.º 47-C em Lisboa, no processo executivo n.º 1956/80 e apenas, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 - Um balcão frigorífico de marca Cofril, com oito metros de comprimento e onze portas, em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de setenta mil escudos (70 000\$00).

Verba n.º 2 - O direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento sito na Av. João Crisóstomo, 47-C, a que foi atribuído o valor de dois milhões de escudos (2 000 000\$00).

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Outubro de 1985

O Juiz de Direito
Manuel Luis Macaísta Malheiros

O Liquidador Tributário
F. Lopes

«DL» 31/10/85 - 2.ª Pub.

Tejo põe em causa saúde pública?

Tramagal só quer água do campo de Santa Margarida

A Assembleia de Freguesia do Tramagal aprovou uma moção recusando o abastecimento de água a partir do rio Tejo por considerar haver outras alternativas para «bem da saúde pública».

A dita moção obriga a Junta a concertar esforços com a Câmara Municipal de Abrantes para obter a água a partir do campo de instrução militar de Santa Margarida, adverte ainda que, «se for necessário, saberá a população encontrar os mecanismos que obtem ao atentado que é receber água do Tejo».

O Tramagal é abastecido por fontes da região, poços existentes em quintais e hortas. O seu «furo» principal, que fica em Carvalhoso, foi abandonado devido ao crescimento da localidade.

O recurso ao abastecimento fluvial tem sido defendido, segundo a Junta de Freguesia,

«tendo em conta o desenvolvimento futuro do Tramagal», mas os apoiantes da moção salientam que a água existente chega desde que haja «uma política de gestão integrada dos recursos naturais».

A Junta tem dúvidas quanto à pureza bacteriológica da água que se consome e afirma que as autoridades militares do campo de Santa Margarida mostraram disponibilidade para fornecer água «pela existência de excedentes nas suas fontes».

Água de Monchique pode ser cosmético

A água de Monchique pode vir a ser aproveitada como pro-

duto cosmético destinado a «refrescar, revitalizar, hidratar e tonificar a pele». Depois de ser utilizada durante séculos na cura de várias doenças, principalmente reumatológicas e respiratórias, e nos últimos tempos como água minero-medicinal, a água de Monchique conhece agora uma nova aplicação.

A iniciativa é de uma empresa internacional, mas com interes-

ses comerciais em Portugal, que viu naquela água qualidades para imitar produtos idênticos à venda no País, mas importados do estrangeiro.

A água de Monchique, como cosmético, custa cerca de 500 escudos por cada 250 mililitros, a quantidade que dispõe cada embalagem em que é apresentada ao público.

Para o director da Estação Termal das Caldas de Monchi-

que, o volume de água utilizado no produto de cosmética é muito pequeno quando comparado, por exemplo, com o volume de água de mesa comercializada, não tendo, portanto, «grande valor económico».

Contudo, segundo Álvaro Santos, «a escolha da água de Monchique para fazer parte de um produto deste tipo, vem pôr em evidência as excelentes qualidades desta água algarvia».

Com um baixo teor em sais minerais, a sua aplicação é ainda bastante conhecida no tratamento de problemas de pele, tendo sido muito utilizada no século XVIII, nos casos de lepra.

Apesar de conhecidas desde tempos remotos, aquelas águas começaram a ser divulgadas a partir do século XVII quando na região se instalou uma ordem religiosa.

Alarcão reeleito

Universidade aposta no consenso

Rui Alarcão, reeleito reitor da Universidade de Coimbra, disse que no novo mandato continuará «na senda da autonomia universitária e do reforço da democracia participativa a todos os níveis».

Em declarações à Anop, Rui Alarcão salientou que procurará dinamizar a actividade da Reitoria através da experiência colhida nos três anos do anterior mandato.

Sobre os resultados, disse que exprimem «uma larga base de apoio» e — frisou — «um amplo consenso nos três corpos universitários: docentes e investigadores, estudantes e funcionários».

«Na altura da minha primeira eleição, afirmei o princípio do consenso na

Universidade como um dos princípios norteadores da minha acção como reitor (...) o resultado da eleição de hoje espelha o assentimento da comunidade universitária a essa orientação» sublinhou.

Rui Alarcão foi ontem reeleito à primeira volta com 72 por cento dos votos. Em 1982 foi o primeiro reitor eleito da Universidade de Coimbra, em segunda volta de eleições, com 52 por cento dos votos.

No escrutínio de ontem Rui Alarcão recebeu 98 votos contra 15 do professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia Fernandes de Carvalho, o segundo mais votado. Foram registados 147 votantes, oito votos nulos e 12 brancos.

A obra da República no sector do ensino

Na sequência da série de conferências comemorativas dos 75 anos da República o doutor Fernando Sousa, hoje, pelas 18 ho-

ras, no Anfiteatro da Biblioteca Nacional falará sobre: «A obra da República no sector do Ensino».

Bertrand quer «animação cultural do Chiado»

A Livraria Bertrand iniciou ontem uma nova actividade comercial no campo das artes plásticas com a inauguração de uma exposição da pintora Maluda, nas suas instalações do Chiado. Este novo recinto pretende substituir-se à extinta Galeria do «Diário de Notícias» e, como disse Chaves Ferreira, administrador delegado da Bertrand, «contribuir para a animação cultural do Chiado», indo desenvolver neste sentido algumas acções conjuntas com o Centro Nacional de Cultura.

Para além de exposições o novo espaço servirá também para realização de concertos de música e conferências.



**POUPANÇA
A FONTE
DO INVESTIMENTO**

**31
DE OUTUBRO
DIA
MUNDIAL
DA POUPANÇA**

Banco de Fomento Nacional

INFORMAÇÃO-ENFRA

Manifesto enviado a Eanes, Soares e Mário Raposo...

Reclusos da Penitenciária de Lisboa exigem direito ao amor nas cadeias

Chegou a altura de quebrar o silêncio sobre o direito ao amor nas cadeias. Se assim o pensarem, melhor o fizeram cerca de trezentos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa (EPL), vulgo Penitenciária de Lisboa, enviando um manifesto intitulado «Pelo direito ao amor nas cadeias» a titulares de cargos públicos.

Os autores do documento dirigido ao Presidente da República, ao Provedor de Justiça e ao ministro da Justiça, afirmam que «Portugal não pode continuar a fechar os olhos perante os efeitos demasiados profundos do não reconhecimento do direito ao amor nas cadeias», tanto mais que, sublinham, tal direito está em prática em numerosos países.

Particularizando os efeitos negativos provocados nas pessoas pelo isolamento forçado e prolongado de prisão, o documento afirma que as necessidades de ordem afectiva «são certamente das mais sentidas».

«Ao falar do direito ao amor nas cadeias», lê-se no manifesto, «falamos da superlotação prisional, com camaratas para 40 indivíduos ocupadas por 80 e com celas individuais habitadas por 3 pessoas».

«Falamos da falta de privacidade, de uma degradante miséria sexual, do recurso à pornografia como estímulo à masturbação, do forte contributo que os estabelecimentos prisionais dão para os chamados crimes sexuais, de desequilíbrio psicológico mais ou menos profundos, mas sempre traumatizantes».

Coito anal ou oral por quarenta cigarros

Os presos mais novos têm que tomar medidas (e precauções) para não serem violados. É o que

dizem os cerca de trezentos reclusos em questão no manifesto enviado aos titulares de cargos públicos, entre eles Eanes e Soares.

Afirma-se no texto, com efeito, que tais desequilíbrios afectam não apenas os presos, mas também o cônjuge no exterior e os filhos. Além da autodefesa dos presos mais novos face aos mais velhos, há — nas cadeias portuguesas — prostituição, ainda segundo o documento. A prostituição masculina e feminina é corrente, sobretudo nas cadeias de condenados, «onde por dois maços de tabaco detidos praticam coito anal e oral».

Os subscritores do manifesto pormenorizam que o assunto é sempre abordado de forma irónica pela hierarquia dos serviços prisionais, o que explicam «pelo isolamento a que a sociedade vota o sistema prisional, pelo medo e pela vergonha de se falar na questão, pelo receio por parte dos detidos de tomarem posições públicas, e ainda pela prática dos responsáveis ao procurarem a todo o custo silenciar no exterior o que se passa nas cadeias. Até um simples beijo é censurado pelos guardas, quando não reprimido» — afirma-se no texto.

O documento recorda que não existem em Portugal condições prisionais que permitam a co-habitação de casais detidos, e que é prática da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais colo-

car os cônjuges, quando condenados, em cadeias o mais longe possível, com visitas de seis em seis meses ou mesmo de ano a ano».

Humanizar sistema prisional português

«É necessário tornar consciência — afirmam os autores do manifesto — de que grande parte da população prisional é constituída por jovens que aqui estão muitas vezes pela ausência de condições mínimas de vida, de um bom ambiente afectivo, material e cultural».

«Muitos desses jovens iniciam nas prisões as suas experiências sexuais, voluntária ou involuntariamente» — fazem notar os subscritores do texto.

A essa iniciação — acrescentam —, as cadeias e a sua hierarquia «respondem com o isolamento, a repressão, a violência, originando práticas sexuais não assumidas».

«É urgente a humanização do sistema prisional português», considera o manifesto, desenvolvendo: «É urgente a criação de condições para que o direito ao amor seja uma realidade que ajude os presos a encontrarem pontos de equilíbrio».

«Não acatar esse direito é recusar as condições para a sua concretização — dizem os autores do documento». «É defender em pleno século XX que o preso é um ser anormal, uma aberração irremediável, uma nódoa, uma espécie de bicho demente, um ser ao qual se não reconhece a sua natureza», acrescentam.

Mário Castrim



A

coisa que mais admiro nas pessoas é a capacidade de projectar a longo prazo. Sou dos que sorrateiramente me limito a viver vivendo como a mais simples criatura de Deus.

Sou, vírgula. Era. Era, porque aprender é próprio do homem e eu nos últimos tempos tenho aprendido muito.

Com licença de vossas senhorias, passo a contar.

Tínhamos nós, eu e o Alberto, acabado o liceu quando fui surpreendido pela sua decisão de integrar a Comissão de Festas da Sociedade de Recreio.

No ano seguinte, pertencia à Direcção. Pouco depois, era director.

Passou a ter grande cotação na bolsa local. Enquanto eu resolvia problemas de xadrez e fazia versos, já ele era uma personalidade.

Quase ainda sem buço, trepou a representante da colectividade num organismo da Federação. Isto coincidiu com a sua entrada no mundo da construção civil. Começou por vender o prédio, com jardim, da madrinha. Só nisso foi um balúrdio. Depois, foi o edifício novo, de gaveto, com sete andares e a massa a entrar, a entrar e nunca mais a deixar de entrar...

Ao fim de três anos era presidente de um clube da segunda divisão. A seguir, presidente de um dos grandes. Criou fama. Entrevistas na Rádio, na Televisão. Letras de palmo para o seu nome nos jornais desportivos.

— Alberto, Alberto — perguntei-lhe eu — chegarte ao fim?

— Qual quê, homem, isto foram só degraus. Não te preocupes, está tudo programado...

A «bomba» rebentou certo dia, estava eu a banhos, no Luso: o Alberto era candidato à Presidência da República! Então e só então se fez luz no meu espírito. Passados dias, os jornais publicavam a seguinte notícia:

Soubemos de fonte didedigna que Mário Castrim acedeu em integrar a comissão directiva do Clube Popular de Matraquilhos que assim espera voltar aos seus tempos áureos na modalidade. Vocês riem-se? Pois riem. Mas esperem uns aninhos e hão-de ver...

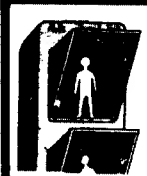
Dois operários mortos em acidentes de trabalho

Dois operários (Herculano Alves Martins, de 31 anos, solteiro, e Francisco Jorge Moutinho dos Santos, de 24, casado) morreram em acidentes de trabalho verificados respectivamente em Arcozelo, no concelho de Barcelos, e S. João da Pesqueira. Herculano Martins foi vitimado nas obras que estavam a decorrer na escola primária local, ao ser atingido pela queda de um poste das linhas telefónicas, tendo chegado já sem vida ao Hospital de Barcelos. Quanto a Francisco dos Santos caiu ao rio quando estava a trabalhar, ao serviço da EDP, na desmontagem de uma velha ponte.

Figueira da Foz

Entraram numa discoteca armados «até aos dentes»

Dois indivíduos foram detidos na Figueira da Foz, acusados de terem entrado numa discoteca daquela cidade armados com três pistolas de calibre 6.35 e duas espingardas de canos sobrepostos. «Supomos que procuravam alguém para ajuste de contas, mas, até ao momento, negaram-se a prestar declarações», disse um porta-voz da PSP local. Os dois homens (Avelino Moreira Braga e João José Loura) faziam-se transportar num automóvel com a matrícula falsa, devendo ser ainda hoje presentes ao juiz de Instrução Criminal da Comarca.



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



Breve história de uma pequena greve de fome

Victor Bandarra-NP/DI

Revoltado contra o que considera a «falta de objectividade» de um jornal de Castelo Branco e contra as «pancadas» que a Polícia lhe terá dado, um jovem de Alcains decidiu cumprir sábado uma greve de fome de pouco mais de 24 horas.

A meio do jantar de domingo, a mãe convenceu-o a levar a comida à boca. Mas lá por dentro a revolta continua e a greve de fome — afirma o jovem — «constituiu um símbolo e um protesto».

Numa carta manuscrita enviada à Agência NP, o jovem, 22 anos, de nome Jorge, afirma que entrou em greve de fome como protesto contra «as formas e meios informativos deste país» e contra «o desrespeito e violação dos direitos do cidadão» pela Polícia.

No fim da carta, Jorge escreve um poema intitulado «Vai, vem», afirmando que protesta «contra o mal, para que este se transforme em bem».

A mãe confirmou à NP, que o filho esteve pouco mais de 24 horas na cama, decidido a não comer. «Ele é epilético e bateram-lhe lá na esquadra» — afirma. «Andou uns dias muito

nervoso e revoltado e então decidiu não comer, mas lá o convencemos a desistir».

Edição recente do jornal «Reconquista» noticia que o jovem, aluno do 12.º ano da Escola Secundária Nuno Álvares Pereira, de Castelo Branco, pretendeu formar uma nova associação de estudantes e que, por esse motivo, «fazia pedidos estranhos», como ter acesso aos regulamentos da escola e a utilização de uma sala.

No gabinete do conselho directivo, Jorge exigiu na semana passada os tais regulamentos e a sala, mas acabou por ser convidado a sair.

Aqui, Jorge não cedeu e os responsáveis do estabelecimento acabaram por chamar a PSP.

Na esquadra — segundo o «Reconquista» — Jorge Sanchez começou por partir um vidro à cabeçada, acabando por se despir, ficando em trajes menores.

Os agentes — adianta o jornal — viram-se obrigados a algemá-lo e telefonaram ao pai, que veio à pressa de Alcains.

Jorge insistia em chamar um repórter do «Reconquista» mas,

ao fim da tarde, o pai e alguns amigos convenceram-no a voltar para casa.

«Estava com os lábios cheios de sangue e muito nervoso» — diz a mãe.

«Não há hospital psiquiátrico em Castelo Branco e a Polícia de cá não tem celas nem coletes de força» — diz um elemento do «Reconquista», que reconhece ter sido a notícia feita a partir de uma informação da PSP.

Aliás, o rapaz já é conhecido da PSP local. Um comissário da PSP da cidade disse que o jovem «é culto mas tem crises».

Jorge — segundo o comissário — não foi agredido pela Polícia, que tentou em vão evitar o improvisado «strip-tease».

«Aqui há tempos chegou-me aqui e pediu um carro da Polícia para o levar a Alcains» — conta. «Expliquei-lhe que não podia ser, mas ele respondeu que podia, sim senhor, porque a Polícia deve estar ao serviço do povo».

Ontem, quarta-feira, Jorge esteve em Lisboa. «Foi à consulta do médico» — diz a mãe. «Mas ele anda tão nervoso e não esquece o que lhe fizeram no liceu e na esquadra» — desabafa a mulher.

Liga contra o cancro fez peditório

Cerca de três mil voluntários iniciaram ontem na área da Grande Lisboa um peditório a favor da Liga Portuguesa contra

o Cancro, o qual irá prolongar-se até à próxima sexta-feira. No peditório de 1984 a Liga conseguiu recolher na região Sul do

Pais a quantia de 43 mil contos. Esta verba serviu para subsidiar bolsas de estudos, comprar equipamentos para o Instituto Português de Oncologia (IPO)

PRD acusa em conferência de Imprensa

Sindicância à Câmara de Castelo Branco foi arquivada após visita de Soares

Em conferência de Imprensa ontem realizada em Castelo Branco, o Partido Renovador Democrático afirma em documento que a sindicância à Câmara local foi arquivada depois da visita à cidade de Mário Soares. Entretanto, o caso das listas em duplicado do PSD e do CDS para as Câmaras de Olhão e Espinho, já se encontra resolvido. Em ambos os casos os Tribunais decidiram pela aceitação das listas encabeçadas por personalidades indicadas pelos órgãos nacionais dos dois partidos.

«Não compreendemos que tenha sido determinada uma sindicância à Câmara de Castelo Branco, e os seus responsáveis não fossem os primeiros a exigí-la em vez de, como fizeram, procurar arquivá-la», sublinha o documento do PRD divulgado durante a conferência de Imprensa de apresentação de candidatos àquela edilidade.

O texto indica ainda que a sindicância efectuada foi arquivada após a visita que o Primeiro-Ministro, Mário Soares, fez ao concelho, a convite dos responsáveis pela autarquia. Depois de considerarem que a «administração pública deve ser transparente», os renovadores democráticos preconizam a dotação de «uma organi-

zação que garanta o funcionamento interno, onde os trabalhadores sejam promovidos e responsabilizados hierarquicamente e não de acordo com os compadrios políticos, mas sim pelas suas capacidades demonstradas e tempo de serviço».

O documento acrescenta, a este propósito, que daquela forma será garantido «o funcionamento isento dos diversos departamentos camarários de molde a que estes não proponham soluções que prejudiquem a qualidade de vida dos habitantes do Concelho».

Os renovadores democráticos manifestaram a sua disposição de combaterem a corrupção e de se dedicarem «com competência, interesse e dedicação às fi-

nanças públicas».

Na reunião foi observado o facto de Castelo Branco se integrar numa zona do país «onde a densidade da população é muito baixa e onde não constituem excepção os desequilíbrios da interioridade».

Na óptica do PRD e com aplicação a esta situação, compete às autarquias «promover e incentivar tarefas económicas e sociais essenciais bem como intervir e participar, no desenvolvimento regional, nomeadamente na agricultura, comércio e indústria».

Esta actuação iria, segundo o PRD, promover a criação de empregos, facilitando a fixação da população activa e responder aos problemas dos jovens.

O mandatário distrital do PRD Dias de Carvalho, afirmou na ocasião que, relativamente a Castelo Branco, «é importante que a Câmara Municipal, como empresa que é, tenha à sua frente pessoas com conhecimento de problemas sectoriais».

Sublinhou que as autarquias devem preocupar-se com questões de carácter cultural, ensino e saúde pública.

A lista de candidatos do PRD à Câmara de Castelo Branco é constituída por Fernandes Ribeiro (advogado), como cabeça de lista, seguido de Joaquim Louro, (técnico administrativo), João Costa (engenheiro técnico agrário), António Rosário Augusto (bancário), José

Borga (médico), Irene de Matos Duarte (professora) e António João Preto (comerciante) e o cabeça de lista à Assembleia Municipal é Manuel de Sousa, chefe de pessoal e transporte numa empresa industrial de Alcains.

Entretanto, segundo divulgou à Anop uma fonte da Comissão Técnica Eleitoral do PRD, os renovadores democráticos contam vencer ou eleger boa parte dos vereadores em cerca de 20 Câmaras. No distrito de Lisboa, o PRD irá centrar as suas perspectivas nas Câmaras de Sintra e Arruda dos Vinhos, onde o partido foi a primeira força nas eleições legislativas de 6 de Outubro, situação que também se registou em Alenquer.

Amanhã é Dia de Todos os Santos

Recordar os mortos sai caro aos vivos

Recordar os mortos, no Dia de Todos os Santos, depondo flores nas suas campas, é um ritual que persiste em Portugal, apesar das dificuldades que muitos dos vivos enfrentam.

Esta tradição, assinalada sexta-feira, mantém-se a troco de moedas, as quais mesmo em Dia de Todos os Santos também têm duas faces.

Uma delas reveste-se de um carácter precioso e sagrado, que se traduz no gesto daqueles que nestes dois dias recordam os familiares e amigos que morreram.

Este gesto pode ter vários preços: um crisântemo, que os floristas de Lisboa vendem este ano a cerca de 90 escudos cada, uma orquídea, cujo preço ronda os 300 escudos. A quem falte o metal precioso, apanhar uma flor do campo pode constituir uma alternativa que não irá por certo alterar o significado do ritual.

A outra face da moeda é também preciosa mas não se pode dizer que pertença à esfera do sagrado. Trata-se do negócio daqueles para quem as flores são o «ganha-pão». Assim, faz também já parte da tradição que o preço destas aumente nesta época do ano, à semelhança do que acontece no Natal e na Páscoa.

«Nesta altura geralmente aumenta tudo, depois baixa e no Natal volta a subir» — afirma, sem rodeios, o proprietário de uma loja de flores de Lisboa. Os vendedores ambulantes

também não perdem oportunidade de zelar pelos vivos no período de finados, em regra fazem concorrência às lojas de floristas às portas dos cemitérios no Dia de Todos os Santos e no dos Fiéis Defuntos.

O culto dos mortos é um constante do comportamento humano, se bem que assuma diferentes formas consoante as épocas históricas e as civilizações, estando com ele relacionada uma crença a mais ou menos consciente numa vida além-túmulo.

Na Paleolítico, por exemplo, era uso fazer oferendas de alimentos e outros bens considerados de valor para a vida do homem na terra, àqueles que já tinham morrido.

Na Grécia e na Mesopotâmia, acreditava-se que o morto con-



tinuava a existir e que podia exercer acções malévolas sobre a comunidade dos vivos se alguns dos seus caprichos não fossem satisfeitos, e por isso as religiões destas civilizações con-

sagravam aos defuntos muitos rituais de oferendas.

Na religião cristã, a crença na vida além-túmulo também criou inúmeras normas e rituais entre os quais a celebração de missas

para o apaziguamento do sofrimento das almas.

O Dia de Finados é o dia instituído pela Igreja Católica para o apaziguamento do sofrimento de todas as almas.

BOSTON

	LISBOA	BOSTON	
TP 322	P. 10,35	C. 15,00	6.º F. (via Terceira)
TP 324	C. 10,30 (Sáb)	P. 21,25 (6.º F.)	6.º F. (via Terceira)

Às 6^{as} feiras, em TriStar 500 wide-body...

12^h AIR PORTUGAL

...e serviço como mais ninguém lhe oferece

INTERMARC

Réu revel do processo de Monsanto grita ao ser preso: "Viva as FP-25"

Luís Govern Lopes, um dos 15 réus revéis do processo das FP-25 em julgamento no Tribunal de Monsanto, foi ontem preso pela Polícia Judiciária na zona de Benfca, em Lisboa. Govern Lopes, conhecido pelo «Anarquinho», tem 29 anos, é contabilista, e é apontado pela acusação como tendo coordenado acções violentas em Lisboa e Setúbal e participado no atentado que vitimou um administrador da Fábrica de Louças de Sacavém em Dezembro de 1982.

Govern Lopes tinha já estado preso no Linho, donde se evadiu, e contra ele pendiam mandatos de captura por outros processos. A prisão ocorreu às 18 e 30 de ontem no Bairro de Benfca e foi visto pelo jornalista Pedro Cid, da Antena Um, que ocasionalmente se encontrava no local da detenção. Segundo Pedro Cid, Govern Lopes teria gritado por duas vezes: «Viva as FP-25 de Abril».

«O que me chamou a atenção foi ver quatro pessoas a correr de pistola em punho», disse aquela testemunha, que acres-

centou: «Os indivíduos armados, vestidos desportivamente, saíram de dois automóveis, um dos quais conduzido por uma mulher». Segundo Pedro Cid, o alvo da perseguição era um homem «aparentemente jovem», que depois de «empurrado» contra um prédio, foi «arastado» até uma das viaturas.

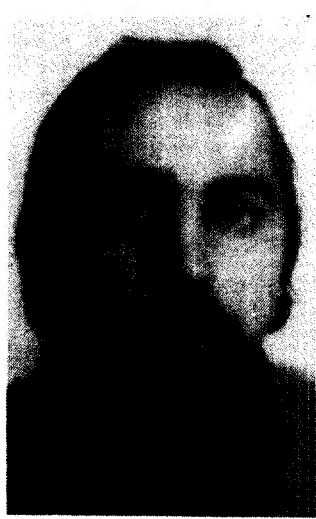
Luís Govern Lopes é referenciado no despacho de pronúncia como elemento destacado da Estrutura Civil Armada (ECA). Na sexta-feira passada, a polícia prendeu Fernando Rodrigues da Silva, que se-

gundo a acusação pertenceria também à ECA. Com a detenção destes dois elementos, eleva-se para 46 o número de réus presos no âmbito do primeiro processo «FUP/FP-25».

Jejum

O Movimento Nacional de Solidariedade com os presos do «caso FP» promove amanhã, entre as 0 e as 24 horas, no Largo do Camões, um «jejum como forma de chamar a atenção para o crime que se está a cometer no Portugal democrático».

Num comunicado, aquele movimento diz que «uma grande parte dos presos políticos estão em greve de fome e a sua vida corre perigo». O movimento de solidariedade recorda ainda as condições em que se encontram os detidos, dizendo que «arbitrária e ilegalmente, a partir do dia 22 de



Luís Govern Lopes

Setembro, os presos políticos foram encerrados 23 horas por dia em celas individuais, com o chão de acatão e um balde anti-higiénico para as suas necessidades fisiológicas, ao pé do qual é colocada a marmita da comida».

Entretanto, os presos do «caso FP» detidos na Penitenciária de Lisboa divulgaram um documento no qual denunciam o que consideram «violação dos direitos humanos, corrupção e abuso de autoridade por parte do Governo português e Serviços Prisionais» e que foi enviado a vários órgãos de soberania.

Neste documento, os presos consideram que a lógica das restrições que lhes são feitas «é a mesma do regime fascista» e dizem ser «falsas as insinuações de alguns órgãos de Informação de que a nossa greve se destina a liberalizar as medidas de segurança».

«Cabe aos serviços prisionais organizar os guardas que considere suficientes para a vigilância. O que não podem é tornar a prisão num campo de concentração», afirmam os presos.

Os detidos contestam ainda o decreto-lei que recentemente «regularizou» as medidas de ex-

cepção aplicadas aos presos do «caso FP». Segundo eles, esse decreto veio dar «à polícia e aos directores dos estabelecimentos prisionais o direito de condenarem todos os cidadãos até que eles provem que estão inocentes».

Otelo

Um grupo de vinte pessoas reuniu-se ontem no consulado português em Gijón (Norte de Espanha) para pedir a libertação do líder da «revolução dos cravos», Otelo Saraiva de Carvalho.

O grupo, constituído por membros de partidos de esquerda extraparlamentar, entregou um comunicado ao cônsul português em Gijón, Alberto Menendez. Nesse comunicado, solicita-se ao cônsul que efectue diligências junto do general Ramalho Eanes para a libertação de Otelo Saraiva de Carvalho.

MA/A - 1922

«BARATA & GARCIA, LIMITADA»

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 23 de Outubro corrente, lavrada de fls. 57 a 59 do livro de notas para escrituras diversas n.º 176-D, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lidia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a firma em epigrafe e sede em Lisboa, que ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa que, com esta, se compõe de quatro folhas e vai conforme o original. — Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos vinte e quatro de Outubro de mil novecentos oitenta e cinco.

O Escriturário Superior,

(Maria Antonieta Cordeiro da Silva Sucena)

PRIMEIRO

— A sociedade adopta a firma «BARATA & GARCIA, LIMITADA», e vai ter a sua sede em Lisboa, na Rua A, Lote vinte B, Azinhaga da Torre do Fato, freguesia de Lumiar.

SEGUNDO

— A duração é por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir desta data.

TERCEIRO

— O objecto da sociedade é a compra e venda de terrenos e respectiva urbanização.

QUARTO

— O capital social é de um MILHÃO DE ESCUDOS, encontra-se integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas iguais, de quinhentos mil escudos cada uma, pertencentes a cada um dos sócios José Augusto Barata Júnior e José de Almeida Garcia.

QUINTO

— A administração e gerência da sociedade é exercida por ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral e dispensados de prestar caução.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — A sociedade fica obrigada com a assinatura de um dos sócios gerentes ou com a assinatura do mandatário ou procurador, dentro dos limites dos poderes constantes do instrumento respectivo.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — A sociedade não pode ser obrigada em actos e contratos estranhos ao objecto social, designadamente em letras de favor, fianças ou avales.

SEXTO

— A cessão de quotas entre sócios é livre; a favor de terceiros depende do consentimento da sociedade ou de outro sócio no caso de haver só dois sócios.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Negando a sociedade ou o sócio o consentimento para a cessão, deve a sociedade adquirir a quota alienada pelo preço correspondente ao valor nominal acrescido da parte proporcional nos fundos de reserva, dos lucros apurados e não distribuídos e deduzidos os prejuízos, nas mesmas proporções. — Além disso o cedente deve ser pago de quaisquer saldos de que seja credor bem como ao preço da cessão devem ser deduzidos quaisquer saldos de que o cedente seja devedor.

SÉTIMO

— No caso de falecimento de um sócio, a sociedade continuará com o sobrevivente ou sobreviventes e os herdeiros do sócio falecido, devendo estes fazer-se representar por um só enquanto a quota estiver indivisa.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Fica desde já autorizada a divisão das quotas entre os herdeiros do sócio falecido.

OITAVO

— Anualmente e em relação a trinta e um de Dezembro, será elaborado balanço do património da sociedade e os lucros apurados serão distribuídos pelos sócios na proporção das respectivas quotas.

NONO

— As Assembleias Gerais para que a lei não exija formalidades especiais serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, expedidas com a antecedência mínima de oito dias e enviadas para os domicílios dos sócios constantes dos registos da sociedade.

«D.L.» 31/10/1985

Julgamento das FP's continuou em Monsanto

Uma tarde a discutir 108 mil sinais internos de riqueza

O julgamento do chamado caso das FP 25 e o interrogatório de Otelo Saraiva de Carvalho conheceram ontem um momento que o próprio juiz-presidente classificou de crucial «em termos de indicição».

Em causa um documento apreendido numa das sedes da FUP, em Lisboa, redigido por um dos réus do processo, José Soares da Silva Neves, também conhecido por Tozé.

Nesse documento, que constitui — o próprio Otelo o admitiu — uma espécie de acta ou um apanhado de uma reunião realizada em 25 de Fevereiro de 84 em casa de um tal PP, há referências à operação dos «cento e tal» e a projectos de investimento em tipografias, jornais, restaurantes, propriedades, carros, sedes e colocação de divisas a render na Suíça.

A gravidade deste documento, no que a Otelo respeitava — como sublinhou o juiz Adelino Salvado — residia no facto de nos cadernos do ex-comandante do Copcon se encontrarem igualmente referências a uma reunião do Directório Político Militar do Projecto Global, efectuada nessa mesma data, e aparentemente no mesmo local, com uma ordem de trabalhos quase idêntica.

Otelo, porém, foi peremptório: depois de ouvir o juiz ler na íntegra tal documento, negou ter participado nessa reunião, e embora reconhecesse que muito

do que ali se encontrava lhe era «familiar», garantiu desconhecer muita coisa do que ali estava escrito.

Explicação para o facto? Otelo não quis adiantar nenhuma, e nem sequer quis responder à hipótese, levantada pelo juiz-presidente, de se tratar de um papel apócrifo. A única coisa que Otelo admitiu sem reservas é que o autor de tal documento tinha conhecimento do que se passara na reunião do DPM em que participara.

Apoio salvador

Óbvio: o aparecimento súbito de tantos sinais interiores de riqueza na FUP, ainda para mais coincidindo no tempo com o famoso assalto a uma carrinha do banco Fonsecas & Burnay que a alguém rendeu 108 mil contos, levantou suspeitas ao juiz, que tudo relacionou.

Otelo considerou igualmente como «natural» que se pensasse na «coisa», mas remeteu o magistrado para os seus cadernos, onde, a seu ver, tudo estava explicado: a «prosperidade» da sua organização devia-se tão só ao facto de na terceira semana de Janeiro — **Por favor, sr. dr., não confunda Janeiro com Fevereiro, que isso é ponto nevrálgico** — ter sido concretizado um «apoio salvador de um país amigo, que não quis identificar (nos seus apontamentos há referências à FLN, da Argélia).

Otelo disse mais: não se lembra como é que o dinheiro chegou, não recorda se alguém da organização o foi buscar ou se foi trazido por uma delegação desse país, sabe somente que não assinou nenhum recibo e que a questão do apoio havia sido desbloqueada em Dezembro de 83. O dinheiro chegou na terceira semana de Janeiro constituía a primeira de duas tranches semestrais que o tal país amigo passaria a dar anualmente.

Ontem, a questão foi aparentemente ultrapassada. Enquanto o juiz-presidente insistiu nas semelhanças existentes entre o documento apanhado na Rua da Madalena, na sede da FUP, e os apontamentos no caderno de Otelo, este realçou as diferenças, que também existem. Mas o assunto vai voltar em breve ao Tribunal, quando chegar a altura de discutir outros documentos.

Folclore

A sessão de ontem teve outros momentos bem menos melindrosos e, como sempre acontece, a roçar mesmo o folclore. O diálogo entre o juiz-presidente e Otelo é francamente fácil e por vezes até parece uma amena cavaqueira entre velhos conhecidos. E Otelo, com uma naturalidade surpreendente, tem sempre uma resposta, ou uma «boca», que

provoca a hilaridade de quem o ouve.

Ontem, por exemplo, disse ao juiz-presidente que achava «imensa piada às enormes condições de segurança em que decorre o julgamento», lembrando que estava ali com «muito prazer», pois uma vez que tinha sido detido, sempre quisera que o julgamento se realizasse.

«Segundo me disseram» — comentou Otelo — «esta segurança toda é para evitar a minha fuga ou um atentado contra mim (...) Acho ótimo e agradeço. Mas a verdade é que nunca pretendi fugir, quero o julgamento e em vez de estar detido em Caxias podia estar antes sujeito a um regime de detenção domiciliária. Faziam a segurança toda na mesma e eu ia e vinha todos os dias. Não faltaria a nenhuma sessão...»

Num tom mais grave, e noutra passo do julgamento, Otelo admitiu que os seus camaradas do Projecto Global afinal tinham razão nas críticas que lhe faziam por ter a mania de registar por escrito tudo o que se passava nas reuniões. Porém, esclareceu, queria ficar com «uma memória» sobre a esquerda revolucionária em Portugal, pois pensava escrever, mais tarde, um livro...

O julgamento prossegue esta tarde, a partir das 14 horas.

RC

Apareceram os primeiros pedidos de indemnização

Número de mortos de Alcaface confirma previsões do "DL"

A CP recebeu dois pedidos de indemnização por mortes no acidente ferroviário de Alcaface / Moimenta do Dão, que ocorreu em 11 de Setembro e cujo número total de vítimas está ainda por esclarecer. Uma tonte da Protecção Civil do distrito de Viseu admitiu entretanto que o número de mortos seja superior ao divulgado oficialmente (apenas 50), embora inferior à centena. A confirmar-se essa informação de fonte estreitamente ligada aos bombeiros da região, o total de vítimas enquadrar-se-á nas previsões iniciais do "DL", tornadas públicas na sua edição de 12 de Setembro: entre 65 e 80 mortos.

Além dos dois pedidos de indemnização por mortes acima referidos, a empresa dos Caminhos-de-Ferro Portugueses foi também posta perante mais 46 pedidos, mas estes por perda ou deterioração de bens, disse um informador da CP.

O choque frontal de dois comboios, ao fim da tarde (faltavam seis minutos para as 19 horas) do dia 11 de Setembro deste ano, a um quilómetro da estação que serve Alcaface e Moimenta do Dão (a primeira é freguesia de Mangualde e é sobreprovocada conhecida pelas suas termas), provocou um número de mortos nunca completamente determinado,

mas que se deverá aproximar dos números que inicialmente admitimos. Devido ao incêndio imediatamente gerado pelo violento embate, arderam cinco carruagens dos dois comboios — um «internacional», saído do Porto e que seguia para Vilar Formoso / Irun; outro saído da Guarda e com destino à Pampilhosa / Coimbra. Numa das carruagens a temperatura chegou a atingir 600 graus!

Se bem que fontes oficiais estimem o número de mortos em meia centena, responsáveis das corporações dos bombeiros que prestaram assistência aos feridos, intervindo de imediato no socorro às vítimas (casos

das corporações de Mangualde, Nelas e Santa Comba Dão) opinam que haverá — como o "DL" sempre referiu — mais vítimas.

Os dois pedidos de indemnização por morte recebidos pela CP «estão — segundo um elemento das Relações Públicas da empresa — a ser analisados pelos órgãos competentes».

Dos 46 pedidos de indemnização por perda ou deterioração de bens, cinco já foram resolvidos. A mesma fonte da CP não adiantou, contudo, como é que esses casos foram resolvidos. Aliás, é timbre da CP não entrar em detalhes em casos deste tipo...

Faculdade de Letras

Alunos de História hoje em greve

Os alunos do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa estão hoje em greve por não ter sido renovado o contrato de Hernâni Resende, considerado pelos seus alunos «um docente exemplar».

Tendo a seu cargo a cadeira de História das Ideologias e Mentalidades, Hernâni Resende tem reconhecida capacidade pedagógica e um curriculum científico notável, de acordo com o comunicado da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa.

É ainda internacionalmente reconhecido como um dos grandes especialistas da Revolução Francesa. A sua tese de doutoramento foi orientada por Albert Soboul e, após a morte deste, por Michel Vovelle.

O eventual afastamento do dr. Hernâni Resende não seria um caso isolado. Nos últimos anos, além dos casos, não concretizados, de tentativa de afastamento dos docentes José Manuel Tengarrinha e Borges Coelho no passado ano lectivo, foram afastados Jorge Custódio, João Serra e Rio de Carvalho, «em circunstâncias pouco claras para o curso».

Numa reunião geral de alunos no passado dia 28, que decidiu a

greve de hoje, concluiu-se que apesar das diferenças pontuais entre os vários casos, existe um factor comum na situação: o afastamento de alguns dos docentes mais prestigiados do curso, em muitos casos para reforçar o corpo docente de outras Faculdades, enquanto o curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa «se transforma cada dia que passa numa mentira maior».

«Há dois anos que nenhum estudante de História é colocado no ensino secundário», prossegue a AEFLL. «A actual estrutura do curso não garante qualquer tipo de saída profissional aos milhares de estudantes que o vão frequentando». Perspectivas de criação de uma variante pedagógica «estão na gaveta há anos».

Propostas de reestruturação do curso que garantam saídas profissionais dignas serão apresentadas pelos representantes da Faculdade de Letras de Lisboa no II Encontro Nacional dos Estudantes de Letras, que se realizará em Lisboa no fim de Novembro.

Outra RGA foi marcada para o próximo dia 5, no anfiteatro I da F. de Letras, às 11 horas para os alunos da manhã e às 18 h para os alunos da noite.

Distrito de Setúbal

Milhares de alunos ainda sem aulas

As aulas ainda não começaram nas escolas secundárias da Bela Vista e do Bocage, do concelho de Setúbal, por não estarem concluídas as obras indispensáveis ao seu normal funcionamento.

Essa realidade foi constatada pelos deputados do PCP, Odete Santos e Jorge Patrício, eleitos pelo distrito de Setúbal, que visitaram aquelas escolas.

As obras prometidas pelo ME para a Escola da Bela Vista, começaram já muito próximo da

abertura do ano lectivo, ou seja, 11 de Setembro.

O conselho directivo alertou em tempo útil o ME para a urgência das obras, mas dado o atraso, os seus 1200 alunos ainda não sabem quando terão aulas.

O ME prometeu igualmente que abriria no dia 15 de Outubro uma nova escola secundária destinada aos 400 alunos excedentários do sétimo ano de escolaridade, mas as obras estão

ainda na fase de terraplanagem.

Na Escola Secundária do Bocage a situação é idêntica. O ME prometeu a realização das indispensáveis obras de reparação para o mês de Agosto, as quais só começaram a 25 de Setembro, pelo que as actividades lectivas ainda não começaram também.

A abertura está prevista para o próximo dia 4, continuando as obras em curso.

Por seu lado, a reparação da instalação eléctrica, que não é

revista há mais de 30 anos, está prevista só para Dezembro.

Nesta escola estão 3100 alunos sem aulas.

Os deputados comunistas foram ainda informados de que há 3360 alunos sem aulas no concelho do Seixal, 1230 no concelho do Barreiro, na Moita, 1770, além de em Alcácer do Sal haver 350 alunos do ensino unificado sem aulas por falta de professores, e 500 em Grândola pela mesma razão.



TRIBUNAL TRIBUTÁRIO
DE 1.ª INSTÂNCIA
DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se Publico, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 13 de Novembro de 1985, pelas 15 horas, neste tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a GÖTER — Grupo Organizativo de Transportes e Representações, Lda, com sede na Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 35-11.º B, em Lisboa, no proc.º executivo n.º 3912/84 e apenas instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse da fracção autónoma designada pelas letras BR constituído pelo 11.º andar letra B com entrada pelo 35-A do prédio A-2 do Edifício Avis, sito na Av. Fontes Pereira de Melo, e o respectivo recheio a que se atribui o valor total presumível de dois milhões de escudos (2 000 000\$00).

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

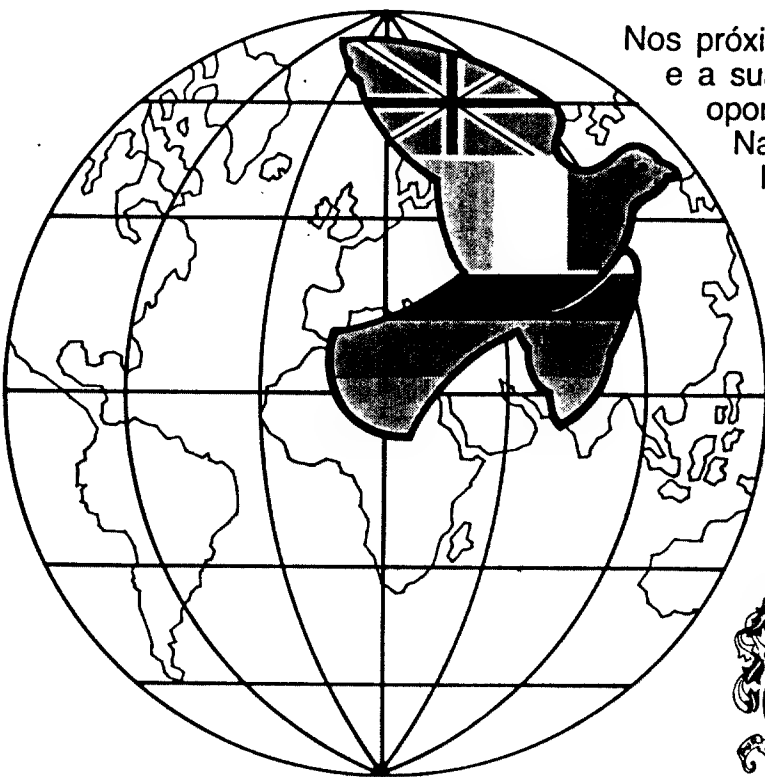
Lisboa, 28 de Outubro de 1985

O Juiz de Direito,
Manuel Luis Macaísta Malheiros

O Liquidador Tnb
F. Lopes

«DL» 31/10/85 — 2.ª pub.

Levante-se e voe para a Europa



Nos próximos 10 anos, o desenvolvimento do novo Portugal e a sua integração na Europa dar-lhe-ão inúmeras oportunidades para o seu futuro.

Na nova situação você não pode ficar sem saber Inglês, Francês e Alemão, as línguas usadas, como veículo de comunicação internacional, na CEE. Dê já a si mesmo, a maior chance possível, aprendendo a falar fluentemente estas línguas, no dinâmico Instituto de Línguas "Cambridge School" o único que lhe oferece uma tão vasta gama de cursos e serviços.

LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1.º — 1200 LISBOA — TEL. 85 47 80 - 55 47 89
CURSOS: INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO
LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-2.º — 1200 LISBOA — TEL. 53 34 73
INTENSIVOS / VIDEOS / EXAMES
PROFISSIONAIS / EMPRESAS
LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-4.º — 1200 LISBOA — TEL. 52 13 52 - 57 60 30
AULAS INDIVIDUAIS
PORTUGUESE FOR FOREIGNERS
LISBOA: AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1.º DIR. — 1000 LISBOA — TEL. 88 45 44 - 89 96 01
BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5.º DIR. — 1500 LISBOA — TEL. 70 43 29 - 70 36 38
ALMADA: PRAÇA DO M.F.A., 12-1.º — TEL. 276 02 34 - 275 32 18 — 2800 ALMADA
PORTO: RUA DUQUE DA TERCEIRA, 138-1.º — TEL. 56 03 80 - 56 11 30 — 4000 PORTO
COIMBRA: PRAÇA DA REPÚBLICA, 15 — 3000 COIMBRA — TEL. 2 82 85 - 3 49 69
FUNCHAL: RUA DA CARREIRA, 240-1.º — 8000 FUNCHAL — TEL. 4 37 1 - 4 10 67



cambridge school

A receita do dia

Sempre as caldeiradas

Ingredientes: peixe (400 gramas por pessoa) em variedades que variam de região para região, mas que incluem quase sempre o tamboril, safio, raia, pata-roxa, xaroco, cação; batatas; tomate bem maduro; cebola; salsa; sal, pimenta e azeite.

Confecção: Cobre-se o fundo do tacho com uma camada de batatas, depois outra de cebola, tomate e ramos de salsa, seguindo-se-lhe outra camada de peixe. Esgota-se o peixe e as batatas, sempre em camadas alternadas, ficando pelo meio as de cebola e tomate cortadas às rodela. Cada camada leva um fio de azeite, sal e pimenta. Coze-se em lume brando, com o tacho tapado, sem adição de água, para comer quente.

Partir das formas da Antiguidade

Erguer as instalações, construir a roda, começar por gosto, foi o percurso de um ceramista de 27 anos que, dois anos e meio depois do início da aventura, tem pavilhão e trabalho ao vivo. Entre o sonho do começo e a realidade do sucesso, um trabalho que tem como base o partir das formas da Antiguidade.

«Comecei a fazer cerâmica com vinte mil escudos», diz Arnaldo Franco, que aos 27 anos já tem facturas e uma actividade que define como comercialmente organizada. Os tempos já não são os do amadorismo inicial, da surpresa do bom acolhimento das primeiras peças da emoção das encomendas inesperadas.

Por isso, as responsabilidades são acrescidas e, como contraponto negativo, a constatação de que «a comercialização não permite disponibilidades para fazer figuras e um novo tipo de modelos».

No entanto, se este facto limita a criatividade, a alteração de propósitos que se seguiu ao «boom» da procura teve, segundo o artista, alguns pontos positivos. «Deu-me possibilidades económicas de fazer peças de melhor qualidade, na

base de um trabalho de pesquisa muito grande, pois aqui na região de Santarém houve bastante cerâmica, sobretudo na Antiguidade». O prazer de fazer reviver peças que se foram perdendo ao longo dos tempos, mantém «vivo» um artista que, pela comercialização directa e através de exposições e vendas, tenta ultrapassar os vícios e as armadilhas dos circuitos normais.

O prazer pessoal existe, e na procura de novas experiências, o ceramista retirava de um algarido de plástico bocados de barro húmido, compondo a pequenos golpes de dedos a figura do «Zé das Papas», o símbolo do Festival de Gastronomia. Contudo, nos expositores, as figuras estão ausentes, sendo todo o espaço reservado para peças ligadas às primitivas utilizações e que agora ganharam uma nova

função, essencialmente decorativa. «As peças variam entre os 350 e os 5600 escudos e, depois de passarem pelas 10 operações necessárias, contabilizam uma hora de trabalho».

Artesanato é alternativa

Pela variedade de artesanatos presentes é curioso observar, nos pavilhões de Santarém, as diversas formas das peças em exposição. Arnaldo Franco define o seu trabalho como artesanato urbano, ao passo que as peças de Mestre Vista, o ceramista de Molelos, são uma amálgama de influências, com a imaginação a pulso livre. «Os modelos de base são muitos imaginativos, mas a formação das pessoas é muito restrita». Por outro lado, como sublinha o ceramista de Santarém, «o artesanato, hoje, está virado para a decoração».

Esta facto possibilita que muitos dos artistas, sobretudo os jovens para quem a procura de emprego e formação profissional é cada vez mais um beco sem saída, encontrem no artesa-

dividuais — arrefeceu, perdeu-se o apuramento do conjunto. O bufete gera a lufa-lufa inevitável, a indecisão e provavelmente a indiferença de muitos perante o que seria, de facto, mais representativo.

De qualquer modo, o conjunto das entradas, só por si, conquistou boa nota para a Re-

Poalha de ouro sobre mar azul

Aparece sempre, a Região de Turismo da Costa Azul, à procura do ouro mais brilhante. Ou seja, não hesita em estender as entradas até ao limite da capacidade, rebusta até onde pode, insiste na máxima variedade de doces e sobremesas, este ano em serviço de bufete. Claro que o efeito final é diverso.

gião da Costa Azul, com destaque inteiramente merecido para o espadarte fumado, ao cuidado de um restaurante da Costa de Caparica. Mas, igualmente a merecer relevo, um camarão à Costa Azul e a já habitual feijoada de choccos, agora a tornar-se obrigatória para quem visite Sesimbra.

São assim, estas coisas: nem sempre à maior ambição corresponde a melhor resposta... Mas fica a intenção e a prova de que a região tem potencialidades.

Para os próximos dois dias, com o feriado de permeio, é

preciso falar do que está prometido já para amanhã, pela Região Centro. Nada mais nada menos que um almoço revivista sob o tema genérico de «A banhos na Figueira da Foz».

Depois, sábado, será a oportunidade de Viseu, com uma ementa que tentará fazer justiça a uma velha tradição de bem comer: entradas de enchidos, sopa da aldeia, trutas com presunto, rojões à Beira, requeijão com abóbora e a barriga de freira.

Hoje, quinta-feira, foi o dia de S. Mamede.



Arnaldo Franco a trabalhar na roda o «Zé das Papas»: a primeira figura do percurso do ceramista

nato uma via alternativa, simultaneamente criativa e economicamente compensadora.

Neste ponto, Arnaldo Franco tem opiniões muito definidas, e considera possível que «as autoridades que têm a ver com o artesanato devam agarrá-lo», e criar uma estrutura para possibilitar a comercialização e evitar ao artista as pressões e exigências do mercado».

Seria uma fórmula de, sem censuras estéticas ou orienta-

ções cupulistas, de má memória na nossa história, através da divulgação dos estereótipos feita pelo Secretariado Nacional de Informação, dar a ajuda necessária aos artesãos que enchem ruas e praças.

Este tema seria tornado ainda mais candente quando os artesãos foram confrontados com a presença na feira dos inspectores das Finanças. «A presença deles reflecte a ambiguidade do que temos em artesanato neste momento. É a falta de definição

do que é ou não é artesanato, o não haver uma demarcação exacta de onde acaba a criatividade do artista e começa a haver uma actividade comercial organizada». As palavras do ceramista de Santarém têm uma causa: «Eu trabalho sozinho, e só agora a minha mulher me começou a ajudar: há pessoas que têm 10 empregados e 200 tarefeiros e outras ainda que só trabalham duas horas por dia».

N.R.



PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

TERRA DE FRUTOS E DE MAR...

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex



DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

VINHOS DO PORTO DE IDADE

Porto c/10 anos

Porto c/20 anos

Porto c/30 anos

Porto c/mais de 40 anos

Representantes exclusivos para zona centro - LISBOA
Real Vinhos - R. S. Paulo, 216 - 2.º esq.
Telf. 373484
Telex 12168 - LISBOA

A situação na Argentina

O presidente argentino, Raul Alfonsín afirmou ontem que existem «inimigos ocultos» que pretendem tomar o poder e pediu aos argentinos que respondam com votos aos «atentados contra a democracia».

Numa mensagem ao país, por ocasião do segundo aniversário da reinstauração do regime democrático, Alfonsín advertiu que este «não é fraco e saberá defender-se contra os poucos que conspiram para o derrubar».

O presidente justificou as recentes medidas de excepção adoptadas pelo seu governo como «um estado de sítio que o povo declara contra os profissionais do autoritarismo» e convidou o povo argentino a comparecer em bloco nas eleições de domingo.

'Poesia Angolana Contemporânea'

Textos de 25 escritores angolanos estão incluídos numa nova antologia de «Poesia Angolana Contemporânea» agora publicada na União Soviética pela editora RADUGA.

Os autores antologados são: Agostinho Neto, António Cardoso, António Jacinto, Antero de Abreu, Alexandre Daskalos, Alda Lara, Aires de Almeida Santos, David Mestre, Maria Eugénia Neto, Tomás Vieira da Cruz, Geraldo Bessa Victor, Maurício de Almeida Gomes, Ernesto Lara Filho, Arlindo Barbeitos, Jorge Macedo, Manuel Rui, Arnaldo Santos, João Abel, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Lima, Mário António, Jofre Rocha, Tomás Jorge, Henrique Guerra e João Maria Vilanova.

Tiroteio em Springfield

Uma mulher matou hoje duas pessoas e feriu oito, ao disparar numa zona comercial movimentada, em Springfield, sem razões aparentes — anunciou a Polícia.

Sylvia Seegrist, 25 anos, munida de uma pistola semiautomática e, apresentando-se com uma farda militar, abriu fogo sobre a multidão, matando uma criança de dois anos e um homem de 64 anos, até ser detida por um estudante.

Seegrist foi detida sob custódia, e é acusada de homicídio e outros crimes, tendo denotado «sofrer de problemas emocionais», segundo revelou o responsável do departamento policial daquela cidade.

Botha perde votos

O Partido Nacional, do presidente Pieter Botha, foi o grande derrotado nas eleições parciais realizadas ontem em cinco distritos da África do Sul, embora tenha perdido apenas um lugar — revelam resultados divulgados hoje.

As eleições foram realizadas para preencher cinco lugares vagos na «Câmara Branca» do Parlamento, respeitantes aos distritos de Vryburg, Sasolburg, Springs, Bethlehem e Port Natal.

O Partido Nacional, de Pieter Botha, perdeu o seu lugar em Sasolburg, uma localidade mineira, cem quilómetros a Sul de Joanesburgo, onde o partido de extrema-direita, Herstigte Nasionale, que advoga a supremacia branca, obteve a sua primeira vitória eleitoral em 16 anos de história.

Nos restantes quatro distritos, o Partido Nacional manteve os seus lugares, mas teve dificuldades face ao grande número de votos recebido pelo Partido Conservador.

Em Vryburg, uma zona principalmente rural, o Partido Nacional obteve uma maioria reduzida de 1188 votos.

Em Springs, 24 quilómetros a Leste de Joanesburgo, o Partido Nacional só teve mais 749 votos do que o Partido Conservador. Nas eleições gerais de 1981, o partido de Botha tinha obtido uma confortável maioria de 2481 votos.

Zhao Ziyang no Brasil

O primeiro-ministro da República Popular da China, Zhao Ziyang, chegou ontem a Brasília, procedente da Colômbia, para uma visita oficial de cinco dias ao Brasil.

Na base aérea de Brasília, onde era aguardado pelo presidente brasileiro, Jose Sarney, e ministros do seu gabinete, foi içada pela primeira vez a bandeira da República Popular da China, após o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, em Agosto de 1974.

Zhao Zhiyang, que viajou acompanhado por vários assessores do Estado, incluindo Chern Muhua, uma das poucas mulheres na cúpula do governo de Pequim, inicia hoje as suas actividades oficiais com uma entrevista com o presidente Jose Sarney.

A dias da Cimeira de Genebra

Reagan quer partilhar "Guerra das Estrelas" com a URSS

O presidente Reagan ofereceu a partilha da tecnologia de defesa espacial do seu programa «Guerra das Estrelas» à URSS em troca da redução mútua das armas nucleares.

Numa entrevista à BBC, Reagan disse: «Nada seria melhor do que as duas superpotências, que possuem os maiores arsenais, partilharem os sistemas de armas defensivas que garantissem a sua segurança contra as armas nucleares que seriam eliminadas.»

Interrogado sobre se partilharia a tecnologia da sua iniciativa de defesa estratégica (IDE) para produzir um sistema de defesa antinuclear baseado no espaço se houvesse redução mútua de armas, Reagan replicou:

«Porque não? E penso que isso será algo a discutir na Cimeira... teremos de alcançar reduções das armas ofensivas. Por outras palavras trocaremos as armas ofensivas pelas defensivas.»

Reagan deverá avistar-se com Mikhail Gorbachev, em Genebra, no próximo mês.

O presidente Reagan disse que o máximo que se pode espe-

rar da próxima Cimeira de Novembro com o líder soviético é a «eliminação da paranóia» entre as superpotências.

Reagan disse também que o secretário de Estado George Shultz, que viaja no fim-de-semana para Moscovo, debaterá a agenda com os líderes soviéticos para que «ninguém seja apanhado de surpresa na Cimeira com o aparecimento de um assunto que não tenha sido considerado».

Entretanto, a Suíça convocou o Exército para ajudar a proteger o presidente norte-americano Ronald Reagan e o líder soviético Mikhail Gorbachev durante a sua cimeira em Genebra.

Cerca de 2000 soldados serão instalados nesta cidade, localizada nas margens de um lago, para assegurar que a visita dos líderes das superpotências decorrerá sem ataques terroristas ou tentativas de assassinato.

As tropas vão concentrar-se numa faixa de oito quilómetros

na margem norte do lago de Genebra, onde vai decorrer a maior parte da actividade da Cimeira, incluindo os alojamentos dos líderes, numerosos acontecimentos de cariz social e os locais para as conversações formais a 19 e 20 de Novembro.

Encontro com jornalistas soviéticos

A Casa Branca anunciou que Ronald Reagan recebe hoje quatro jornalistas soviéticos, para a primeira entrevista que um presidente norte-americano concede à Imprensa da URSS em 24 anos.

O último chefe de Estado norte-americano a ser entrevistado por jornalistas soviéticos foi John Kennedy, em 25 de Novembro de 1961, na sua residência de Hyannisport, Massachusetts.

Quatro representantes das agências noticiosas soviéticas Tasse e Novosti, do jornal governamental «Izvestia» e do diário do Partido Comunista «Pravda» entrevistarão Reagan no gabinete oval da Casa Branca.

O porta-voz presidencial, Larry Speakes, salientou que esta entrevista é encarada em Washington «como uma oportunidade histórica e ímpar para o presidente comunicar directamente com o povo da União Soviética».

O apoio da NATO

A NATO declarou o seu completo apoio às posições do presidente norte-americano na Cimeira de Novembro com o líder soviético, Mikhail Gorbachev.

«Declaramos que o presidente vai a Genebra com o apoio completo e a solidariedade da Aliança», afirmam os ministros da Defesa da NATO num comunicado conjunto.

O comunicado, distribuído no final de uma reunião de dois dias do grupo de planeamento nuclear da aliança, manifesta «completo apoio às posições dos Estados Unidos relacionadas com os sistemas intermédios, estratégico e de defesa do espaço».

Diplomatas soviéticos libertados em Beirute

Três funcionários da Embaixada soviética em Beirute, raptados há 30 dias, foram ontem libertados e dirigiram-se a pé para a Embaixada, onde estava montado um forte dispositivo de segurança, revelaram as autoridades soviéticas e milícias de esquerda.

O adido de imprensa, Oleg Spirin, o adido comercial Valery Mirikov e o médico da missão diplomática, Nikolai Sversky, foram libertados em Beirute ocidental exactamente um mês depois de terem sido raptados, a 30 de Setembro, por guerrilheiros da Organização de Libertação Islâmica.

Em comunicado, a organização que se crê ser apoiada por fundamentalistas sunitas, afirma que a libertação dos diplomatas visa mostrar à opinião pública internacional as «suas boas intenções». Não faz, todavia, referência a um quarto diplomata, o secretário consular Arkady Katkov, abatido dois dias após o rapto.

Logo após a libertação, chegaram à Embaixada dirigentes do Partido Comunista Libanês e diversos chefes de milícias de esquerda.

Depois de a rádio ter noticiado a libertação dos soviéticos, vários disparos de armas foram ouvidos nas ruas de Beirute, como forma de celebrar o fim de um mês de cativeiro.

Solucionada a crise política italiana

O primeiro-ministro italiano em exercício, Bettino Craxi, afirmou que está solucionada a crise governamental despoletada pelo caso «Achille Lauro» e anunciou que o Governo será reconduzido na próxima semana.

O líder socialista disse que informará hoje o presidente, Francesco Cossiga, sobre a resolução da crise, na sequência de contactos havidos com representantes dos cinco partidos da coligação: sociais-democratas, democratas-cristãos, socialistas, republicanos e liberais.

O Parlamento debaterá uma moção de confiança apresentada pelo Governo na próxima semana.

A crise no governo de coligação foi despoletada a 16 de Outubro passado pela retirada do Partido Republicano, liderado pelo ministro da Defesa, Giovanni Spadolini.

Spadolini contestara energicamente a acção do primeiro-ministro relativamente ao caso do sequestro do navio italiano «Achille Lauro», e sobretudo o facto deste ter autorizado a saída do país de Abul Abbas, o líder

da Frente para a Libertação da Palestina, acusado por Washington de ser o cabecilha dos sequestradores.

Entretanto, o Supremo Tribunal de Apelação determinou que o julgamento dos quatro sequestradores palestinos do «Achille Lauro» e presumíveis assassinos de um dos passageiros deverá efectuar-se em Génova. O mesmo tribunal confirmou o mandado de captura emitido por um magistrado da cidade siciliana de Siracusa contra Abul Abbas.

Rajiv Gandhi: um ano de governo

O primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, cumpre hoje o primeiro ano de governação à frente da União Indiana.

A 31 de Outubro de 1984, dez horas depois dos guardas «sikhs» terem abatido a tiro a então primeira-ministra, sua mãe, Indira Gandhi, e sem que o Parlamento nem a direcção do partido do Congresso (maioria) tivessem tido tempo para se reunir, Rajiv Gandhi foi nomeado primeiro-ministro pelo presidente Zail Singh.

Com apenas quatro anos de experiência política, o filho

mais velho de Indira Gandhi e neto de Yawaharlal Nehru, piloto aéreo de profissão, começou a governar um país com mais de 730 milhões de habitantes.

O primeiro-ministro manteve a convocação eleitoral feita pela sua predecessora e legitimou o seu cargo nas eleições parlamentares de Dezembro de 1984. «Mister Clean» («Senhor limpo»), como lhe chamava a Imprensa indiana, soube distanciar-se de muitos dos homens fortes do partido no poder que estavam implicados em es-

cândalos de corrupção e rodeou-se de homens mais jovens, tanto no seu governo, como na cúpula do partido.

Apoiado por uma cómoda maioria de mais de dois terços na Câmara Baixa do Parlamento, deu os primeiros passos para apaziguar os dois principais focos de tensão do país: Punjab e Assam. O Punjab, no Noroeste da Índia, onde três anos de confrontos tinham criado praticamente uma situação de guerra civil é hoje um Estado em vias de solucionar os seus conflitos.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DA 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 12 de Novembro de 1985, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp n.º 5-4 — vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Victor C. Cordier, Lda, com sede na Rua do Açúcar, 78 — Lisboa, no processo executivo n.º 43/77, insinuado por dívida à Caixa de Previdência e Abono de Família Comércio do Distrito de Lisboa

deve à Fazenda Nacional: — Bens penhorados

VERBA N.º 1 — Escritório — Sala 1 — Um jogo de mapas (terno) forrados a napa creme — secretária metálica com tampo em fôrma e seis gavetas; uma mesa de centro, metálica com tampo em fôrma; um armário metálico, estante, com portas de vidro ao centro; um relógio de sala, com três pesos de pêndulo em bom estado de funcionamento; uma cadeira de secretária em ferro forrada a napa verde, rotativa, tudo em bom estado de conservação no valor de 70 000\$00.

VERBA N.º 2 — Sala 2 — Dois sofás em napa; uma cadeira em madeira, rotativa, de secretária; uma cadeira forrada a napa, um armário em madeira com vitrine em vidro ao meio, um armário com duas prateleiras, uma mesa em madeira para telefone, uma secretária em madeira com uma gaveta e dois armários, tudo no valor de 20 000\$00.

VERBA N.º 3 — Sala 3 — Uma mesa em madeira para reuniões; cinco cadeiras e um maple forrados a napa creme, uma cadeira em madeira, rotativa, para secretária, dois armários em madeira com quatro portas em vidro e quatro portas em madeira, cada, um armário em madeira tipo estante com porta de correr; um armário em madeira com duas prateleiras; um armário metálico marca «FOC», com dois corpos, uma mesa metálica para máquina de escrever com quatro gavetas, uma cadeira metálica e uma cadeira em madeira, tudo no valor de 50 000\$00.

VERBA N.º 4 — Sala 4 — Sete secretárias em madeira de vários tipos; vinte e sete armários arquivos com quatro gavetas da marca «SEEL»; um fotocopiador antigo; uma máquina de calcular, eléctrica, marca «OLIVETTI», uma máquina de escrever da marca «MESSA», n.º 6807750, uma ventoinha, marca L.B. — Luxe Electric FAN, n.º 7399, uma máquina de contabilidade, antiga, marca D.D.R., tipo F.M.E. em mau estado, um armário com três gavetas; um ficheiro metálico com dezasseis gavetas, sete corpos de estante da marca «DEXION», com duas prateleiras, dois ficheiros pequenos com duas gavetas cada; seis cadeiras em madeira; um relógio de parede, redondo, marca «JUNGHANS», nove corpos de prateleiras, tipo «DEXION», com quatro prateleiras; dois armários vestidores, metálicos com quatro corpos, tudo no valor de 30 000\$00.

VERBA N.º 5 — Sala 5 — Três secretárias em madeira de vários tipos, uma ventoinha, marca KDK, com três velocidades, uma máquina de calcular, eléctrica, marca «OLIVETTI», um ficheiro metálico com quatro gavetas, um ficheiro metálico com dois gavetões, um ficheiro metálico com uma gaveta, um ficheiro metálico com duas gavetas, uma máquina de escrever, marca «MESSA» com n.º 6807749; um relógio de parede, redondo, marca «ELETTA», dois ficheiros metálicos, com suporte de rodas, quatro cadeiras em madeira, um candelabro em vidro com três braços, tudo no valor de 30 000\$00.

VERBA N.º 6 — Sala 6 — Duas máquinas de contabilidade, eléctricas, marca «ADLER», mod. T.A. 10, com os n.ºs 7973439 e 7977864, em funcionamento, três ficheiros metálicos, com suporte de rodas, uma ventoinha, marca KDK — Full Auto matic, três secretárias e uma mesa em madeira, uma máquina de calcular marca «WALTER», um armário arquivo com quatro portas de vidro e quatro em madeira, três cadeiras em madeira, uma em madeira, tudo no valor de 50 000\$00.

VERBA N.º 7 — Sala 7 — Uma secretária em madeira com oito gavetas e tampo em fôrma; uma secretária metálica com seis gavetas, um armário em madeira com quatro portas em vidro e quatro em madeira, um ficheiro metálico com duas gavetas, um ficheiro metálico com uma gaveta, quatro cadeiras em madeira, no valor de 50 000\$00.

VERBA N.º 8 — Sala 8 — Um cofre bloco com duas portas e duas gavetas, se greio de quatro compartimentos em cada porta, marca «CASA DAS BALANÇAS JOAO MAN. DA P. USFCA», n.º 8601, oito secretárias em madeira de vários tipos, uma máquina de calcular, com tampo em fôrma, uma secretária metálica tampo preto, uma máquina de escrever, incorporada da marca «REMINGTON», sem motor, com tampo em fôrma, uma máquina de escrever eléctrica, da marca «HERMPS», n.º 6807749, uma máquina de calcular da marca «LA GOMARSINO», mod. 8341, n.º 6807749, uma máquina de calcular marca «ODHNER», eléctrica com n.º 116/794, uma máquina de franquiar da marca «FRANCOTIP», uma máquina de calcular da marca «FACIT», eléctrica com n.º 2801458, uma ventoinha da marca L.B. — Luxe Electric FAN, com n.º 7335, uma balança para correspondência, marca «AVERY», até 500 gramas, um relógio de parede em madeira marca «BOA REGULADORA», uma secretária em madeira com tampo em vidro para arquivos impressos, uma máquina de franquiar da marca «PROTECTORGRAPH», uma balança para correspondência, marca «SYRO», até 250 gramas, dois ficheiros metálicos com uma gaveta cada, um ficheiro metálico com duas gavetas, nove cadeiras em madeira, uma cadeira metálica forrada a napa, um ficheiro armário em madeira com duas portas de correr, tudo no valor de 50 000\$00.

VERBA N.º 9 — Sala 9 — Uma mesa em fôrma e pés metálicos, seis cadeiras em fôrma e pés de metal, uma mesa em madeira com tampo em vidro, uma cadeira em madeira forrada a napa, um ficheiro metálico com duas gavetas, tudo no valor de 5000\$00.

VERBA N.º 10 — Sala 10 — Um armário vitrine, com três prateleiras em vidro, uma secretária em madeira, pequena, com tampo em vidro, uma marquês e um biombo, três cadeiras em fôrma e pés de metal; duas cadeiras em madeira, pinta das a branco, uma mesa metálica com duas prateleiras em vidro, tudo no valor de 5000\$00.

VERBA N.º 11 — Sala 11 — Cinco mesas, quadradas, com tampo em fôrma e pés em metal, um quadro em lousa preta, com suporte em ferro, nove cadeiras em fôrma e pés em metal, tudo no valor de 3000\$00.

FABRICA — Sala 1 — VERBA N.º 12 — Um torno para tornear cilindros de bor- rachas, com rectificador da marca «ATELIERS DEMOOR» — Bruxelles — 1889; um limador da marca RICE N.º SRL tipo 700, de fabrico italiano, dois engenhos de furar, eléctricos, um suporte mecânico da marca «GLÓRIA», eléctrico, um engenho de furar, eléctrico, da marca F.F.I., com o n.º 53, tipo F.C. 2 — série A.A., um aspirador tipo industrial, da marca «NILFISK», com o n.º 43400, tipo G.I., um torno mecânico, da marca «O.M. PREALPINE - VARESE», um torno mecânico, da marca «FACHO MAQUINAS DE PRECISÃO, LDA», um torno mecânico, da marca «TORSHAL- LA», um torno mecânico, da marca «LITTLE JOHN», um rectificador para afiar brocas, quatro rectificadores, para ferro e borracha e vários conjuntos de ferramen- ta, incompletos, uma máquina de soldar, eléctrica, da marca «MULLER», com o n.º 14428, com os respectivos bicos, um rectificador, eléctrico, com pedra de esmeril, seis tornos de bancada, manuais; um armário, metálico, vestidário, com quatro compartimentos, uma tesoura para cortar chapa, manual, tudo no valor de 800 000\$00.

VERBA N.º 13 — Sala 2 — Um torno mecânico, eléctrico, marca «A.B.M.», com o n.º 350, um torno de bancada, manual, uma lixadeira, eléctrica, da marca «SUPER STAR», com o n.º NJ-J 55331 A-9, um pantógrafo, da marca «SAJO - SWEDEN» tipo UF-52, com o n.º 61168, um pantógrafo, da marca «DECKEL», mod. KF-1, com o n.º 61164, uma máquina de polir, da marca «KLAIBER», uma máquina de polir, da marca «FRIEDRICH DECKEL», mod. S.O., com o n.º 83732, uma máquina com aba-

relho de furar da marca «FIAX», tipo MD 2-2, com o n.º 7-171 61 07-2 8117875, um armário metálico com duas portas, uma bancada metálica com duas gavetas e um torno manual, tudo no valor de 200 000\$00.

VERBA N.º 14 — Sala 3 — Uma máquina de colar sacos da marca «AUDION- ELECTRO», uma balança da marca «AVERY», até 60 kg de peso, tipo A-721, com o n.º B-621855-A, um ficheiro metálico com duas gavetas; dois corpos de estantes metálicas tipo «HANDY», com cinco prateleiras triplas e seis prateleiras duplas, respectivamente, um cofre pequeno com segredo de duas combinações, um esca- dore em alumínio; um carro metálico de transporte, manual, com três rodas, uma secretária em madeira com tampo de correr, seis cadeiras de vários tipos, tudo no valor de 50 000\$00.

VERBA N.º 15 — Sala 4 — Um moineo eléctrico para moer desperdícios de cal- çado marca «CONDUX WERKE», tipo ZNB-1, com o n.º 236-66, no valor de 100 000\$00.

VERBA N.º 16 — Sala 5 — Uma balança da marca «AVERY» até 50 kg de peso, s/número visível, duas máquinas de agramar, duas máquinas de colar cintas; uma máquina de apertar e cortar cintas; uma máquina de agramar caixas, de pedal, um escadote em alumínio, uma máquina de calcular da marca «RICON», eléctrica, s/nú- mero visível, duas ventoinhas da marca «INDOLA-ELECTRIC», com três velocidades; um candeeiro petromax, da marca «HIPOLITO», três ficheiros metálicos com uma gaveta, cada, tudo no valor de 50 000\$00.

VERBA N.º 17 — Sala 6 — Otto dijuntores — alternadores de corrente, marca «LUIS C. ALMADA», Rua D. João V, n.º 4-r/c Dt.º, um carro lixadeira com motor, manual, dois compressores marca «ATLAS COPCO», com os números 538931, tipo EC-15/4, 1450 rpm e n.º B-1 10389 516658, tipo EO 15/4, 1450 rpm; dois compresso- res marca «SIEMENS», tipo 1 RA 6186-4 AB 59-Z-AC, com o n.º 43817301/88 e tipo R-1271-4 H, com o n.º 386733, dois depósitos de ar comprimido, cilindricos, com ca- pacidade para 960 m³, uma caldeira cilíndrica, marca «SOCIEDADE ARGIBAR», re- gisto n.º 1239, da D.G. da ENERGIA, com o n.º 4172, aprovada em 30-8-72; um mo- tor para a caldeira a vapor, marca «CHAUFFAGE AU MAZOUT», DM: OOG, com o n.º 1640, uma caldeira a lenha registada na D.G. dos COMBUSTÍVEIS, com o n.º 2420, aprovada em 14-4-72, um relógio de parede redondo, pintado a branco, s/ marca; um armário metálico, vestidário, com dois compartimentos, tudo no valor de 2 000 000\$00.

VERBA N.º 18 — Sala 7 — Uma plana, mecânica da marca «GUILLET», s/nú- mero visível, um torno para fazer formas de alumínio, marca «MASCHINENBAU SCHOLZ KG», tipo F-5 MS 10 K, com o n.º 9988, com motor incorporado da marca «JULIETT» para lixar, uma serra de fita da marca «KOLLG», com o n.º 1256, um tor- no mecânico, s/marca e s/número, um torno de bancada, manual, tudo no valor de 300 000\$00.

VERBA N.º 19 — Sala 8 — Um quadro de ferramentas diversas, incompleto; três caixas de ferramentas, sendo uma com termóstato, outra com chave e jogo de lunetas e outra com martelo de rebites, da marca «HILTI», uma caixa transformadora de alta tensão; uma bomba de água, eléctrica, marca «SIEMENS», com o n.º 7906, um torno de bancada, manual, tudo no valor de 20 000\$00.

VERBA N.º 20 — Sala 9 — Uma balança da marca «AVERY» até 30 kg de peso, mod. A. 721, n.º B-603139-4; uma balança da marca «AVERY», até 2 kg, uma balan- ça da marca «LARIO», até 5 kg, mod. 65, n.º 31460, uma peneira eléctrica, para pe- near areia, da marca «MACHINE FABRIK LIDEMTJENS», com o n.º 387, dois cilindros para ligar borracha, com negro funo, da marca «METALURGICA DE BEN- FICA, LDA», uma balança da marca «AVERY», até 20 kg, um escadote em alumí- nio, sete autoclaves de vários tipos e tamanhos; um tambor mecânico para vulcani- zação de folhas de borracha, quatro guinchos de corrente, com as respectivas ca- lhas, quatro prensas com dois comandos da marca «MECANICA COMBATE, LDA», sendo uma em mau estado, uma esmerliadeira, eléctrica s/marca ou núme- ro visível, um tambor mecânico para vulcanização, com o respectivo carro, marca «RADICON», uma prensa manual, uma calandra de três cilindros, da marca «ME- TALURGICA DE BENFICA, LDA», com motor incorporado da marca «RABOR», uma calandra com três cilindros, da marca «OBINSON & C.º» — «MANCHESTER», com motor incorporado da marca «RANSONES», n.º 1136, tipo AC 741, quatro cilindros de aquecimento, para ligar borracha, mecânicos, sem marcas ou números visíveis, quatro cilindros para misturar borracha, mecânicos s/marcas ou números visá- veis, duas calandras para gravar sola, mecânicas e com motor eléctrico, oito maqui- nas de extrusão, para tirar perfis em borracha de várias marcas, sendo uma para perfis de borracha e plástico com motores incorporados, três prensas hidráulicas, avançadas, oito prensas hidraúlicas, de vários tipos, incorporadas com bombas de alimentação, duas prensas manuais, um balance com motor, eléctrico, incorpora- do, uma prensa para vulcanizar correias da marca «METALURGICA DE BENFICA, LDA», com 15 metros, uma prensa manual, seis máquinas de cortar anilhas, sen- do três da marca «MAX MULLER», sem número visível e estando duas avançadas, um torno para tornear anilhas s/marca ou número visível, uma máquina de gomar, eléctrica, duas máquinas de dissolução eléctrica, sendo uma com o n.º 10847, um misturador de dissolução eléctrica, uma mesa de cortar tela manual, com 10 me- tros, em ferro, duas máquinas eléctricas para trançar fio, com os respectivos moto- res, uma máquina eléctrica para encher bobinas de fio, uma máquina de soldar a arcos, mod. DS 2-3, com o n.º 65649, um compressor da marca «BAERLEIN», três mesas de confeccionar tubo de borracha, sendo uma com dois motores, com o comprimento de 25 metros, uma mesa para confeccionar tubo, em metal, com 25 metros, um torno de bancada, manual, um relógio de pé, da marca «REMOURA», uma máquina de enfiar bandas, eléctrica, uma balança da marca «LARIO», ate 30 kg, uma guilhotina hidráulica da marca «BERSTORAF», n.º 534679, com a res- pectiva bomba, uma arrefecção com moldes em ferro e cobre, para fabricação de peças de borracha, moldes para fabricação de mangueira de todos os tipos, em fer- ro e cobre, com 25 metros de comprimento, tudo no valor de 5 000 000\$00.

VERBA N.º 21 — Sala 10 — Dezoito prensas, eléctricas, para bota de borracha moldada, sendo dez da marca «SVIT» e oito da marca «MECANICA COMBATE», para diversos números de calçado, um torno rectificador eléctrico para trabalhar e cortar anilhas da marca «MAX MULLER», mod. RS 200, n.º 3601, uma correia transportadora com 7,5 metros da marca «A REIFENHAUSER», tipo F.B, com o n.º 143, três rebabadoras s/ marca «SVIT», com os n.ºs 3347, 97258 e 108119, um relógio de parede redondo, em madeira, um motor eléctrico, com duas pedras de esmeril, um autoclave, para regenerar borracha com o respectivo quadro comando de electricidade, dois carros metálicos de transporte com os respectivos tabuleiros, tudo no valor de 1 000 000\$00.

VERBA N.º 22 — Sala 11 — Uma máquina de cortar elásticos da marca «MAX MULLER», eléctrica com o n.º 3581, uma secretária metálica com tampo em madei- ra, doze armários metálicos vestidores, uma balança de pratos, da marca «ANTO- NIO PESSOA», ate 15 kg de peso, dezasseis armários tipo «HANDY», com bancada e com duas e três prateleiras, uma estante tipo «HANDY» com quatro corpos de cinco prateleiras cada, uma estante tipo «HANDY» com seis corpos de três prate- leiras cada, três máquinas de furar borracha, de pedal, em mau estado, três mesas em madeira com o tampo forrado a alumínio, uma máquina de cortar anilhas, elec- trica, da marca «MAX MULLER», mod. 301 F, com o n.º 3602, uma lixadeira eléctri- ca, com seis pedras de esmeril, com motor incorporado da marca «AZEIA», com o n.º 698 27 A, uma lixadeira eléctrica, da marca «BREVETE», com o n.º 71807, uma máquina de tornear bolas em borracha, eléctrica, da marca «ABITTER», com o n.º 79510, um torno mecânico eléctrico, da marca «J. BUTLER & C.º», com rectifi- cador acoplado e motor marca «SIEMENS», dois tornos mecânicos, eléctricos, s/ marca ou número visível, uma balança de pratos, da marca «F.B.L.», ate 15 kg de peso, uma estante em ferro com dois corpos e quatro prateleiras, tudo no valor de 300 000\$00.

VERBA N.º 23 — Sala 12 — Uma prensa manual de aquecimento, eléctrico, para ligar vedante esponjoso, dois tornos de bancada, manuais, três bancadas em ferro, três máquinas, eléctricas, para dissolução de borracha, tudo no valor de, 50 000\$00.

VERBA N.º 24 — Sala 13 — Duas prensas de laboratório, eléctricas, hidráuli- cas, sendo uma da marca «SORTY» e outra «MECANICA CORBATE, LDA»; um au- toclave pequeno, de laboratório, marca «M.I.T.», recipiente n.º 3110, timbre de 5 kg por centímetro quadrado, capacidade de 0,038 metros cúbicos, aprovado em 9-2-79, uma prensa manual e um torno de bancada, manual, uma balança de laborató- rio, de pratos, um balance, pequeno, manual, da marca «H.W. WALLACE», um mo- tor com pedra de esmeril, eléctrico, marca «SIEMENS», n.º E-192415, uma lixadeira

de laboratório, da marca «DUPONT ABRADER», n.º 3-A-29516, um cilindro de labo- ratório, eléctrico, para borracha; um esticador de precisão para medir a flexibili- dade da borracha, marca «BALLY» — M-FLEXOMETER-50 eléctrico; uma máquina de laboratório, marca «H.W. WALLACE & C. LDA», n.º C-5361/3, uma balança de precisão, para pesos líquidos, da marca «LHONARGY», n.º 41164, uma máquina de gráfico, da marca «OTTO WOLPERT-WERKE», tipo ZR-60/300, n.º 191702, para medir a resistência das lonas, uma máquina de laboratório com gráfico, marca «SHAWBURY CUROMETER», n.º C-5871/7, fabricada por H.W. Wallace & C.º — Croydon — England, uma estufa de laboratório, marca J.KOTTERMAMM — GMBH, voltagem de 220, tipo 5434, n.º 332, uma estufa marca H.W. WALLACE & C.º — CROYDON, uma prensa, pequena, manual, cromada, marca H.W. WALLACE & C.º — CROYDON, uma balança da marca «INCA», até 11 kg de peso, uma balan- ça da marca «AVERY» até 100 g de peso, uma balança de precisão da marca «SAR- TORIUS-WERKE», até 500 miligramas, com estojo de pesos, completo, uma balan- ça da marca «GEBRUDER-BOSH», de precisão, com os respectivos pesos, uma balan- ça de precisão da marca «AUGUST SAUTER», um armário em madeira com di- versos materiais de laboratório; um fogão eléctrico para banho maria, eléctrico, um furador manual, um medidor de espessura, manual, uma guilhotina, manual, feita por JOAQUIM FREITAS CARNEIRO, Rua de Camões, 119 — Porto; dois ficheiros in- dividuais, em metal, uma máquina de escrever incorporada numa secretária em madeira, da marca «TRIUMPH», uma máquina de calcular, eléctrica, marca «FA- CIT», três bancadas de vários tamanhos com tampo em mármore, sendo uma com duas frentes e prateleira dupla ao meio, um fotocopiador, eléctrico, marca «RO- NEO-VICKERS 870», uma ventoinha de pé, antiga, sem marca visível, um estrador em madeira com a respectiva cadeira, três armários em madeira com porta de cor- rer ondulada; três armários em madeira com portas de vidro, de correr; cinco cadei- ras em madeira, giratórias, uma mesa em madeira para telefone, uma máquina, manual, eléctrica, para abrir sulcos na borracha, marca «KARL ZAENGL», n.º 80006, tudo no valor de 400 000\$00.

VERBA N.º 25 — Sala 14 — Três autoclaves com sete carros de transporte, para vulcanizar borracha, com capacidade de 4,25 m³, 5,3 m³ e 2,6 m³; três autocla- ves, pequenos, com a capacidade de 0,36 m³, cada; dez prensas hidráulicas com a respectiva bomba, da marca «DUARTE FERREIRA & FILHOS», tendo vários pratos de prensar, cada; oito prensas hidráulicas, com a respectiva bomba sem marca; oito prensas, eléctricas, com a respectiva bomba de óleo; um balance manual; um torno de bancada, manual, duas bancadas metálicas com prateleira dupla ao meio, com quatro metros de comprimento; quatro armários metálicos com onze pratelei- ras; uma bancada e uma mesa metálica, um suporte metálico para botas; oito car- ros metálicos para transportar sapatos para vulcanizar, três bancadas metálicas com tampo em madeira; três máquinas para rebarbar botas, sendo duas da marca «FORTUNA» e outra marca «SVIT», eléctricas; uma prateleira tipo «HANDY» com quatro corpos de quatro prateleiras, cada; um armário metálico com 15 divisões, uma máquina de gomar lona, marca «METALURGICA DE BENFICA, LDA.» e motor «RABOR»; dois mil pares de formas para botas de borracha, dos números 20 a 46, mil e duzentos pares de formas para sapatos de lona, dos números 20 a 46, vinte pa- res de moldes em alumínio para sapatos de lona; dezoito pares de moldes em alumí- nio com formas duplas para sapatos de lona; vinte pares de moldes com formas du- plas, em alumínio, para botas de caçador, oitenta e cinco pares de formas e moldes de várias referências, em alumínio; dezoito pares de formas em alumínio e moldes em aço para botas de cano moldado, tudo no valor de 500 000\$00.

VERBA N.º 26 — Sala 15 — Trinta prensas eléctricas, com três bombas de óleo, para fabricação de calçado, quinze prensas duplas, para fabricação de calçado esquerdo e direito, com compressor da marca «OTTO BOGE - BIELEFELD», com o n.º SB 27; trinta e quatro prensas, manuais, com aquecimento eléctrico, da marca «NVP-51», para fabricação de calçado, um relógio de parede redondo, da marca «REGULADORA», vinte e oito prensas, manuais, com aquecimento, em mau esta- do de conservação, um balance, manual; um dijuntor, da marca «SIEMENS», com cinco contadores trifásicos, duas prensas duplas, eléctricas, com a respectiva bom- ba de óleo, da marca «MECANOMOLDE», dois tornos, manuais, de bancada, um carro metálico para transporte de material, tudo no valor de 300 000\$00.

VERBA N.º 27 — Sala 16 — Dois balance, eléctricos da marca «SVIT», com os n.ºs 74032 e 95192, uma máquina de triturar, da marca «LEGANO» N.G. 200, com o n.º 0052, uma balança decimal, uma máquina, eléctrica, para cortar borracha, uma máquina de chanfrar, manual, três corpos de prateleiras do tipo «HANDY», tudo no valor de 1 000 000\$00.

VERBA N.º 28 — Sala 17 — Uma máquina de fechar sacos de plástico, da marca «AUDION-ELECTRO», treze máquinas eléctricas para colar marcas no calçado, uma máquina, de pedal, para pôr pontas metálicas nos atacadores, duas máquinas, eléctricas, para rebarbar calçado, uma com duas e outra com uma pedra de esmeril, uma máquina de vincar calçado, manual, uma estufa eléctrica, com seis lâmpadas, dois motores com duas lixadeiras, cada, quatro máquinas, de pedal, para meter ilhoses, uma máquina, eléctrica, para cortar borracha, uma máquina de rebarbar, da marca «SVIT», com o n.º 97261 em mau estado, uma bancada metálica com tampo em madeira e três prateleiras ao meio, três mesas metálicas, quatro mesas em madeira, uma correia transportadora com motor e aproximadamente 10 me- tros, três armários em ferro com três prateleiras cada, tudo no valor de 100 000\$00.

VERBA N.º 29 — Sala 18 — Um balance duplo, eléctrico, da marca «J. SANDT AG», com o n.º 410 70019, duas serras de fita eléctricas, da marca «BULLMER», com os n.ºs 1163, tipo de 1/4 e n.º 3871, tipo N1 1-5, um balance, eléctrico da marca «VILH PEDERSEN», mod. 283, com o n.º 126575, um balance, manual, da marca «CARB» sem número visível, vinte e sete máquinas de costura da marca «SIN- GER», com motor incorporado, dezasseis máquinas de costura da marca «PFAFF», com motor incorporado, treze máquinas de costura da marca «DURKOPP», com mo- tor incorporado, três máquinas de costura, da marca «JUKI», com motor incorpora- do, uma máquina para medir cortumes, uma balança da marca «AVERY», ate 5 kg de peso, duas estantes do tipo «HANDY», com cinco corpos e seis prateleiras em madeira, catorze corpos de prateleiras tipo «HANDY» com seis prateleiras cada, sete corpos de prateleiras tipo «HANDY» com quatro prateleiras cada, trinta e seis cadeiras com armação metálica e com costas e assento em madeira, rotativas, uma estante em armação metálica tipo «HANDY» com seis corpos de cinco prateleiras, sete máquinas de meter ilhoses, manuais, uma máquina de meter ilhoses eléctrica, uma bancada metálica com duas gavetas, torno manual e candeeiro de pé, quatro bancadas em ferro de vários tamanhos, uma ventoinha de parede, uma secretária e duas mesas em madeira, um armário com portas de vidro, de correr, dois armários em madeira, pequenos, tudo no valor de 1 000 000\$00.

VERBA N.º 30 — REFEITÓRIO — Sala 19 — Uma balança da marca «AVERY», até 15 kg de peso, duas ventoinhas com três velocidades da marca «NGK», cento e vinte e três cadeiras, com pés de metal e assento e costas em madeira, quarenta e três mesas com pés de metal e tampo em fôrma, duas mesas com armação em metal e tampo de mármore, uma mesa metálica de aquecimento a vapor, dois fogões de cozinha, a gás, com 2 e 3 bicos, tudo no valor de 30 000\$00.

VERBA N.º 31 — Átrio — Um carro transportador de garrafas de oxigénio, um guincho de correntes, quatro carros em metal para transporte, um torno manual com a respectiva bancada em ferro; dois relógios de ponto da marca «AMANO», com os respectivos ficheiros, metálicos, de parede, dois aparelhos, eléctricos para verificação e controlo de saídas do pessoal, tudo no valor de 40 000\$00.

VERBA N.º 32 — — Uma máquina registadora da marca «HUGIN» eléctrica, mod. Ka 45, n.º 1764480, em bom estado de conservação no valor de 30 000\$00.

VERBA N.º 33 — Prédio urbano sito na Rua do Açúcar, 78, tornando para a Rua José Domingos Barreiros e Rua Afonso Penedo, com a área de 3465 metros qua- drados em razoável estado de conservação, a que foi atribuído o valor de 100 000 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Outubro de 1985

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luis Macaísta Malheiros

O TEC. TRIBUTÁRIO
José Teixeira Henriques

«D.L.» 31/10/85 - 2.ª Pub.



DISTRIBUIDORES EM TODO O PAIS

VINHOS DE MESA DE CASTAS SELECIONADAS

Grandjo-branco doce

Evel - tinto e branco

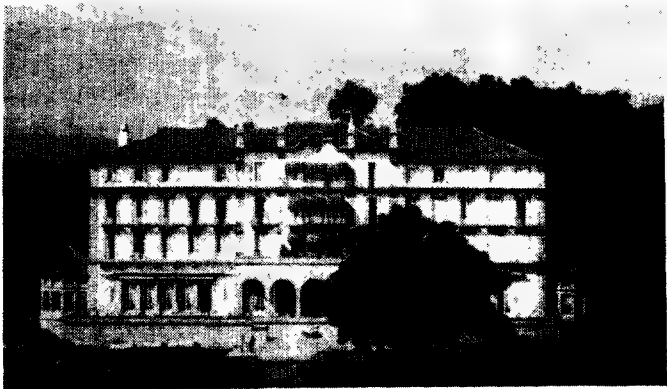
Dão Real Vinicola (Região Demarcada) - tinto e branco

Representantes exclusivos
para zona centro - LISBOA
Real Vinhos - R. S. Paulo, 216 - 2.º esq.º
Tel. 373484 Telex 12166 - LISBOA

Notícias breves

Indelével

Festa animadíssima foi a «noite cigana» no «Indelével do Marquês». Troupe cigana em recital, convidados vestidos à cigano(a) e dois prémios (viagem e estadia de 8 dias em Benidorme e viagem e fim-de-semana na serra da Estrela) oferecidos pela agência «Davidtur» para os melhores mascarados;



Boa afluência nas pousadas da Enatur

Boeing

Foi apresentado nos EUA o plano do futuro «Jumbo» 747-400, que oferece uma diminuição de 12% relativamente aos anteriores, além de outras inovações; a autonomia de voo é de 9000 milhas;

Air France

Na quase totalidade dos voos de médio curso da «Air France» passarão a ser servidas bebidas gratuitas («champagne» incluído) aos passageiros da classe económica, o que já acontecia no longo curso. Entretanto as cerca de 600 poltronas dessa classe vão ser substituídas a partir de Novembro/85, por outras maiores e mais cómodas, operação que levará um ano a ser completada;

British Airways

Nos próximos dias 2 de Dezembro e 12 de Janeiro, a «British Airways» promoverá 14 voos especiais, a partir de Manchester, para que os passageiros possam assistir, durante uma hora, à passagem do cometa Halley, longe das luzes da cidade e sem poluição atmosférica, já que os voos serão sobre o mar e a 7000 milhas de altitude;

Finnair

Tendo entrado em vigor o seu horário de Inverno, a carreira da «Finnair», Lisboa-Helsínquia, deixou de se fazer às 5.ªs-feiras passando para os domingos. Partindo da Portela às 22.30 e chegando à capital finlandesa às 05.10 horas da manhã, permite-se assim melhores ligações com outras carreiras nas manhãs de 2.ª-feira; o voo utiliza aviões «DC 9-82», com grande capacidade de carga;

FIL

Acabada que foi a «Lartécnica» que foi visitada por cerca de 105.000 visitantes, a «FIL» inaugura às 16.00 horas do próximo dia 6 de Novembro a «Nutrifil-Vinifil», salão de alimentação e do vinho e a «Filotel», salão de equipamento hoteleiro; estes dois certames simultâneos encerrarão a 10 de Novembro.

O mês de Agosto de 1985 foi um bom período para as pousadas e hotéis da Enatur, atingindo-se a taxa de ocupação de 67,5%, o que equivale a um aumento de 1,2% relativamente ao mesmo período do ano passado, sendo que as Pousadas foram mais procuradas que os hotéis pois, só por si, chegaram aos 70%. Se atender apenas aos quartos alugados em Agosto, num total de 77.605, o aumento foi bastante superior, cifrando-

se em 10,6%.

Entretanto a Enatur assinou com a firma «Inervalar — Promoção e Exploração de Edifícios de Lazer e de Cultura, Ld.ª», um contrato com vista à comercialização das 12 pousadas do norte do país e do Hotel Santa Luzia, no período compreendido entre a 2.ª semana de Outubro e a 2.ª semana de Abril, contrato que é válido por 20 anos.

30 anos da Lufthansa

A comemoração do 30.º aniversário da Lufthansa, após a interrupção de 10 anos devido à guerra, o novo horário de Inverno e a apresentação de Herbert Guschke, novo chefe de escala no Aeroporto de Lisboa foram o motivo de um almoço para o qual aquela companhia convidou a Comunidade Social. Presentes, ainda, Dieter Gerber, director da Lufthansa e Jorge Romão, director das Relações Públicas.

A Lufthansa nasceu em Colónia, em 1 de Abril de 1955, e os primeiros voos partiram de Hamburgo e Munique. Tinha, na altura 5 aviões e 1100 funcionários; hoje tem 7 companhias subsidiárias, escala 136 aeroportos em 76 países, emprega 34 000 pessoas e tem uma frota de 115 jactos. Tendo transportado 104 000 passageiros em 1955, registou 14,5 milhões em 1984, melhor ano da companhia, em que auferiu um lucro líquido de dez mil milhões de escudos.

Em Portugal, a Lufthansa reabriu um modesto escritório em 1 de Outubro de 1955 — durante a guerra a companhia voava para Lisboa e ainda há poucos dias foi descoberto um

horário de 1942 — e no dia seguinte um «Convair 340» aterrava na Portela, tendo regressado 24 horas depois a Colónia, inaugurando assim as ligações aéreas RFA-Portugal. Hoje a Lufthansa tem 11 voos semanais sem escala para Frankfurt, partindo de Lisboa, Porto e Faro.

Por outro lado e na mesma reunião, foi ainda comunicado que a Lufthansa assinou um contrato de compra de 22 Airbus, 15 dos quais são do novo modelo de médio curso «A-320» tendo ainda feito opção de compra para mais 28, tendo ainda encomendado a outro fabricante, a Boeing, 10 novos «737 — 300» e tendo tomado opção por outros 10 aparelhos, tudo isto dentro da política de renovação permanente da sua frota. Foi ainda anunciado o reforço de carreiras para África, durante a vigência do horário de Inverno, com início amanhã, passando a Lufthansa a voar para Douala, nos Camarões, Kinshasa, no Zaire e Libreville, no Gabão e aumentando à carreira com a África do Sul, dois voos semanais sem escala Frankfurt - Joanesburgo, para onde já possuía 3 carreiras via Nairobi.

Anúncios da RTP em estudo

A Pluritest, uma nova empresa de estudos de mercado, com um gabinete de informática dotado do equipamento necessário para o tratamento da informação recolhida, iniciou um serviço de Índice de Memorização de Publicidade na RTP, com periodicidade diária e resumos semanais e mensais.

Pretende a Pluritest com o seu novo serviço, responder à necessidade colocada pelos seus próprios clientes de saber o grau de memorização de cada um dos anúncios que passam na RTP-1, da noite anterior a partir das 20 horas. De forma complementar, a empresa fornecerá dados sobre o índice de audiência de cada um dos programas da noite.

Lista PSD/CDS ganhou nos bancários do Norte

A lista liderada por Manuel Araújo António dos Santos, ex-deputado do PSD, foi ontem eleita para a direcção do Sindicato dos Bancários do Norte. A lista vencedora incluiu uma maioria de elementos do PSD, e alguns do CDS, e obteve 4987 votos.

O presidente eleito do sindicato dos bancários do norte, Manuel Araújo António dos Santos, disse ontem à Anop, Porto, que a nova direcção «vai promover o reforço da UGT».

A lista liderada por aquele sindicalista e ex-deputado do PSD, integrada maioritariamente por elementos sociais-democratas e com outros do

CDS, ganhou ontem as eleições naquele sindicato com 4987 votos.

Em segundo lugar ficou a lista A, conotada com a linha unitária de esquerda anterior direcção, com 3640 votos, e em terceiro a lista B, afecta ao PS, com 2785 votos.

«Vamos diagnosticar com precisão e isenção toda a problemática actual dos SAMS (Serviços de Assistência Médico Social) dos bancários e da nossa cooperativa», disse Manuel dos Santos à Anop.

O novo líder do sindicato, que conta com mais de 17 mil filiados, acrescentou que a nova direcção irá tomar todas as medidas para solucionar os ac-

tuais défices e melhorar os esquemas de prestação de serviços» do sindicato.

Exigiremos um esforço suplementar das instituições de crédito e vamos negociar novas quotizações dos associados», disse o novo presidente do sindicato acrescentando que «é importante recuperar a imagem dos SAMS perante bancários, médicos e demais colaboradores».

Manuel dos Santos referiu que a sua direcção «vai aprofundar o diálogo com os bancários, estrutura sindical e tendências» e ainda lançar uma campanha de sindicalização junto dos trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos.

Relações com a França vão a Seminário

A intensificação das trocas comerciais entre Portugal e a França e o incremento dos investimentos franceses em Portugal e portugueses em França vão ser objecto de debate no seminário que o World Trade Center de Lisboa organiza no próximo dia 4 de Novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian, subordinado ao tema geral das relações comerciais entre Portugal e a França no quadro da adesão de Portugal às Comunidades Europeias.

Serão oradores no seminário, do lado português, Artur Santos Silva, presidente do Conselho de Administração do Banco Português de Investimentos, José Manuel Nunes Liberato, vogal do conselho directivo do Instituto do Investimento Estrangeiro, Emídio Manteigas, director da delegação do Instituto do Comércio Externo Português em Paris e Manuela Candeias em representação do director-geral do Comércio Externo Português.

Do lado francês, serão oradores, Georges Vailland, vice-presidente da Comissão do Comércio Externo e vice-presidente do World Trade Center de Paris, Leonardo Cueva, representante do World Trade Center de Paris e da Câmara de Comércio e Indústria de Paris, Marie Françoise Lemaitre chefe do serviço Texewport e Dominique Rousseau, presidente do Conselho de Administração da Sorefame.

Os trabalhos serão coordenados por Fausto de Quadros, assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, advogado.

O seminário é patrocinado pela Comissão das Comunidades Europeias, pelo Ministério do Comércio e Turismo, pelo Instituto para o Comércio Externo e pelo IAPMEI.

Poderão inscrever-se no seminário empresários, quadros empresariais, gestores bancários e parabancários, técnicos de importação e exportação e profissionais liberais.

Lisnave continua Vigília

Cerca de 200 trabalhadores da Lisnave estão concentrados em vigília permanente, junto ao Ministério do Trabalho para exigir a tomada de uma posição sobre o despedimento colectivo na empresa.

Na vigília permanente estão os 165 trabalhadores incluídos nessa lista de despedimentos e os membros das organizações representativas dos trabalhadores.

A administração da empresa quer despedir mais 165 trabalhadores depois de terem rescindido contratos cerca de 2000 trabalhadores.

Os trabalhadores exigem que o Ministério tome uma posição e não estão dispostos a abandonar a vigília enquanto o Ministério a não tomar.

Marques Guedes, do Gabinete de Imprensa do Ministério do Trabalho disse à Anop que o processo foi já analisado por dois técnicos do Ministério e que a informação foi entregue para o secretário de Estado tomar posição, até hoje.

O porta-voz da Administração da Lisnave disse, entretanto, que da empresa já se despediram não 2000 trabalhadores, mas 1526 e que 143 manifestaram disponibilidade aguardando a sua saída.

Esta manhã o grupo dos trabalhadores da Lisnave em vigília junto ao Ministério do Trabalho foi reforçado por outros camaradas não directamente envolvidos nesta ameaça de despedimento.

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55\$60	61\$60	
ALEMANHA FED (marco)	61\$40	62\$60	
ÁUSTRIA (xelim)	8\$65	8\$85	
BÉLGICA (franco)	2\$867	3\$067	
BRASIL (cruzeiro)	\$009	\$019	
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	117\$65	120\$15	
(notas de 5 a 1000)	118\$15	120\$65	
DINAMARCA (coroa)	16\$95	17\$35	
ESPAÑA (peseta)	\$975	1\$095	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	160\$65	164\$15	
(notas de 5 a 1000)	161\$15	164\$65	
FINLÂNDIA (marka)	28\$65	29\$25	
FRANÇA (franco)	20\$15	20\$85	
HOLANDA (florim)	54\$45	55\$55	
IRLÂNDIA (libra)	190\$95	194\$95	
ITÁLIA (lira)	\$083	\$093	
JAPÃO (iene)	\$736	\$771	
NORUEGA (coroa)	20\$40	20\$90	
REINO UNIDO (libra)	232\$95	237\$45	
SUÉCIA (coroa)	20\$45	20\$95	
SUIÇA (franco)	74\$90	76\$40	
VENEZUELA (bolívar)	9\$85	10\$85	

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Mundial de futebol

URSS ganha passaporte mexicano

Em três terrenos europeus jogou-se ontem para a fase de qualificação que conduzirá o futebol à sua grande festa, no Mundial-86 ainda marcado para decorrer no México. Após a qualificação da URSS, um total de 16 selecções já se encontram apuradas para o mundial que integrará um total de 24.

Assim, já garantiram o seu passaporte para o México, a Itália, (actual campeão), Canadá (pela Confederação Norte-Centro-Americana e do Caribe, Concacaf), Argentina, Uruguai e Brasil (respectivamente pelos grupos I, II e III sul-americanos), Polónia e Espanha (grupo I europeu), Alemanha Federal e Portugal (grupo II europeu), Inglaterra, (grupo III europeu), Bulgária (grupo IV), Hungria (grupo V), URSS, (grupo VI), Marrocos e Argélia (pela zona africana). A estas soma-se o México, na qualidade de país organizador.

Restam oito lugares para serem preenchidos: os dois da Ásia, o que sairá da repescagem entre Chile, Peru, Colômbia e Paraguai, o que será disputado entre a Escócia (grupo VII europeu) e o campeão da Oceânia, outro da repescagem europeia entre Holanda e Bélgica e os correspondentes aos 2.º classificados nos grupos III, IV e VI da Europa.

A selecção da União Soviética qualificou-se para o México ao vencer (em Moscovo) a Noruega por 1-0, em jogo do grupo seis europeu de apuramento.

O golo do triunfo soviético foi marcado aos 57 minutos de jogo, por Kondratiev.

Sob a arbitragem do escocês McGinlay, as equipas alinharam:

URSS: Dassaev; Morozov, Tchivadze, Demianenko e Bouhnov; Zavarov, Gotsmanov, Tcherenkov e Aleinikov (Bessonov, aos 45 minutos); Protassov (Gavrilov, aos 85) e Kondratiev.

Noruega: Thorsvedt; Henriksen, Kojedal, Hareide e Mordt; Davidson, Herlovsen, Sundby e Andersen (Brandung, 75); Oekland e Thorenson.

A URSS, que realizou o seu último encontro da fase de qualificação, lidera o grupo seis, com apuramento finalmente garantido, estando ainda em disputa o 2.º lugar (com acesso directo ao México) entre Dinamarca e Suíça. A classificação do grupo é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
URSS	8	4	2	2	13-8	10
Dinamarca	7	4	1	2	13-5	9
Suíça	7	2	3	2	4-9	7
Irlanda	7	2	2	3	4-6	6
Noruega	7	1	2	4	3-9	4

Jogos a disputar: 13 Nov: Suíça-Noruega; 13 Nov: Irlanda-Dinamarca.

Após o rotundo triunfo sobre o Luxemburgo (6-0) a selecção francesa ascendeu ao 2.º lugar do grupo IV, mas terá de ganhar à Jugoslávia (no próximo dia 16, em Paris) para garantir a 100 por cento a sua viagem para o México. Em caso de empate com os jugoslavos, a França poderá ainda classificar-se em 2.º lugar no seu grupo e obter a

qualificação, mas para isso é imprescindível que, no mesmo dia 16, a RDA não ganhe à Bulgária por mais de dois golos de diferença, pois de outro modo o melhor «goal average» dos franceses de nada lhes serviria: a França tem agora 13 golos marcados e quatro sofridos, a RDA 14 marcados e oito sofridos.

No encontro de ontem as duas equipas apresentaram a seguinte formação:

França: Bats; Ayache, Battiston, Bossis (Le Roux) e Amoros; Tigana, Giresse, Fernandez e Platini; Rocheteau (Bellone) e Toure.

Luxemburgo: Van Rijswijk; Meunier, Bossi, Dresch e Schonkert; Weiss, Jeitz (Wagner), Hellers e Hochseid; Langers e Girres.

Rocheteau (5, 30 e 48 minutos), Toure (25), Giresse (37) e Fernandez (47) marcaram os tentos da turma francesa.

A classificação do grupo IV europeu é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Bulgária	7	5	1	1	12-31	11
França	7	4	1	2	13-4	9
RDA	7	4	0	3	14-8	8
Jugoslávia	7	3	2	2	7-6	8
Luxemburgo	7	0	0	8	2-27	0

Neste grupo falta apenas realizar os encontros França-Jugoslávia e RDA-Bulgária ambos no dia 16 de Novembro.

Os dois últimos classificados do grupo um europeu de qualificação para o mundial (Albânia e Grécia) discutiram, em Tirana, dirigidos pelo português Raul Nazzari, o 3.º lugar do grupo, alcançado pelos albaneses. O embate (1-1) serviu à selecção albanesa para conseguir a sua melhor classificação de sempre nas fases de qualificação para o campeonato do mundo.

O apuramento não estava em causa, com a Polónia já qualificada e a Bélgica a disputar com a Holanda o outro lugar no México, e por isso este derradeiro encontro do grupo um foi apenas de prestígio. Os albaneses inauguraram o marcador aos 24 minutos, numa jogada individual de Omuri.

Na segunda metade, a equipa grega sacudiu o domínio local e passou a controlar o jogo: o empate acabou por surgir (aos 54 minutos) por intermédio de Skartados, num remate de cabeça.

As equipas alinharam: Albânia: Muchta; Zmiyani, Omuri, Targai e Abassi (Kollia, 45); Hoxha, Yossa, Balimuchta e Bimo; Minga e Demolari.

Grécia: Sarganis; Alavantas, Skastados, Manoulas e Mihos; Mavradis, P. Papaioannu (Antoniou, 50), L. Papaioannu e Kofidis; Mitropoulos e Anastopoulos.

Má actuação do árbitro Raul Nazzari, que falhou a marcação de uma incontestável grande penalidade favorável aos gregos, o que provocou pequeno «surru» e (certamente) nota deficiente do delegado da FIFA que assistiu ao jogo.

A classificação final do Grupo Um foi a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Polónia	6	3	2	1	10-6	8
Bélgica	6	3	2	1	7-3	8
Albânia	6	1	2	3	6-9	4
Grécia	6	1	2	3	5-10	4

Resultados dos encontros

disputados neste grupo: Polónia - Grécia, 3-1; Bélgica - Albânia,

3-1; Polónia - Albânia, 2-2; Grécia - Bélgica, 0-0; Albânia - Bélgica, 2-0; Grécia - Albânia, 2-0; Bélgica - Grécia, 2-0; Bélgica - Polónia, 2-0; Grécia - Polónia, 1-4; Albânia - Polónia, 0-1; Polónia - Bélgica, 0-0 e Albânia - Grécia, 1-1.

Taça da RFA

O Bochum afastou o Fortuna de Dusseldorf da Taça da RFA, ao vencer por 3-1, após marcação de grandes penalidades, com um empate (2-2) no final do prolongamento do jogo de repetição da 2.ª eliminatória da prova.

Taça da Liga Inglesa

O Tottenham venceu o Orient (4-0) em jogo da 2.ª mão da segunda eliminatória da Taça da Liga Inglesa de futebol. O Tottenham, que havia perdido (2-0) na 1.ª «mão», passou assim à 3.ª eliminatória, com um total de 4-2. Entretanto, o Arsenal bateu fora o Manchester City (2-1) em jogo já da 3.ª eliminatória, enquanto o Oxford superou em casa o Newcastle (3-1) e o Nottingham Forest venceu o Derby (2-1) também na 3.ª ronda.

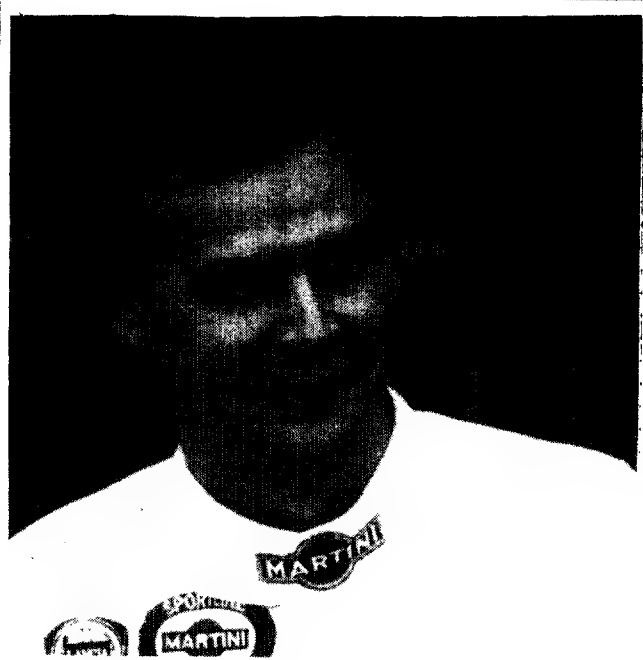
Atlético de Madrid conquista Supertaça

O Barcelona venceu o Atlético de Madrid por 1-0, em jogo da 2.ª «mão» da Supertaça de Espanha, disputado no Nou Camp. Com este resultado, a equipa madrilena conquistou o troféu em disputa, já que no encontro da 1.ª «mão» vencera os catalães por 3-1. A Supertaça disputa-se anualmente entre o campeão da Liga Espanhola e o vencedor da Taça do Rei da época anterior.

As perguntas que fazemos

Verdade (ou mentira) que para o lugar de secretário de Estado dos Desportos estão em equação dois nomes: dos professores Eduardo Trigo e Vítor Gonçalves?

Verdade (ou mentira) que, ontem, num conhecido restaurante próximo da Avenida da Liberdade, estiveram, em mesas separadas (mas bem próximas) Vítor Constâncio (presidente do Conselho de Administração do Banco de Portugal), Miranda Calha (secretário de Estado dos Desportos) que recebia homenagem de despedida do seu gabinete) e Graça Oliva (árbitro de futebol que ostentou as insígnias da FIFA) que, neste almoço a que nos referimos, tinha junto de si cinco elementos da comissão executiva da festa de homenagem que lhe será dedicada no próximo dia 30 de Novembro?



Rallye do Algarve

Alen estreia o S4 a bater recordes

Confirmando todas as previsões o Lancia S4 de Markku Alen, que faz a sua estreia mundial no Rali do Algarve, hoje iniciado em Armação de Pêra, impôs-se logo de início na classificativa do Arade, baixando em nove segundos o recorde desta classificativa. Joaquim Santos foi o segundo e Joaquim Moutinho o terceiro, enquanto nos Grupos A e N os melhores tempos desta prova pertenceram respectivamente a Pedro Senna e Jorge Segurado.

Esta décima quinta edição do Rali do Algarve, que este ano tem como grande atracção a presença de Markku Alen e, como já foi referido, a estreia do novo Lancia Delta S4, concentrou no Algarve todas as atenções da imprensa internacional. Por outro lado a prova é decisiva para o Nacional de Ralis, repetindo-se o despique travado no ano passado entre Joaquim Moutinho e Joaquim Santos, e que terminou da forma triste que sabe, ou seja, com o piloto da Renault vítima de um acto de sabotagem até hoje não esclarecido.

Desta vez a Renault tomou-

providências e montou um esquema de segurança própria com recurso a forças da GNR e outros meios.

A ausência mais significativa entre os inscritos é a do italiano Mauro Pregliasco, que deveria participar num Lancia Rali mas que não pôde alinhar devido a um acidente sem gravidade que sofreu no Rallye da Catalunha.

Esta manhã os concorrentes disputaram as classificativas Arade, S. Marcos, Perna da Negra, Alferce e Odelouca, havendo uma neutralização em Silves entre as 13 e as 15 horas.

Alen fica na Lancia

Entretanto, Markku Alen, para quem a prova algarvia constituirá excelente oportunidade e terreno para testar o novo carro, vai continuar na Lancia no próximo ano, desfazendo-se assim os rumores de que o piloto finlandês ingressaria na Peugeot.

Ao que parece tudo ficará resolvido no Algarve onde se encontra o estado-maior da Lancia.

A nossa equipa de reportagem VIAJA COM

Mobil

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL S.A.R.L.

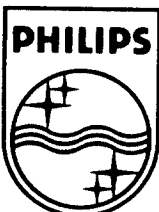
Cetra

AUTO-RÁDIOS • ANTI-ROUBOS

EXPOSIÇÃO • VENDA • MONTAGEM

CONCESSIONÁRIOS PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS

Rua Cidade de Bolama, 1-B · Rua Cidade de Bissau · Olivais Sul
Telefs. 33 10 22* - 31 72 73 - 33 37 07 1800 LISBOA



Parabéns, Federação de Futebol!

Alegrem-se os adeptos do futebol: a Federação não dorme sobre os louros conquistados e prepara a campanha mexicana. Na próxima 3.ª feira (pelas 18 horas) realiza-se uma reunião da Comissão Técnica e vários assuntos estão em agenda: a viagem de José Torres e do dr. Camacho Vieira ao México, para escolherem os locais das nossas estadias; a possibilidade de realização de dois estágios (em Lamego e na cidade norte-americana de Colorado); jogos de preparação planeados (com Itália, Áustria, selecção de Estrasburgo e Espanha, neste caso com retribuição a «nuestros hermanos»); acertos de datas nos nossos calendários de campeonatos (feitos de acordo com os clubes) e definição da equipa médica para o México que (segundo informa o nosso prezado colega «A Bola»); incluirá fisiologista, bioquímico (prof. Carlos Silveira), cardiologista dr. Maldonado Simões) e colaboração tecnológica do ISEF.

Nino Vieira nas Antas

Nino Vieira, presidente da Guiné-Bissau, vai assistir ao jogo de futebol entre o FC Porto e o Sporting, no próximo sábado, no Estádio das Antas. Nino Vieira, que se encontra em visita privada ao Porto, retardou a sua partida para Lisboa para a manhã do próximo domingo, para assistir àquele encontro.

Ministérios no futebol de salão

Iniciativa inédita da Associação de Futebol de Salão de Lisboa: vai realizar-se um Torneio de Recreação e Lazer para a Função Pública, numa proposta do organismo presidido por Eduardo Ramos que vai suportar as despesas referentes ao seguro e inspecção médica de todos os praticantes que acorram a esta competição, que somente espera a última «luz verde» (da DGD) para se processar a partir do final deste mês.

Ginástica: campeão parte perna

Dmitri Bilorzerhev (URSS) campeão mundial e europeu de ginástica, vai estar afastado da competição cerca de um ano por ter fracturado uma perna em desastre de viação. Bilorzerhev (18 anos) conduzia o seu carro numa auto-estrada molhada, perto de Moscovo, quando perdeu o controlo da viatura e embateu num poste de cimento. Ambos os ossos da sua perna esquerda apresentam fracturas. «Dmitri debate-se no Instituto Ortopédico de Moscovo com febres elevadas».

Bilorzerhev era a grande esperança da equipa soviética para o «Mundial» de ginástica, que começa em Montreal (na 2.ª feira). O ginasta soviético venceu (em 1983, em Budapeste) a última edição do «Mundial» e em Maio deste ano, o «Europeu». Bilorzerhev obteve cinco medalhas de ouro e uma de prata no «Europeu». Dmitri Bilorzerhev tinha obtido a sua licença de condução há dez dias.



NA SUA AGENDA

ATLETISMO: a 3.ª Corrida da Confraternização, integrada nas comemorações do Ano Internacional da Juventude, tem lugar pelas 10 horas de amanhã. Terá partida da Praia da Mata (Costa de Caparica) e terminará junto à sede social da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (Cova da Piedade) numa extensão de 11.600 metros. Está aberta a federados e populares.

VOLEIBOL: a Associação de Lisboa convida todos os treinadores da modalidade para um colóquio que se efectua amanhã, pelas 21 horas, na Praça da Alegria, 65-3.ª (Lisboa), no qual o coordenador das selecções nacionais (Sebastião Mihailescu) abordará o treino desportivo e o desenvolvimento do voleibol na zona lisboeta.

Hora de homenagens

OTTO GLÓRIA: já restabelecido de um difícil momento de saúde, o antigo técnico e seleccionador português e brasileiro regressa amanhã ao seu país. Esta noite, será homenageado com um jantar, na Adega «Tia Matilde» (Lisboa)

CARLOS VALENTE: uma comissão composta por homens da arbitragem e do futebol homenageia amanhã o novo árbitro «internacional» com um almoço que terá lugar no Restaurante «A Valenciana» (Estrada Lisboa-Sesimbra)

GRAÇA OLIVA: quase inteiramente recuperado do grande acidente de que foi vítima em Dezembro último, o árbitro «internacional» (e detentor das insígnias da FIFA) vai ser homenageado a 30 de Novembro, por um grupo de amigos

Juniores portugueses na corrida

Para a sobrevivência dos interesses portugueses, era fundamental que a turma futebolística de juniores, envolvida na corrida para a fase final do Campeonato Europeu, triunfasse ontem, na Áustria. E isso aconteceu, ao vencer por 4-1 a sua congénere austríaca. Portugal, a quem só a vitória interessava, prosseguiu da melhor forma a sua presença no Grupo 4 da fase de qualificação.

Sob direcção do árbitro Schmidhuber (RFA) as equipas alinharam:

Áustria: Schmolzer; Nader, Schmidt, Bacher e Egger; Dölschal, Heraf, Mader e M. Binder (Kircher, aos 69 minutos); Glatzmayer (Herzog aos 67 minutos) e Ogris.

Portugal: Carlos Alberto; José Cardoso, Festas (Jorge

Chow aos 81 m), Vítor Chow e Cabral; Nelinho, Fernando Pires, Paulito, Zé Nando e António Maria; Sérgio Barros (Nelson Reis, 75).

Golos por Nelinho, Festas (2), Sérgio Barros e Kircher. Os tentos portugueses foram obtidos quase de rajada: aos 2, 12, 14 e 20 minutos do 2.º tempo, com o golo austríaco aos 90 minutos. Cartão amarelo para Cabral, Zé Nando, Schmidt, Festas e Ogris.

Classificação do Grupo 4:

	J	V	E	D	G	P
Portugal	5	3	0	2	12-6	6
Áustria	4	3	0	1	9-5	6
Itália	3	2	0	1	8-2	4
Malta	4	0	0	4	0-16	0

Próximos jogos: 4 Dez. Itália - Malta; 22 Jan. Itália - Portugal; 23 Abr. Malta - Áustria; 30 Abr.

Itália - Áustria.

Antes do triunfo na Áustria, a selecção portuguesa de juniores «A» apenas vencera os dois encontros com Malta, tendo sido derrotada em Portugal pelas representações da Áustria (0-3) e da Itália (0-2).

Salão na Tapadinha

No sábado a partir das 10 e 30, realiza-se no Pavilhão da Tapadinha (Lisboa) a fase final do torneio nacional de fu-

tebol de salão organizado pela Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Jogos: Centro Regional de Saúde Pública do Funchal-Laboratório Nacional de Engenharia e Técnica Industrial e Serviços Sociais da Universidade de Coimbra-Centro Regional de Segurança Social do Porto. No apuramento regional inscreveram-se 98 equipas (mais de mil jogadores).

Stromberg «jogador do ano»

O ex-benfiquista Glenn Stromberg, actualmente a jogar pelo Atalanta (clube que disputa a divisão principal do futebol italiano) foi eleito o «futebolista suco do ano». A eleição do médio do Atalanta e da selecção sueca, pelo jornal «Aftonbladet» e pela Associação de Futebol Sueca foi justificada pela sua rapidez, capacidade técnica e incrível determinação.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 44/85 DE 3 NOVEMBRO DE 1985

O Algarve: 11X 11X 112 1121; O Jornal de Amarante: 111 111 1XX 122X; Jornal da Beira: X11 X11 X1X 222X; Correio do Vouga: 111 X1X 112 2XX2; Jornal «A Defesa»: 11X 112 X11 212X; Jornal Defesa de Espinho: 211 1XX 112 1X21; Diário de Viseu: X11 11X 1X2 XX21; Folha do Domingo: X11 11X 111 1121; O Emigrante: 11X 11X 2X2 X22X; Eu Sei Tudo: X11 X12 11X 122X; O Jornal de Felgueiras: 111 1X1 X2X 1111; Jornal Gazeta das Caldas: 111 X1X XXX X22X; Jornal Gazeta de Felgueiras: 111 X1X XX2 X212; Rádio Totobola: 111 X11 X12 1222; Maria da Fonte: 111 X1 X1X 12X2; Notícias de

Chaves: X1X X1X X22 1X22; Notícias de Felgueiras: X11 1X1 XXX 11X1; Notícias de Viseu: X1X 11X XXX 22X1; Rádio Alitude: 111 11X X11 X2X1; Clube da Manhã: X22 2X2 221 1X22; Manhã Manhã: X1X 1X1 X12 1X21; Secção Desportiva: 111 111 XXX 12XX; Tempo de Desporto: X1X X11 11X 12X1; Boomerangue: 1XX X11 1XX 1XXX; Programa da Manhã: 11X 11X X11 1111; Canal Mais: XX1

XXX 111 1XX1; Fotograma: 1XX 1XX 111 XX11; Palavra Puxa Palavra: X11 1XX XX1 111X; Fora de Jogo Edição Especial de Sábado: 22X 121 121 1X11; Grande Sábado: XX2 2X2 1XX 222X; Sintonia Desportiva: XX1 1XX 111 X1X1; Bola ao Canto: XXX 111 111 1X11; RR-Diário do Desporto: 111 111 111 1XX1; Bola Branca: 111 X1X 2XX 1211; RR/Desporto: 111 XXX X22 2XXX; Rádio Sports: X11 1XX X21 1XX2; Jornal de Santo Tirso: 111 121 XX1 1X21; Jornal de Sintra: X11 X11 121 122X; Voz do Ave: X11 XXX XX1 1X2X; A Voz das Beiras: 111 11X XX1 1112; A Voz do Domingo: X11 11X XX2 1X22; Voz de Lamego: 111 112 11X X222; RDP/Rádio Guarda:

XXX 1X2 X2X X2X1; Panorama Desportivo: XXX 112 1XX 1X21; Beira Serra: 111 2X2 111 111X; Horizonte: 111 1X2 1X2 1X11; Pô do Sol: X11 11X X11 2XX1; Correio de Coimbra: X11 X1X 112 1X21; Ecos de Cacia: 111 X1X 112 12X2; Linhas de Elvas: X11 111 1XX 222X; Litoral: X11 11X 112 1XXX; Jornal da Lixa: 11X X11 XXX 11XX; O Mensa-

geiro: X11 111 X22 X111; Notícias do Douro: 11X X1X 121 1X21; Notícias de Guimarães: 111 X11 XX2 12X2; Reconquista: 11X X11 XX2 XX22; A Arte de Bem Madrugar: X11 X1X 212 1X21; O Diário: 11X X11 2XX 112X; Diário de Lisboa: X11 111 XX2 12XX; No Estúdio e no Estádio: 11X X11 XX1 1X2X; O Jogo: X1X X1X X1X 2XX; A Comarca de Arganil: X1X X11 XX2 1X21; Dribling: X1X X1X 1X2 122X; Guia do Apostador: X1X X11 11X 122X; Diário de Coimbra: 211 111 X1X 1X11; Jornal «A Ordem»: 111 X1X 122 1X21; Comércio de Leixões: X11 22X X1X 1222; De Tudo um Pouco: 111 X1X 112 1X22; Jornal de Gaia: XX1 111 XXX 21XX; Jornal da Graça: 11X 2XX 211 XXX2; Primeiro de Janeiro: 111 X1X 1X2 XX22; Quadrante Norte: 111 X1X XX2 122X; Repórter do Dia: 111 11X 112 1X2X; Resenha Desportiva: 111 1X1 112 1XXX; Alvo Desportivo: 111 1XX X12 XX21; Rádio Alvo: 111 111 1X2 112X; Alvo: 111 111 1XX 1111; Alvo Suplemento: X11 1XX X21 XXX1; A Voz dos Ridículos: 111 X11 112 1222; Jornal 1X2: X11 11X 1X2 X222.

assim vai o
totobola

	R E S U M O			B O L A S (*)		
	1	X	2	1	X	2
1. Porto-Sporting	41	36	3	6	5	1
2. Guimarães-Académica	69	9	2	10	1	1
3. Salgueiros-Penafiel	54	24	2	7	4	1
4. Covilhã-Chaves	42	33	5	6	5	1
5. Setúbal-Braga	55	22	3	8	3	1
6. Marítimo-Belenenses	31	41	8	5	6	1
7. Portimonense-Boavista	36	38	6	5	6	1
8. Gil Vicente-Rio Ave	35	32	13	5	5	2
9. Paredes-Fafe	23	24	33	3	4	5
10. U. Coimbra-Elvas	52	18	10	8	3	1
11. U. Santarém-Águeda	18	32	30	3	5	4
12. Barreirense-Farense	12	28	40	2	4	6
13. Juventude-Montijo	43	27	20	5	4	3

(*) - Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
111 11X X12 1X21

O Leixões defrontará o Olímpico do Luxemburgo no dia 10 de Novembro, às 18 e 30, no pavilhão «Siza Vieira» em jogo a contar para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus de Voleibol» (feminino). Para a «Taça da Confederação Europeia» (feminina) o SC de Vila Real, defrontará, nos próximos dias 1 e 2, em Atenas, o Ionokos, em jogos que serão dirigidos pelo espanhol Ayala Fernandez. Na mesma taça (em masculinos) o Esmoriz jogará em Itália com o Kutiba Falconara, a 7 e 9 de Novembro. O Leixões defrontará também os espanhóis da Alisa Aceitunas, no pavilhão Siza Vieira pelas 21 e 30 do próximo dia 2.

Para a «Taça dos Vencedores das Taças» (masculinos) a Associação Académica de S. Mamede jogará com os cipriotas do Anarthosis, no seu pavilhão, no próximo dia 10, pelas 17h.

Seleções

A Federação Portuguesa de Voleibol divulgou o nome dos 16 juniores masculinos de seis clubes que vão participar num estágio de três dias, no colégio dos Carvalhos. O estágio iniciará-se amanhã, sob a orientação de Sálvio Nora e Filipe Melo, que escolheram os seguintes voleibolistas: João Pe-

reira, Celso Cales, Gonçalo Ribeiro (AA de Espinho), Bento Martins, Pedro Pinto, Marcos Machado (G.C. de Santo Tirso), Miguel Soares, Vítor Mota, Eduardo Soares (FC Porto), José Oliveira, Teodoro Neto, Nuno Pereira (Leixões), Nuno Oliveira, Rui Loureiro (SC de Espinho) e Nelson Gomes e Nuno Correia (A.A.S. Mamede).

No mesmo período e no mesmo local decorrerá igualmente um estágio para 16 jogadores femininos (pertencentes a oito clubes) sob a orientação de Jorge Teixeira e José Fróis, que escolheram as seguintes atletas: Sónia Rodrigues, Cândida Costa, Helena Machado, Ana Paula Rocha, Helena Jorge (Boavista), Rosa Lopes, Suzana Ferreira e Sá, Marina Figueiredo (Leixões), Celeste Carvalho (Fluvial), Crisália Gonçalves (V. de Guimarães), Sandra dos Santos (Esmoriz) e Carmen Ramos e Fernanda Sá (Escola de Esmoriz), Sofia Serra (G.C. de Santo Tirso) e Cláudia Soares e Ana Maria Ferreira (G.D. Póvoa).

Estes estágios integram-se nos esquemas de preparação para os respectivos campeonatos da Europa, que se disputarão em 1988, ainda em locais a designar.

DESPORTO

Andebol português assalta o Mundial

A direcção da Federação Portuguesa de Andebol (a que preside o professor Eduardo Saraiva) reuniu-se ontem com a imprensa para divulgar a marcha dos trabalhos que vão permitir a realização, no nosso país, em Fevereiro, do Grupo C do Mundial.

Repetir o êxito de 1976, com alguns dos andebolistas «sobreviventes» daquela data, é a aposta firme da selecção nacional para o torneio que se realiza em Portugal, de 6 a 15 de Fevereiro. Eduardo Saraiva, apresentou o programa da prova e disse: **«vai ser difícil alcançar a vitória, mas há fortes esperanças entre dirigentes, técnicos e jogadores»**.

Portugal (país anfitrião) ficou integrado na série A da Prova, tendo como adversários a França, Áustria, Luxemburgo e Inglaterra. O primeiro objectivo da turma das quinças, orientada por Manuel Manita, será o de ficar nos dois primeiros lugares da série A, que dão acesso à fase final, onde estarão presentes as melhores equipas da série B, da qual fazem parte Holanda, Israel, Turquia, Bélgica, Ilhas Faroe e Grécia.

«Na série A, a França e a



João Gonçalves e Carlos Silva: as «estrelas» com maior traquejo

Áustria vão ser os dois grandes rivais de Portugal, mas acreditamos na passagem à fase final — disse Manita, acrescentando que a Holanda e Israel têm também grandes aspirações na competição. Manuel Manita, que já convocou 22 jogadores com vista ao Mundial, no qual figuram «sobreviventes» de 76 (caso do guarda-redes Carlos Silva e de João Gonçalves), admitiu ainda que a Turquia e a Grécia (série B) possam ser uma surpresa agradável na prova.



tendo em conta os últimos resultados alcançados por aquelas duas selecções. O andebol grego e turco é praticamente desconhecido em Portugal, mas temos informações de que tem evoluído bastante nos últimos anos e não nos espantaria uma surpresa — adiantou o treinador nacional. Portugal, que se estreia dia 6 de Fevereiro frente ao Luxemburgo, actuará no pavilhão do INATEL (Em Lisboa), muito embora os jogos do Mundial se efectuem também em Leiria, Almeirim, Santarém, Setúbal e Sines.

Portugal participa, entretanto (de 13 a 17 de Novembro), no «Torneio Internacional de Haarlem» (Holanda), no qual terá a oportunidade de actuar frente a algumas das melhores selecções mundiais: caso da União Soviética e Checoslováquia. No «Torneio de Haarlem», a selecção nacional terá ainda a oportunidade de jogar com a França, que será um dos seus rivais na série A do «Mundial», em Lisboa.

A concentração final da selecção com vista ao «Mundial» (grupo C) terá lugar no dia 12 de Janeiro (em Lisboa), estando prevista a realização de um torneio internacional, com a presença de equipas ainda por determinar.

A meta da turma portuguesa será a vitória na prova e a sua subida automática ao grupo B do «Mundial», onde já esteve presente em 1978, altura em que desceu de novo ao grupo C depois de finalizar no último lugar. Portugal triunfou no «Mundial» (grupo C) em 1976, tendo a Holanda sido a 2.ª classificada e a Suíça 3.ª da geral. A equipa nacional faliu a subida ao grupo B em 1980 e 1982, quando o campeonato do mundo se disputou nas Ilhas Faroe e Bélgica, respectivamente. Em 1984, Portugal esteve ausente do «Mundial» (em Itália) em virtude de dificuldades financeiras da Federação, tendo a Bulgária sido a equipa vencedora da prova.

O técnico Manuel Manita não abdicou de convocar para o «Mundial» dois jogadores que se encontram no estrangeiro:

Jorge (a militar na equipa helvética do HC Horgen) e João Gonçalves (na Holanda, por motivos profissionais).

Rui Oliveira Ferreira (20 anos), do Académico de Braga, é o «benjamin» da equipa, enquanto o guarda-redes Carlos Silva (34 anos e 74 internacionalizações) é o grande «veterano» do conjunto nacional.

Portugal, que se estreia frente ao Luxemburgo (dia 6 de Fevereiro), defronta seguidamente a França (dia 7), Inglaterra (9) e Áustria (10). O lote dos jogadores convocados é o seguinte:

• Guarda-redes: Carlos Silva (Sporting), Santa Bárbara (Benfica), José António (Belenenses) e António Figueiredo (ABC)

• Jogadores de campo: João Gonçalves, Jorge Rodrigues (HC Horgen) João Manuel (Belenenses), Carlos José Silva (Sporting), Jorge Vieira (FC Porto), Rui Oliveira Ferreira (ABC), Eduardo Sérgio (Sporting), Manuel Marques (Sporting), Rui Val Ferreira (Belenenses), José Pires (Sporting), Mário Santos (Sporting), Luís Lopes (Benfica), Luís Lacerda (FC Porto), Luís Crespo (Belenenses), José Cabaço (Benfica), Rui Aguiar (ABC), António Morais (Setúbal) e Mário Gentil (Benfica).

Além do treinador (Manuel Xavier Manita) o bloco de responsáveis pela turma portuguesa integra o médico dr. José António Bardete, o psicólogo professor dr. António José Paula Brito e o fisioterapeuta José Caetano Guerreiro Lima.

No encontro com a Imprensa, estiveram também presentes o director-geral dos Desportos (professor Mirandela da Costa), o «capitão» do conjunto português (Carlos Silva) e representantes do Comité Olímpico Português e do Inatel, entidades que colaboram na organização do «Mundial».

Modalidades

Golfe: «Open» de Portugal

Rui Costa é o português melhor classificado no «Open» de golfe de Portugal, após a jornada inaugural realizada na Quinta do Lago (Algarve). Costa ocupa a 14.ª posição com 70 pancadas. Classificação após a 1.ª jornada: 1. (67) Emilio Rodriguez; 2. (68) Richard Buxall, Simon Bishop, Ronan Rafferty e Constant Rocca; 5. (69) Severiano Ballesteros, Emanuel Dussart, Glenn Ralph, Stephen Bennett, Michael King, Martin Poxon, Carl Mason, Warren Humphreys e Brian Waites; 14. (70) Rui Costa (Portugal), Jerry Anderson, Bobby Mitchell, Robert Lee, Jeff Hall, Miguel Martin, Gordon Brand, Paul Thomas, Ross Drummond, Andrew Chandler, David Leewelllyn, Brian Marchbank, David J. Russell, Ricahrd Cromwell e Nathaniel Crosby.

Cantinho do peão

Certíssimo: um adepto do automobilismo foi ao Restelo ver a nova máquina do Markku Alen e, de tão prendido que ficou à «bomba», nem sequer reparou que, no desfile de moda, estiveram corpos lindos, mais ou menos de arregalar o olho.

BATAS ESCOLARES



TINTURARIA GUANABARA
DEPARTAMENTO DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro)
R. Infanteria 16, 55-C - 1300 LISBOA

«EEI - EMPRESA DE EQUIPAMENTOS INFORMÁTICOS, LIMITADA».

— Certifico que é fotocópia parcial, composta de quatro folhas, extraída para efeitos de publicação da escritura de vinte e três de Outubro do ano corrente, exarada de folhas noventa e duas a folhas noventa e quatro do livro de notas para escrituras diversas número Quarenta e sete-G do Sexto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada, Maria do Carmo Antunes dos Santos, pela qual foi constituída entre os senhores: António José Antunes Soares, casado; e Aristides Joaquim da Silva Santos, solteiro, maior, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, e que se rege pelo pacto constante dos artigos seguintes.

1.ª — A sociedade adopta a denominação «EEI - EMPRESA DE EQUIPAMENTOS INFORMÁTICOS, LIMITADA», durará por tempo indeterminado a partir de hoje e tem a sua sede em Lisboa, na Urbanização da Quinta do Doutor Lobo, lote um, primeiro andar direito, freguesia do Alto do Pina.

— É único: — A sociedade poderá abrir filiais, agências, sucursais ou quaisquer outras formas de representação social onde e quando o desenvolvimento dos negócios sociais o aconselhar.

2.ª — O seu objecto consiste no comércio de computadores, microcomputadores, terminais, periféricos, caixas registadoras, acessórios e serviços de assistência técnica.

3.ª — O capital social é de cinco milhões de escudos, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas iguais de dois milhões e quinhentos mil escudos, uma de cada sócio.

4.ª — A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será exercida por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo necessária e suficiente a intervenção de qualquer deles, maior, para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos.

— § 1.º Os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, mediante o respectivo mandato; podendo, também, a sociedade constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

— § 2.º É vedado aos gerentes o uso da denominação social, em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, — sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida.

5.ª — A cessão de quotas é permitida entre os sócios, dependendo a cessão a estranhos do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência, em primeiro lugar e, em segundo, aos sócios não cedentes.

6.ª — Os sócios poderão mediante deliberação da Assembleia Geral prestar a sua actividade na sociedade para prossecução directa do objecto social.

7.ª — A sociedade pode amortizar a quota ou quotas de qualquer sócios nos casos seguintes: a) Por acordo com o respectivo titular; b) Em caso de falência ou insolvência do sócio; c) Se tiver sido penhorada, arrestada, ou por qualquer motivo sujeita a apreensão judicial; d) Em caso de incumprimento das regras estabelecidas no artigo sexto.

8.ª — Verificando-se o falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer sócio, a sociedade subestituirá com os herdeiros ou representante legal, se estes pretenderem fazer — parte dela, nomeando, entre si, um que a todos represente enquanto a quota estiver indivisa.

9.ª — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital aos sócios até ao montante e nas condições que forem estipuladas na Assembleia Geral.

10.ª — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de quinze dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme ao original.

Lisboa e Sexto Cartório Notarial, aos vinte e quatro de mil novecentos e oitenta e cinco

— o escriturário-superior — (Silvina Mora Coelho)
D.L. 31/10/1985

Câmara Municipal de Sintra

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

EDITAL N.º 186

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA: FAZ saber que em reunião ordinária de 21 de Agosto de 1985, a Câmara Municipal deliberou tomar posse administrativa do prédio situado na Encosta do Casal do Outeiro e inscrito na matriz sob o artigo 1.ª secção D, D1, D2 e D3 da Freguesia de Belas, em virtude de nele se ter verificado um loteamento clandestino.

1) Qualquer construção ou continuação de construção que se verifique após a publicação deste EDITAL será imediatamente demolida, pois estará a ser efectuada em desrespeito pela legalidade e em terrenos na posse da CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA.

2) Pelos mesmos motivos ficam proibidas:

a) — demarcação de lotes e arruamentos.
b) — alterações à morfologia do solo (aterros, desaterros, etc.

c) — abertura de caboucos.

3) Estas medidas têm como objectivo:

a) — conter o loteamento e a construção ilegal.
b) — impedir a expansão desordenada de construções e a utilização errada de terrenos que deverão ter outras utilizações.

c) — proceder criminalmente contra os loteadores.

4) Para não cair em situações semelhantes deverão os interessados:

a) — evitar a compra de lotes em avos indevidos para construção.
b) — exigir do vendedor a apresentação do alvará de loteamento emitido pela Câmara.
c) — informar-se junto dos Serviços Técnicos da Câmara acerca da viabilidade do loteamento do terreno em causa.

Para constar, se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Sintra, 24 de Outubro de 1985
O PRESIDENTE DA CÂMARA
FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO

Fernando Pessoa num diálogo de vinte quadros

«Durante algum tempo fiquei só com as minhas telas e com as obras de Fernando Pessoa. Foi assim que preparei esta exposição e daí a sua carga emotiva». Com estas palavras a pintora Helena San Payo define o clima da sua exposição subordinada ao tema «Homenagem a Fernando Pessoa», patente ao público até 31 de Novembro na Galeria S. Francisco, em Lisboa.

A ideia surgiu integrada na época de comemorações pessoais que este ano se têm levado a efeito. Helena San Payo juntou-se ao actor Francisco Pestana e juntos elaboraram uma exposição-espectáculo: ela apresenta vinte telas e uma serigrafia e ele faz intervenções teatrais inéditas.

«Sempre gostei muito de Fernando Pessoa e sempre me tocou muito tanto pelo «Livro do Desassossego» como pela «Ode Marítima» e é dele que trago a maior carga dramática presente na exposição, para a qual fiz um total despojamento de tudo o resto. Daí que algumas pessoas me dissessem que talvez não encontrasse um público capaz de assumir toda essa dramaticidade, porque às vezes as pessoas preferem que um quadro seja um mero objecto decorativo», explica a pintora.

Ao preparar a presente exposição, muitas telas foram feitas, vários estudos, um trabalho intenso antes de chegar «aqui»: «procuro o despojamento, a plasticidade do apontamento na cor, na mancha e na linha. Cor intencionalmente sossegada, tranquila, para que intensidade cromática sublinhe o registo rápido e nervoso do gesto, e do movimento como comentário. Figuras sentadas, figuras que conversam, que se olham, que olham 'para dentro' e 'para fora'. Temas do quotidiano, ou aparência do quotidiano. Sobreposição do gesto, sobreposição da forma, também ambiguidade», pode-se ler no catálogo que acompanha a exposição, escrito por Helena San Payo.

Figuras humanas

A figura humana, animais místicos (ou não) e objectos são os elementos preferidos da pin-

tora. Mas não só: «A cor, o espaço, a matéria são elementos que o pintor pode dominar para transmitir uma emoção através de uma proposta estética.»

«O público mais evoluído verá a emoção que eu quero transmitir através da minha proposta estética. O público menos iniciado será sensibilizado pela cor, pela comunicação de uma emoção e não dará o mesmo valor à proposta estética.»

Helena San Payo faz questão de afirmar que não pertence a «correntes artísticas»: «Não me filio particularmente em nenhuma corrente, o que não quer dizer que não possa estar integrada numa corrente artística. Considero-me uma pintora da nossa época, moderna, e preferivelmente não gostaria de estar catalogada. Mas acredito que expresse os climas emocionais que também a mim me tocam quando me expresso numa obra», afirma a pintora.

Trata-se, segundo Helena San Payo, «não só de exercer a nossa sensibilidade, não só a do criador, mas a do espectador, e de preservar essa liberdade de 'sentir', apesar das limitações que são as 'correntes artísticas', as 'vanguardas', as 'modas' e os 'manifestos' temporários do gosto».

Para Helena San Payo a arte é, antes de mais, «uma forma demasiado íntima de comunicar». Comunicação essa que vai buscar para se expressar todos os «valores plásticos que o artista tem, através das suas vivências, o seu conceito de vida e a procura constante do belo». Conceito que a pintora ainda não encontrou, pois encontra-se «numa busca constante».

Mas as exposições têm um lado menos 'bonito'. Trata-se do aspecto monetário de que se reveste qualquer iniciativa deste



Helena San Payo

género. Sob este aspecto, a artista salienta: «comercialmente a exposição não tem corrido muito bem, por falta de divulgação. No entanto raras vezes esse aspecto está realmente relacionado com o verdadeiro de uma obra. Claro que essa questão é importante para a minha sobre-

vivência como artista, mas nunca está presente quando trabalho, não é o fim da minha investigação».

«Expor é de caras»

Para a artista não há dificuldade para fazer uma exposição. É de caras. Mas sublinha que para isso «é preciso ter uma obra». E ela tem-na.

Filha da pintora Gulhermina Garcez, começou a pintar aos 13 anos («para mim começar a pintar foi quase tão natural como

respirar»). Tirou o curso superior de Pintura da ESBAL com distinção, em 1966. Ganhou o Prémio de Pintura Veloso Salgado um ano depois, atribuído pela Academia de Belas-Artes de Lisboa. Foi subsidiada vários

anos pela Fundação Calouste Gulbenkian, nos estudos de pintura. Seguiu-se uma estadia de seis anos no Canadá, onde começou por trabalhar em retrato a óleo, realizando encomendas.

Durante a sua estadia naquele país participou em diversas exposições colectivas e foi responsável pelo «Graphic Arts Centre» entre 1967 a 69. Entretanto ficou representada no Moncton Hospital, no St. John's Parliament, St. John e na Beaver Brook Art Gallery Canadá.

Depois foi o regresso a Portugal e «a adaptação, o impasse e o recomeço, novamente no campo do retrato, passando depois a trabalhar em propostas mais pessoais e procurando sempre o meu próprio discurso estético».

Daí a sucessão de exposições e a participação em diversos acontecimentos culturais. Todos os anos tem feito uma individual, esta é a quinta consecutiva em Lisboa, fora a participação em colectivas.

Projectos

Apesar da sua preferência pela pintura em tela, com óleos e acrílicos está a preparar, com calma, uma próxima exposição com peças de escultura. Do mesmo modo, dentro de pouco tempo também peças de gravura e serigrafias estarão nas galerias. Por enquanto continua o trabalho no 'atelier' e aquelas coisas que dão menos prazer, mas que são necessárias à sobrevivência do artista: as aulas. Helena San Payo é professora.

«É duro para todos os artistas a sobrevivência e por isso temos que recorrer a actividades paralelas. Tenho sido orientadora pedagógica de Artes Visuais do 5.º Grupo do Ensino Secundário e lecciono na Escola de Linda-a-Velha».

Para já, e até ao dia 31 de Novembro, é esta exposição, onde os poemas de Fernando Pessoa são vistos e traduzidos pelo pincel de Helena San Payo.

Elsa Andrade

Mirita Casimiro nome de teatro

O Teatro do Picadeiro-Estoril passará a chamar-se Teatro Municipal Mirita Casimiro, conforme decisão da Câmara Municipal de Cascais.

A decisão da Câmara vem na sequência de um parecer da Junta de Freguesia do Estoril e foi aprovada por unanimidade.

Mirita Casimiro trabalhou durante muitos anos na rádio e televisão no Brasil, regressando a Portugal na década de 60, onde foi para Teatro Experimental de Cascais.

Entre as interpretações mais conhecidas estão os papéis desempenhados em peças como «A Casa de Bernarda Alba», «A Maluquinha de Arroios» e «D. Quixote». O seu trabalho nesta última peça teve que ser interrompido devido a um acidente de viação.

O acidente, ocorrido em 1968, obrigou Mirita Casimiro a abandonar definitivamente o teatro.

A actriz despediu-se do público em Dezembro de 1969, vindo a falecer no dia 25 de Março de 1970.

Pintura portuguesa em Madrid

O pintor português Albuquerque Mendes inaugurou uma exposição individual numa galeria comercial de Madrid no passado dia 21, que estará patente ao público até 14 de Novembro.

Ao acto assistiu o embaixador de Portugal em Espanha, Fernando Reino.

Trata-se da primeira exposição individual de Albuquerque Mendes em Espanha e das poucas exposições de pintores portugueses em galerias comerciais na capital espanhola.

Albuquerque Mendes participou na última Feira Internacional de Arte de Madrid, em Fevereiro deste ano, ocasião em que foi convidado a realizar esta exposição individual.



Um dos trabalhos da artista exposto na Galeria S. Francisco

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio. Execução de sentença, n.º 7064-B, 2.ª secção.

Exequentes — DISTRI-CENTRO — Soc. de Publicações do Centro, Lda. Executados — Joaquim Moniz Gonçalves, com domicílio na Rua Jacinto Marta, Fátima, Vila Nova de Ourém.

Lisboa, 23/10/85

O Juiz de Direito (Regível)

Pe'l'O Escrivão de Direito Adérito A. Fernandes

«DL» 31/10/85 — 2.ª Pub.

6.ª SEMANA
OS FAVORITOS DA LUA
Com um elenco inesquecível
Um filme de OTAR JOSSELIANI
UMA LOUCURA IMPARÁVEL
NARLO NALLES
(Maiores de 12 anos)

COMUNA
COMUNA — TEATRO DE PESQUISA
13 anos de trabalho — uma nova sala de espectáculos
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS!
3.ª/4.ª e 5.ª-feira **PREÇO ÚNICO 150\$00**
COM O PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN
amadíis
TEXTO DE ABEL NEVES
ENCENAÇÃO DE JOAO MOTA
...AMADIS
UM DOS MAIS IMPORTANTES ESPECTÁCULOS DE 84/85 — «O Jornal»
APOIOS RADIO COMERCIAL «O JORNAL» «SFE» «J. LETRAS» EUROGRAF
PRAÇA DE ESPANHA, TEL. 720818 — SUB. M. CULTURAL — P/ MAIORES 12 ANOS

O maestro e o menino

Soliloquio

Praça de Touros de Madrid. Sábado, 28 de Setembro de 1985. Touros do marquês de Domecq e de Aldeanueva para Manuel Vidrié, e de Jandilla para Antonio Chenel «Antoñete» e Pepe Luis Vasquez.

O maestro. Antoñete. Aí está ele, na porta das quadrilhas, com o semblante sereno e grave. Que têmpera de toureiro, a do velho Chenel! Viu morrer, na arena de Colmenar, a dois passos de si, e do seu impotente capote, o Yoyo que podia ser seu filho. Sofreu inteira a noite do luto, primeiro entre os prantos do bairro de Canillejas, e depois ao volante, na escuridão silenciosa da estrada e da alma, caminhar do sol dourado de Almería, onde a colmada o esperava. Presa fácil para o touro, esse homem gasto pelos anos, esse lidador diminuído pelo fantasma da morte, que em seus olhos bailava ainda. Sentiu rasgada a carne, comprometida a despedida do toureiro, na Monumental, escassos dias faltavam. E afinal bastou que a adiassem uma quinzena, dar tempo a que fechasse a ferida do corpo, não a da alma. Aí está o maestro, na porta das quadrilhas, pronto para cumprir o calendário de sua partida. Cumprir: palavra escassa, quando se toureia como toureou Antoñete, nesta sua penúltima tarde de Madrid. A capacidade de entender os touros; o sentido da distância, da medida, do temple; o sabor profundo e caro. Todas essas virtudes que quase lhe escondem o imenso valor. Com elas meteu na muleta a nobreza e o temperamento do bravo «Agitado», submeteu-o de vez no deslumbramento daqueles quatro ajudados por alto, adiantando o trapo vermelho, e depois a perna contrária, enquanto no ritmo dos dois braços trazia embarcado o Jandilla. Quatro

passes que foram quatro colossos, a praça de pé, o clamor só apagado quando da estocada o touro dobrou, depois da bela prolongada agonia, resistindo à nuvem que ia cobrindo seus olhos, já não deixava que vissem a outra nuvem, que chegava. Toda ela branca, dos lenços que para o matador pediam a orelha. Com ela iria Antoñete passear pela arena sua apoteose. Mais tarde, diante das afiadas hastes de «Admirado», seria a hora da valentia, do pun-donor, da casta que não precisa de luzimento para ter a marca inconfundível da maestria.

O menino. Pepe Luis Vasquez. Menino já não é, trinta anos correram desde que o mundo viu, lá na Sevilha do bairro de São Bernardo, que seu pai fez famoso. Menino já não é, mas menino parece, na timidez do leve andar, do estar, do olhar o touro que ele tantas vezes receia, abúlico e triste, afundando num mar de desconsolo os poucos seguidores que restam de seus primeiros anos, que começam a ficar distantes, e ele também, como se desejando que ninguém dê por sua presença. Está em praça o terceiro da tarde. No capote, não se destapou o menino; foi preciso sair o maestro ao quite, como se quisesse mostrar-lhe, com aquelas verónicas soberbas, que o touro, se mandado, obedecia. Aí vai Pepe Luis, com seu passo etéreo, como se na terra não pousasse as sapatilhas. Encaminha-se para Antoñete, vai brindar-lhe a faena. Não ouvimos do discurso as prolongadas palavras, apenas as sentimos co-

movidas quando no apertado abraço se calam. Mas eis que, do abraço desprendido, já do touro se acerca Pepe Luis. E de repente, sem ao menos um prévio aviso, eis que acontece, inesperada, a magia do toureiro. O abraço é agora outro, o da graça sevilhana, que o filho herdou de seu pai, com uma naturalidade que lembra Antonio Bienvenida. Pela praça, abafado o espanto, os olés vão saindo arrastados, sussurrados, recolhidos, como oração rezada em coro numa catedral, antes de explodirem de alegria, nos remates de prodígio. Que profundidade a daqueles passes de peito, as hastes a saírem pegadas ao ombro contrário... Que filigrana a dos adornos em que a figura do toureiro se iluminava, Toureiro de Sevilha, e de Madrid, e de todos os lugares... foi-se a mão não entrar a matar, e ficou o prêmio por uma orelha de «Aleancio»; mas isso pouco importa, quando o toureiro foi assim de assombro, aconteceu com essa doce singeleza, sem incertezas nem arcos. E acaso não era: porque voltou a magia a repetir-se, quando veio fechar praça o «Jabali», outro negro listão, e cinco anos nastifinos, a nobreza encastada pindo toureiro — o toureiro em que se transformara o menino triste, que em tantas tardes parece que não sabe, não quer, não pode; e que voltava a mostrar, agora com menos claro inimigo, como afinal sabe, e quer, e pode tourear: com o dom raro dos eleitos. Três vezes encontrou osso, a espada de Pepe Luis, antes de a seus pés rodar o Jandilla, assim perdeu a saída pela porta grande de Madrid. Mas bem se via, no clamor embevecido da multidão, como abertas deixava as portas dos corações.

O maestro e o menino. Juntos os dois nessa tarde que, por razões diversas, não irão esquecer. Nessa tarde em que também pela arena andou um cavaleiro rojoneador. Um senhor cavaleiro rojoneador, chamado Manuel Vidrié. Carregando sua tristeza. Por lhe haverem tocado dois mansos assim, impossíveis, desses que não deixam lugar para o luzimento; nem sequer para a emoção. Mas tristeza, principalmente, por sentir como na Festa era coisa secundária o seu ofício; por sentir como ali ficava claro que o rojoneio, com os seus touros de hastes manipuladas, se torna, na corrida integral, um acessório desnecessário, uma espécie de intermédio deslocado, que todos desejam que termine depressa, para que possa seguir a corrida. Com pena o digo: foi confrangedor ver Manuel Vidrié, logo a seguir ao passeio das quadrilhas, adornando-se na arena com a sua preciosa montada, saudando com o chapéu de aba larga, entre uma ovação que crescia. Só que a ovação não era para ele, não era no centauro castelhano que o público se fixava.

A ovação, e os olhares, eram inteiros para um matador que no burladero estava metido. E que do burladero tinha de sair à arena. E que a ela chamava o alternante companheiro, também seu filho podia ser, com ele dividia o insistente comovido aplauso. E era como se na arena não houvesse mais ninguém. Apenas o maestro e o menino. Antoñete e Pepe Luis. O maestro que parte, e atrás de si deixa o rasto da saudade. O menino que chega, e como por encanto cresce, se faz grande, menino deixou de ser.



Música electrónica com Paulo Miranda, esta noite no Teatro Ibérico

Música

- «A minha música é essencialmente produzida com o auxílio de instrumentos electrónicos e através da utilização de montagem em fita magnética ou da alteração de som de instrumentos acústicos por processos electrónicos». É assim que **Paulo Miranda** define a sua música, que vai estar esta noite no Teatro Ibérico, a partir das 21.30 horas. Este é o primeiro concerto a solo do músico, que tem exercido uma intensa actividade musical, que vai desde a gravação e produção de grupos rock, até à criação de música ambiente para teatro e galerias de arte. Paulo Miranda trabalhou em vídeo com Roberto Lestingue e actuou em palco como músico convidado de vários grupos rock, entre eles os «Croixsainte», e tem participado regularmente em gravações de estúdio a convite doutros músicos.
- Na Galeria Almada Negreiros, o **New Arts Trio** realizam um concerto esta tarde, pelas 18.30 horas, por deferência da Embaixada dos Estados Unidos. Do programa consta a interpretação de obras de Mozart, C. Ives, J. Eaton e Ravel.

Teatro

- A Companhia **Teatro da Rainha** volta a apresentar esta noite, pelas 21.45 horas, na Casa da Cultura daquela localidade e integrado na quinzena dedicada à figura e obra de Gil Vicente, o seu espectáculo «Tantas Maneiras de Enganos». A encenação é de Fernando Mora Ramos, o cenário e figurinos de José Carlos Faria, música da época seleccionada por Joaquim António da Silva e é interpretada por António Plácido, Helena Santana, Isabel Cardoso, José Eduardo, Pedro Hestnes Ferreira e Victor Santos.
- Inicia-se hoje o **2.º Encontro de Teatro no concelho do Seixal**, integrado nas comemorações de 149.º aniversário do município. «Pedido de Casamento» e «Malefícios do Tabaco», de Theckov, são as peças com que o grupo Amador de Pinhal de Frades abre o encontro, pelas 21.30 horas no Centro de Solidariedade Social de Pinhal de Frades.
- No **Teatro do Século**, à rua com o mesmo nome, prossegue o ciclo de espectáculos integrados no projecto de animação cultural «Sessões Contínuas». O início está marcado para às 22 horas, prosseguindo (em sessões contínuas) até às 2 da madrugada. Hoje é apresentada uma performance teatral intitulada «Esparguete, o Folhetim Devoto», na qual participam Daniel Blaufuks e Jorge Manuel.
- No Centro Nacional de Cultura das Amoreiras, na sala Halley Hall, é apresentada esta tarde a peça de Fernando Pessoa «O Marinheiro», pelo **Teatro Novo da Universidade**. À noite é a vez de **Lia Gama** cantar «3 Mulheres do Teatro».

Exposições

- A partir de hoje e até ao próximo dia 15 de Novembro, no bar-restaurant «O Camarim» está patente ao público uma exposição de pintura de **José Narciso**. À noite, com início às 21.30 horas, tem lugar um espectáculo com canções por **Cecília de Melo e Luís Mota**, poesia por **César Salvado** e a terminar a noite, a intervenção dos **palhaços Soneca & Batatinha**.
- Quinze artistas fizeram uma exposição subordinada ao tema «O Mar», que se encontra aberta ao público na R. da Emenda, 111-1.º, das 14.30 às 19.30 horas até 23 de Novembro. São eles: Alice Jorge, Álvaro Perdigão, Eduardo Teixeira, Fátima Vaz, Henrique Ruivo, João Hogan, José de Azevedo, Manuela Jorge, Maria Keil, Maria Velez, Noémia Cruz, Palolo, Rogério Amaral, Tereza Magalhães e Vespeira.



Os proprietários de «Visage» com o costureiro Augustus e António Prates, responsável pelas exposições de arte

Costa da Caparica: «Visage» com «Lydia Barloff» no dia 9

Um espaço diferente: «Visage», com aparição em forma de discoteca-bar e abertura para 1200 pessoas, vai ser inaugurado à entrada da Costa de Caparica (Rua Impasse III, n.º 3). Decoração «up-to-date» (verde, amarelo, rosa e azul combinando com preto e branco).

grande pista de dança, largos bares, 15 mil watts de luz, aparelhagem sonora com 2800 watts de potência, um «show» de raios laser acompanhando montagem musical de surpreendentes efeitos espectaculares.

Palco (45x3 metros) a propor-

cionar vários tipos de «show».

E, para além de música e dança, uma abertura cultural: exposições de pintura, serigrafia, desenho, fotografia e escultura, ainda a possibilidade de exibição de bandas musicais populares. Inauguração a 9 de No-

vembro: todo o «jet set» para admirar o «show» de moda de Augustus, a cançonetista Ana Paula Reis, o momento de «travesti» do bloco dirigido por Lydia Barloff (José Manuel Rosado) e ainda os patinadores-bailarinos Cristina e Paulo.



Uma cena do filme *Siberiada*, realizado por Andrei M. Kontchalovski. Prémio Especial do Júri do XXXII Festival de Cinema de Cannes. Em exibição no Estúdio 444

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

JAMES BOND 007
"ALVO EM MOVIMENTO"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Alfa 2

HISTÓRIA
INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A COMPANHIA DOS
LOBOS
(para maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 23.45 h

Alfa Club

T. 763319

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

"007 — ALVO
EM MOVIMENTO"
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Amoreiras 2

HISTÓRIA
INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 23.45h

Amoreiras 3

RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15h

Apolo 70

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Ávila

— T. 539930

CRAZY FOR YOU
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Avis

— T. 547163

AMAR NÃO MATA
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
AMAR NÃO MATA
(interdito men. 18 anos)
21.30 h

Berna

— T. 776098

A COMPANHIA DOS LO-
BOS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30h

Caleidoscópio

— T. 795093

HISTÓRIA INTERMINÁ-
VEL
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Capitório

— T. 372358

O ANTO DA
MALANDRICE
(para maiores 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

T. 530194

MAD MAX — ALÉM DA
CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Cinebloco

— T. 556824

A GRANDE
PERSEGUIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ANGEL
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

ASSALTO À ESCOLA DE
KUNG-FU
(n/acons. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

CICLO MICHELAGELO
ANTONIONI
Versão original
sem legendas
(m. 12 anos)

Cine 222

— T. 579460

PERFEIÇÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 h
O ÁS DOS ASEs
(não acons. men. 13 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

NOVA IORQUE 2 HORAS
DA MANHÃ
(maiores 18 anos)
16 e 21.45h

Estúdio Sheza

LARANJA MECÂNICA
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30h

City Cine

— T. 549999

AMADEOS
(maiores 12 anos)
14.30, 17.45 e 21.30h
A CALÚNIA
(não acons. men. 13 anos)
23.45h

Condes

— T. 322523

OS GLORIOSOS
MALUCOS DA
ACADEMIA
DO VOLANTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Eden

— T. 320768

RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Estúdio

T. 555134

NO LIMAR DA
REALIDADE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

FOME DE VIVER
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Estúdio 444

— T. 768078

SIBERIADA — 1.ª Parte
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

O CLUBE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

Sala 2

HISTÓRIA
INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45h

Sala 3

DESPERADAMENTE
PROCURANDO SUSANA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Forum Píccas

Auditório 1

DIÁRIO DE UM
REALIZADOR
(maiores 13 anos)
19 e 21.30 h

Auditório 2

AS RAPARIGAS
DE MAIDETTERLING
(maiores 12 anos)
19 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

JAMES BOND 007
"ALVO EM MOVIMENTO"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30

Hollywood

— T. 802859

CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
24. h

ROSA PÚRPURA DO
CAIRO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e
23.45 h

Império

— T. 555134

JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(para maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ROSA PÚRPURA
DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30h

DESPERADAMENTE
PROCURANDO SUSANA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45h

Londres

— T. 801313

A ROSA PÚRPURA
DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
14, 16.30, 19, 21.30

Mundial

— T. 538743

A COMPANHIA
DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Nimas

— T. 574362

A COMPANHIA
DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Odeon

— T. 326283

MISSÃO FINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30h

Olimpia

T. 325309

SEXO MANÍACA
À SOLTA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé

— 821933

AMOR E DINHEIRO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
OS DEMÓNIOS DO
KARATÉ
(maiores 16 anos)
24 h

Politeama

T. 326305

O INFERNO ATRÁS
DAS GRADES
(maiores 18 anos)
14.30, 16.30, 19 e 21.30h

Quarteto

T. 771378

OS FAVORITOS DA LUA
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h
ACIDENTE NO LUNA
PARK
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 2

O HOMEM DAS FLORES
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30h
EXORCISTA II
(maiores 18 anos)
23.30h

Sala 3

AMANTES — LOVE
STREAMS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30h
SIDDHARTHA
(maiores 18 anos) 24h

Sala 4

MAD MAX III — PARA
ALÉM DA CÚPULA
DO TROVÃO
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15h
A VIOLAÇÃO
(maiores 18 anos) 23.30h

N'GOLA

JE VOUS SALUE MARIE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.45h

Restelo

T. 610375

OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS
(maiores 13 anos)
15.30, 18.15 e 21.30h

Roma

T. 889192

RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Roxy

T. 548560

CHAMAVAM-LHE
CALIFÓRNIA
(para maiores 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

007 — ALVO EM
MOVIMENTO
(para maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Sala 2

A ROSA PÚRPURA
DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
15, 17, 19 e 21.45h

Sala 3

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

7.ª Arte

— T. 730715

PERFECT
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Star

— T. 804210

ANATOMIA DUMA
TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

MAD MAX — ALÉM DA
CÚPULA DO TROVÃO
(para maiores 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30h

Tivoli

— T. 570595

RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Turim

T. 706666

TESTEMUNHA DE UM
CRIME
(maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Vox

T. 880808

MAD MAX — ALÉM DA
CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30h

Xenon

T. 368480

VIGILANTE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Zodiaco

— T. 570151

O AMANTE DE LADY
CHATEREY
(interdito men. 13 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
2 HORAS EM MUNIQUE
(interdito 13 anos) 24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestudio —
"O Rei da Farsa" às 15.30
e 21.30 (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro
Lido — "O Sentido da
Vida" às 15.15, 18.30 e
21.30 (maiores 16 anos)

AMADORA — Babilónia —
"Rambo — A Vingança do
Herói", às 15.15, 18.30 e
21.30h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestudio Flo-
res — "Academia de Polí-
cia", às 15 e 21.30 (maiores
12 anos) As 24, "Assassinos
Selvagens" (maiores 12
anos)

MEM MARTINS — Cine
Chaby — Descanso.

CARLOS MANUEL — "Su-
perman III", às 21.30 h
(maiores 6 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — "His-
tória Interminável", às 17.00
e 21.15 (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 "Os
Taxistas do Ritmo", às 15.30
e 21.30 h (maiores 12 anos)
CINE IMPALA — "A Estrada
de Fogo", às 16 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

SPORT ALGÉS E DAFUN-
DO — "Ghandi", às 21.30 h
(n/acons. 13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia —
"O Caçador de Tubarões",
às 15.30 e 21.30h (interdito
13 anos) As 24, "Shampoo"
(n/acons. 18 anos)

ALMADA — Incrível —
"Teerão 4.ª", às 15.30 e
21.30 h (interdito 13 anos)

Porto

ÁGUIA DE OURO — "A Fú-
ria do Herói", às 14.15,
16.30, 18.45 e 21.45 (maiores
16 anos)

BATALHA — "Mad Max —
Alem da cúpula do trovão"

LISBOA — PERMANENTE — ALCANTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SÃO JOÃO:** Oriente, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA:** Unifia, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **CAMPO DE OURIQUE:** Porfirio, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE:** Bastos, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO:** Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO:** Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR — AVENIDA DA REPÚBLICA:** Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379); **LUMIAR:** São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **ROMA — TEATRO MARIA MATOS:** São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Sousa, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO:** São Sebastião, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BRANDÃO — AMADORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS — PATAMEIRAS:** Amaral, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453); **REFORÇO — ALVALADE — AVENIDA DO BRASIL:** Marbel, Av. de Roma, 131-A; **BENFICA — BAIRRO DAS PEDRALVAS:** Gouveia, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª (T. 776235); **CHELAS — COLÉGIO VALSASSINA:** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTRELA — INFANTE SANTO:** Alb. R. de Santa à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE — CINEMA ROXY:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **POÇO DOS NEGROS:** Modelar, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **REGO:** G. Silva, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO:** Blotifar, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **SÃO VICENTE:** Rosa & Viegas, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDA-NHA:** Cardeira, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **BURACA — AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939); **Outra Banda — ALMADA:** Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **PERMANENTE:** COVA DA PIEDADE: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356); **PERMANENTE:** COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060); **Até às 19 horas:** FELJO: Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119); **Até às 22 horas:** SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **Até às 19 horas:** LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016); **Até às 19 horas:** BARREIRO: Higene, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017); **PERMANENTE:** BAIXA DA BANEIRA: Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141); **Até às 19 horas:** CORROIOS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192); **Até às 19 horas:** AMORA: Matos Lopes, P. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355); **Até às 22 horas:** TORRE DA MARINHA: Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132); **Até às 22 horas:** MONTEJO: Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156); **Até às 22 horas:** MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **Até às 19 horas:** ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250); **Até às 19 horas:** ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **Até às 19 horas:** SETÚBAL: Cunha Pinheiro, E. da Camarinha, 32 (T. 24218); **PERMANENTE:** Fuzeta. **PERMANENTE:** Louro, R. Frei António Chagas (T. 24491); **Até às 22 horas:** **Linha de Cascais — ALGÉS:** Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486); **PERMANENTE:** LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610); **Até às 19 horas:** TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616); **Até às 22 horas:** ALCABIDECHÊ: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); **Até às 22 horas:** PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015); **Até às 22 horas:** MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635); **Até às 22 horas:** PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034); **PERMANENTE:** OEIRAS: Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090); **Até às 22 horas:** CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); **PERMANENTE:** SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361); **Até às 22 horas:** PA-REDE: Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054); **PERMANENTE:** SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312); **Até às 22 horas:** BIRRE: Imanl, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326); **Até às 22 horas:** AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313); **Até às 22 horas:** ESTORIL: Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116); **Até às 22 horas:** CASCAIS: Marginal, Av. Marginal (T. 280078); **PERMANENTE:** **Linha de Sintra — AMADORA:** Solla, loja D, lote 65 (T. 900724); **PERMANENTE:** FLAMA, R. Elias Garcia, 78-B (T. 493248); **Até às 22 horas:** Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740); **Até às 22 horas:** DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121); **Até às 22 horas:** QUELUZ: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); **Até às 22 horas:** CAMARATE: Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850); **Até às 19 horas:** CACÉM: Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); **PERMANENTE:** ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038); **PERMANENTE:** MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275); **Até às 22 horas:** RIO DE MOURO: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194); **Até às 22 horas:** SINTRA: Marras, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230832); **PERMANENTE:** COLARES: Abreja (T. 9290088); **Outras Farmácias — MOSCAVIDE:** Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918); **Até às 22 horas:** SCAVEM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420); **PERMANENTE:** LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027); **Até às 22 horas:** **Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — PASTELEIRA:** R. André de Resende, 92; **SAMPAIO:** R. de Cedofeita, 636; **COSME:** R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA:** R. de São Roque da Lameira, 111; **CENTRAL:** R. 31 de Janeiro, 203; **DE DIA E TODA A NOITE — SANTA TERESA:** P. Guilherme Gomes Fernandes, 100; **PADRÃO:** R. de Santo Ildefonso, 342; **SÁ:** R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA:** R. da Boa-Hora, 80; **GUIMARÃES:** R. de Francisco, 37.

Teatro e Copos — Finalmente Club
R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52
De segunda a sábado, às 00.30
«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM», Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Serash, Lydua Barloff, Ruth Briden e Vicly Batton.

Teatro Vasco Santana
Entrecampos — Tel. 76 86 09
De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00
«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Aberto
P. de Espanha — Tel. 770969
De terça a sábado, às 21.45
Aos domingos às 16.00
«TU E EU», de Friedrich Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Teatro Maria Vitoria
Parque Mayer — Tel. 37 17 40
De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.
A nova fase da revista «NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armada.

ALC
Parque Mayer — Tel. 36 67 45
De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00.
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencourt. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer (12 anos).



TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00

«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA», de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

Cascais Espaço TFC

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 78 33
De terça a sábado, às 21.45, domingos às 17.00

«DUAS ANEDOTAS PROVINCIANAS», de Alexander Valentino Ponas. Tradução de Helena Ramos e Artur Ramos. Encenação de Artur Ramos.

Centro de Arte Moderna

Sala Polivalente
R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 01 83
De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00

«PÍLADES», de Pier Paolo Pasolini. Encenação de Mário Feliciano, música: Constança Capdeville. Cenografia: Carlos Amado, Figurinos: Rosa Ramos.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18
Às quintas, sextas e sábados, às 22.00

«COZIDO À PORTUGUESA», de Fernando Gomes. Interpretação de Cândida Vieira. Fernando Gomes e Teresa Madruga.

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00
«AMADIS», de Abel Neves. Encenação: João Mota.

III — Teatro Infantil

R. Leão Oliveira, 1 — Tel. 639974
Aos sábados às 16.00

«O GALINHO DESOBEDEIENTE», DE Soledade Martinho Costa.

Ao domingo às 16.00

«AS GRAÇAS E DESGRAÇAS DE EL REI TADINHO», de Alice Vieira.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De terça a sábado, às 22, sábados e domingos, às 17.00.

O Grupo Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fill.

«A NOITE E O MOMENTO». Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paulo Bicho.

Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmin.

Maria Matos

Av. Frel Miguel Contreiras, 58 — Tel. 89 70 17
De quarta a sábado, às 21.45; aos sábados e domingos, às 16.00

«UM HOMEM É UM HOMEM». Damião de Góis. Texto e encenação: Hélder Costa. Cenografia: João Brites. Figurinos: Maria do Céu Guerra. Música: António Vitorino d'Almeida. Interpretação: António Gomes, Carmen Santos, João Azevedo, João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Carretas, José Gomes, Paulo Sousa, Teresa Faria e Vítor Carvalho.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86
Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Nacional D. Maria II

Rosário — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sábado às 21.45, sábados e domingos às 16.45

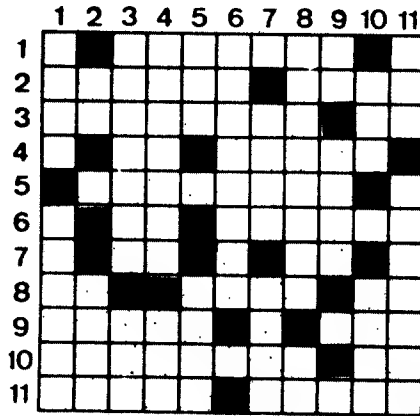
SALA EXPERIMENTAL
«VIRGÍNIA», de Edna O'Brien. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: Carmen Dolores, João Vasco e Luísa Salgueiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14571

HORIZONTAIS:

- 1 Festa anual dos Judeus, em memória da sua saída do Egito (pl).
- 2 Unir de novo. Fechou as asas para descer mais depressa.
- 3 Besuntarias. Plural.
- 4 Pertences. Capital da Áustria.
- 5 Assadas.
- 6 Interjeição brasileira. Oferecer. Crómio (s.q).
- 7 Duas vogais desiguais. Lavra.
- 8 Idem. Pegas. Ruim.
- 9 Conquistar. Madeira.
- 10 Declarar por escrito. Quinto filho de Jacob.
- 11 Saudável. Virgulas dobradas.



VERTICAIS:

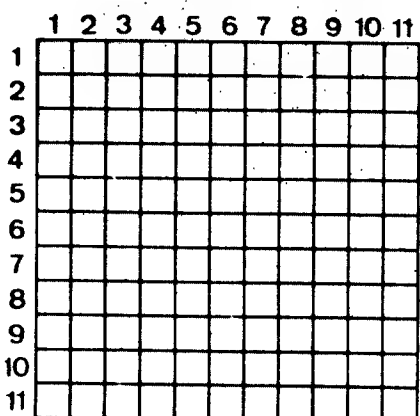
- 2 Negros da costa da Libéria, pertencentes ao grupo dos Mandingas. Mata espessa de plantas de pouca altura.
- 2 Neon (s.q e inv). Dá dote a.
- 3 Sede de cantão do departamento de Hauts-de-Seine (França). Medicina.
- 4 Indígenas da região do Ceará. Agarrei.
- 5 Senhor em inglês. Cidade das ilhas Baleares.
- 6 Cravejadas (fig).
- 7 Ópera de Verdi. Rã (pop).
- 8 Limpas. Carta de jogar.
- 9 Nota musical. Nosso Senhor.
- 10 Capa sem mangas. Classe.
- 11 Na Turquia, corpo da guarda, patrulha. Aquelas que servem por paga.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14411

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo indefinido. Foram para fora.
- 2 Vulcão de 1200m de altura e 8km SE de Nápoles.
- 3 Grande ribeira da Ásia Russa. Cidade de Itália. Rádio (s.q).
- 4 Tomba. O lado do vento. Pátria de Abraão.
- 5 Esmonca. Estimara.
- 6 Animal doméstico. Revestem de uma camada de crómio.
- 7 Igual. Aparelho de ginástica.
- 8 Espera resposta. Apelido. Ilha do Pequeno Belt.
- 9 Chefe. Reino da Federação Indochinesa. A Oeste do Vietname.
- 10 Narração.
- 11 Cantiga. Taça ou copo lavrado a buril.



VERTICAIS:

- 1 Cidade da Arábia. Ramificação.
- 2 Insinuar. Brisa.
- 3 Mil e cinco em romano. Rio da Alemanha. Acreditei.
- 4 Prefixo que designa ar. O sono das crianças. Cura.
- 5 Planta do pé. Molha com baba.
- 6 Suco. Aqui. Composição poética.
- 7 Antiga capital da Birmânia. Rã (pop). Ósmio (s.q).
- 8 Segundo. Desonesto.
- 9 Grande quantidade. Poisara no mar (o avião).
- 10 Brisa. Alternativa.
- 11 Mulo. Ramada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14570

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|-------------------|-------------------|
| 1 CÃO. QUE. | 1 Coima. MORDE. |
| 2 Os. Baú. Arco. | 2 As. Assas. As. |
| 3 LADRA. Rol. | 3 Lutaremos. |
| 4 Mauri. Cravo. | 4 Barro. Ce. |
| 5 Astro. Ra. As. | 5 Sadio. Saras. |
| 6 São. Restos. | 6 ur. Ra. Cl. |
| 7 Mar. Sãs. | 7 Acres. Aio. |
| 8 Osaca. Ari. | 8 Ua. Ras. Are. |
| 9 Mercarias. | 9 Erra. Tari. |
| 10 Dão. Alie. Rã. | 10 Covoão. Iara. |
| 11 Essas. NÃO. | 11 Colossos. São. |

PROVERBIO: Cão que ladra não morde.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14410

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|-------------------|
| 1 Cura. Colara. | 1 Caro. Lisboa. |
| 2 Até. Paris. | 2 Uta. Será. Rs. |
| 3 Ras. Opacos. | 3 Respira. Ana. |
| 4 Pêra. És. | 4 Ena! Pias. |
| 5 Sina. Torna. | 5 Porá. Caos. |
| 6 Lerá. Pó. An. | 6 Capa. Par. Sã. |
| 7 Irá. Caçar. | 7 Ora. Tocarem. |
| 8 Sa. Parados. | 8 Lição. Ado. |
| 9 Aio. Ro. Ad. | 9 Aso. Ro. Er. |
| 10 Ornasse. Ema. | 10 Sena. Sama. |
| 11 Asas. Amoras. | 11 Au. Sana. Dás. |

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;
17.00: Informação regional;
17.15: Musicomania; 19.00: In-
formação e música; 20.00: Musi-
cal; 20.20: No estúdio e no está-
dio; 20.35: Música portuguesa;
21.00: A viver também se
aprende; 21.30: Noites de luar;
23.30: Último jornal. Noticiários
de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX;
16.30: Alguns solos de viola dedi-
lhada; 16.45: Árias de óperas;
17.00: Integrais; 17.20: Concerto,
para flauta e orquestra, de Frede-
rico de Freitas; 18.00: Partita, em
si menor, BWV 831, de Bach;
18.40: «O Canto do Cisne», D.
957; 19.30: Música; 20.00: Mús-
ica de câmara; 20.40: Suite, n.º
1, op. 46, de Eduard Grieg; 21.00:
Antologia dos músicos portu-
gueses; 21.30: Sinfonia, n.º 6, em lá
menor, «Trágica», de Mahler;
23.00: Música de câmara; 23.45:
Solos instrumentais; 00.25: Can-
ções, de Franz Schubert; 01.00:
Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa;
17.00: Rápido das cinco; 19.00:
Som de retorno; 20.00: Conta cor-
rente; 21.00: Musical; 21.30:
Quando o telefone toca; 22.00:
Portugal e a CEE; 22.15: Progra-
mas religiosos; 23.00: Vigésima
quarta hora; 01.00: Peça o que
quiser; 02.00: No calor da noite.
Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da
frente; 17.00: Pé-de-vento; 18.00:
Círculo em FM; 19.00: Em órbita;
20.00: Nova geração; 21.00: Jaz-
zofone; 22.00: Nunca mais é sá-
bado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

16.00: As boas tardes da Re-
nascença; 18.00: Jornal das re-
giões; 18.30: Transmissão do
terço; 19.30: Quando o telefone
toca; 20.00: Programa da LARR;
21.00: Horizonte; 22.00: Diário
do desporto; 23.00: A hora é esta;
23.55: Meditando.

FM-Estéreo

14.00: Cem mais; 19.30:
Transmissão do terço; 20.00:
Serra de estrelas; 21.00: Vista
alegre; 22.00: Oceano Pacífico;
23.55: Boa noite. Noticiários a
todas as horas.



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «As Aventuras de Marco Polo» e «Calimero».

18.35 — Notícias

18.50 — Desporto

19.20 — A Mulher no Mundo

«A Situação da Mulher Canadiana»

19.50 — O Livro Grande de Petete

«A Contaminação»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Direito de Antena

«Associação Portuguesa de Técnicos de Contas — A.P.T.C.», «Associação dos Escanções de Portugal — A.E.P.».

20.35 — Vamos Jogar no Totobola

20.50 — Louco Amor

Renata dá instruções a Gabriel a fim de que ele possa chegar no sábado seguinte à ilha de Edgar sem ser visto.

Márcio interroga Agenor sobre o passado de Renata. Mais tarde, consulta os arquivos documentais da revista. Cláudia surpreende-o nessa busca e ele acaba por confessar que Renata é sua mãe.

Solidária, Cláudia promete que o ajudará a descobrir o segredo de Renata — o mesmo que André soube antes de morrer.

À saída, Cláudia encontra Denise que lhe diz que Renata e Isolda partilham um segredo, pois a

cozinheira trata a Embaixatriz com muita intimi-
dade.

21.30 — Panorama

Os problemas políticos e económicos da África-Austral, focados através de uma entrevista com Chester Crocker.

22.25 — A Montanha Mágica

(Último episódio): Rebenta a I Guerra Mundial no decurso da qual Hans Cartop morre. Série de Hans W. Geissendorfer.

23.30 — Último Jornal



19.30 — Desenhos Animados

«O Recruta Bailey»

20.00 — Conheça Melhor

«A Bélgica»

20.25 — Horizontes de Glória

(2.º episódio): O coronel Raynor Sarnac tem que optar por uma oferta lucrativa de uma empresa privada ou por um lugar importante na Força Aérea, na Califórnia. Realização de Thomas Carter, com Craig T. Nelson, Cindy Pickett, Keenan Wynn, David Hollander e David Lain Baker.

21.30 — Concerto Promenade

«Uma Noite Americana»: Concerto promenade



«Marco Polo» no Tempo dos Mais Novos

gravado no Royal Albert Hall com o título gené-
rico «Uma Noite Americana».

A London Sinfonia dirigida por Simone Rat-
tle.

«Strike Up the Band» de Copland; «Apalachian
Spring» de Copland; «Central Park in the Dark»
de Ives; «Rhapsody In Blue» de Gershwin; «Pre-
lude, fugue and Riffs» Bernstein.

22.50 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

11.00 — Missa do dia de Todos os Santos
12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
15.30 — Reportagem do Exterior
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.55 — O Mundo da Ciência
19.20 — O Mar e a Terra
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Direito de Antena
20.55 — Louco Amor
21.35 — Televisão — «A Caixa
que mudou o Mundo»
22.35 — Crime, Disse Ela
23.25 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
19.55 — Recordações
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite



A Bélgica no «Conheça Melhor» de hoje, na RTP 2

**A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO**
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTACAO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
V. S. João de Deus, 13 B - R. de Macau, 8-17 LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
**CLUBE
VIDEO
VISITE-NOS!**
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1 19.20 A Mulher no Mundo
RTP2 21.30 Concerto Promenade

**Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO**
Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



MARES DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR	BRAGANÇA	6°
04.13 3,90 m	09.47 1,20 m	VIANA DO CASTELO	12°
16.31 3,80 m	21.58 1,30 m	VILA REAL	8°
Dia 1		PORTO	14°
04.43 3,80 m	10.20 1,30 m	COIMBRA	—
17.03 3,60 m	22.31 1,40 m	CABO CARVOEIRO	16°
		CASTELO BRANCO	12°
		PORTALEGRE	11°
		LISBOA	12°
		ÉVORA	16°
		BEJA	12°
		FARO	14°
		SAGRES	13°
		PONTA DELGADA	18°
		FUNCHAL	19°

Medicamento para a SIDA tem efeitos secundários

O anúncio da descoberta de um novo tratamento contra a SIDA, experimentado, tal como ontem noticiámos, no Hospital Laennec, em Paris, está a merecer comentários bastante cépticos nos meios científicos estrangeiros e franceses. Assim, e enquanto o laboratório que comercializa o produto nos EUA, anunciou a sua intenção de ir investigar as propriedades do novo fármaco, cientistas daquele país qualificaram de «acto publicitário» a eficácia que os descobridores da «Cliclosporina-A» afirmam ter testado em pacientes portadores da terrível doença. Por outro lado, o jornal soviético «Literaturnaya Gazeta» sugeriu que a SIDA é resultado das experiências da CIA e do Pentágono, perguntando porque motivo é que a enfermidade, tal como a «doença dos legionários», começaram nas cidades da costa Leste dos EUA.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 9 269 — 60 000 contos
2.º PRÉMIO — 22 158 — 12 000 contos
3.º PRÉMIO — 13 163 — 6 000 contos

O 2.º prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

1.º PRÉMIO

9 269

2.º PRÉMIO

22 158

3.º PRÉMIO

13 163

DEPOIS DE SI, somos quem mais gostava de ver a sua conta bancária aumentada em **240 000 000\$00**

Tente a sua sorte na **CASA VIOLA**
CASA VIOLA — a sorte que «TOCA»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU

D/E/C/A/R/A/S/

FRANCIS FORD COPPOLA é o realizador do filme «The Cotton Club» que hoje, em antestreia, inaugura o I Festival Internacional de Cinema de Tróia. O certame, que termina a 10 de Novembro, comporta cerca de oitenta filmes provenientes de 37 países. «The Cotton Club», com desempenhos de Richard Gere, Diane Lane, Gregory Hines e Joe Dalessandro, tem a sua acção centrada no legendário Cotton Club, um dos mais célebres locais nocturnos do Harlem.

RICARDO NUNES, candidato à Presidência da República, falando ontem num colóquio organizado na Faculdade de Direito de Lisboa, disse que «os timorenses continuam a lutar contra a Indonésia porque o último barco com portugueses a deixar o país esqueceu-se de dizer que não voltava». Ricardo Nunes sublinhou que «não foram os indonésios que expulsaram os portugueses de Timor, mas foram precisamente os portugueses que fizeram as malas».

VINCENZO GIORDANO, ao cessar funções de adido militar, naval e aeronáutico da Itália em Portugal, visitou o Estado-Maior do Exército, onde apresentou cumprimentos protocolares de despedida. Nesta sua visita, o coronel Giordano fez a apresentação do novo adido, coronel Nunzio Fontecchio. Aqueles oficiais italianos foram sucessivamente recebidos pelo director do departamento de Operações, pelo vice-chefe do Estado-Maior e, por fim, pelo

BRYAN ADAMS, cantor canadiano, e o grupo Dire Straits, poderão actuar no nosso país no primeiro semestre de 1986. De acordo com uma fonte da Polygram, editora daqueles artistas em Portugal os contactos para os concertos já foram efectuados em Londres, no último fim-de-semana. Bryan Adams disse, a propósito, que «actuar em Portugal é motivo de honra, pois muito devo aos jovens portugueses, já que Portugal foi o primeiro país do Mundo onde o meu álbum «Reckless» chegou ao top, ali permanecendo até hoje».

JOÃO JOSÉ GOMES, governador civil da Guarda, foi ontem recebido pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Salazar Braga. O objectivo desta visita foi o da entrega ao Exército, na pessoa do seu chefe máximo, da medalha de honra do distrito da Guarda.

próprio CEME, general Salazar Braga.

Militantes monárquicos denunciam acordo PS/PPM

Os subscritores da convocatória do Congresso extraordinário do PPM consideraram ontem que o acordo eleitoral celebrado entre os monárquicos e o PS para as legislativas de Outubro «teve motivações meramente pessoais».

Em conferência de Imprensa os requerentes da convocatória — Elísio Barrilaro Ruas, Reis Torgal, João Camossa, José Raposo e Amândio Giras — em representação de mais de duas centenas de militantes acrescentaram que o acordo estabelecido com os socialistas «não procurou a salvaguarda dos interesses de Portugal e do PPM».

«Assim, em nosso entender, Ribeiro Telles, eleito nas listas do PS pelo círculo eleitoral do Porto, representa-se na Assembleia da República a si próprio e não ao PPM, apesar das habilitações da Comissão Política para convencer do contrário», sublinharam.

Salientaram ainda que os motivos justificativos do requerimento a solicitar o Congresso extraordinário se filiam, sobretudo, «na ausência de sintonia política entre a maior parte dos filiados e a direcção nacional do partido, mormente no que concerne ao polémico acordo eleitoral firmado com o PS».

«Essa discordância não decorre dos resultados demolidores que o PS obteve porque os requerentes pretendiam que o Congresso se reunisse a 28 de Setembro no Porto ainda a tempo de evitar que o previsível desastre atingisse também o PPM», afirmaram.

Acrescentaram por outro lado que «o que estava e ainda está em causa era e é a convicção de que esse acordo — além de exigir a aprovação prévia em Congresso — não é compatível com os objectivos e a praxis política de ambos os partidos».

Depois de acrescentarem que o Congresso requerido «não tem a intenção de expulsar Ribeiro Telles nem qualquer dos seus pares», aqueles militantes monárquicos afirmaram que «pese embora o esquerdismo complexo de Ribeiro Telles, a esmagadora maioria dos militantes do partido não aceita, nem compreende, a espectacular viragem de 180 graus registada na actuação da Comissão Política do PPM».



O problema do preço único dos livros na CEE

NÃO existem, por enquanto, quaisquer problemas relativos à protecção do preço dos livros em determinados países da CEE, como a Grã-Bretanha, a Dinamarca, a Alemanha ou a Itália.

Nesses países, a protecção encontra-se assegurada, quer pela lei, quer pela jurisprudência, quer por acordos ou regulamentações — todos internos —, os quais existem especialmente por motivos de especificidade vária (leque de títulos, de produtos e de pontos de venda únicos na indústria, valor cultural, considerações de prestígio nacional, etc.), em relação às quais existe, desde há muito, um largo consenso, na maior parte dos países desenvolvidos.

Esta protecção interna foi reforçada pela decisão do Tribunal Europeu de Justiça, de 10 de Janeiro de 1985, a qual autoriza a protecção do preço dos livros no interior dos respectivos países.

Uma vez que as fronteiras políticas coincidem com os limites da sua área linguística (o dinamarquês para a Dinamarca, o italiano para a Itália, etc.), as autoridades desses países não têm de se preocupar com a importação de livros escritos na sua própria língua: o seu quantitativo é, certamente, irrisório.

Por conseguinte, não existe, nesses países, matéria que justifique a criação de uma regulamentação «transnacional».

Esses países estão «naturalmente» ao abrigo de quaisquer possibilidades de infracção ao Tratado de Roma. A Comissão da CEE, bem como o Tribunal de Justiça do Luxemburgo (que apenas se ocupam dos aspectos transnacionais das legislações relativas a livros) não têm possibilidade — nem motivos — para intervir nessa matéria, o que acaba de ser confirmado tacitamente, em Janeiro de 1985, pelo Tribunal Europeu de Justiça, o qual apenas condena explicitamente as importações fictícias, de modo a assegurar a esses países uma protecção suplementar.

No entanto, esta situação constitui uma discriminação em relação aos outros três países da CEE cujas fronteiras políticas não coincidem com uma área linguística determinada.

Esses três países — França, Holanda e Bélgica — situam-se dentro de duas áreas linguísticas que, desde sempre, constituíram o espaço e o mercado natural de livros em língua holandesa, por um lado (nos Países Baixos e Norte da Bélgica) e em língua francesa, por outro (em França e no Sul da Bélgica).

Nestes países, para se poder proteger o preço dos livros na respectiva área linguística, é indispensável a existência de uma regulamentação «transnacional» e, consequentemente, inevitável.

Estas áreas linguísticas — que constituem mercados naturais para o livro e apenas para ele — deveriam, a fim de se substituir a referida discriminação, beneficiar de um regime especial na CEE, o qual lhes ia permitir aplicar, como as outras áreas, uma regulamentação adequada, de acordo com a especificidade do livro, à semelhança das regulamentações nacionais que todos os países (à excepção da Bélgica...) consideram imprescindível adoptar.

O mesmo deveria aplicar-se à imprensa, cujos preços de venda são protegidos em todo o lado, com bases mais tácitas do que verdadeiramente jurídicas.

A urgência da elaboração de uma regulamentação transnacional é particularmente flagrante no caso da Bélgica, país que se arrisca, na sequência da decisão do Tribunal Europeu, de 10 de Janeiro de 1985, a sofrer as consequências de formas de discriminação suplementar e a tornar-se, definitivamente, no «campo de batalha da Europa». A Bélgica é, com efeito, o único produtor europeu de livros onde o quantitativo de importação transnacional é tão significativo que o comércio livreiro se baseia em mais de 60% de livros (franceses e holandeses, na sua maior parte).

Qualquer regulamentação puramente nacional (ainda a definir) estaria, assim, e atendendo às circunstâncias actuais, votada ao mais completo fracasso, uma vez que apenas se aplicaria a 40% das verbas de livros (os produzidos pelos editores belgas).

A situação actual ameaça, praticamente, fazer da Bélgica o único território europeu (uma vez que a Irlanda e o Luxemburgo se situam numa escala diferente) em que os **discounters** — servindo-se paradoxalmente dos preços fixos existentes em todo o lado — poderiam praticar uma política de preços de promoção, proibida, praticamente, em todos os outros países da CEE.

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

“A noite arterial” — som no silêncio

A poesia de Luís de Miranda Rocha, que há longos anos se vem processando numa entoação que, alheia ao ouvido, antes se repercute no cérebro, na atenção que nos exige, concretiza-se agora com mais um livro. «A Noite Arterial», que nos quer parecer como do mais perfeito que das mãos do poeta tem surgido.

Num primeiro juízo, diríamos que estamos na presença de um som, de uma música que exige de quem a lê o conhecimento inclusive de muitas composições sinfónicas — e a tal não é estranho o facto de LMR ser um amante dos bons compositores. Sem querermos de maneira alguma apresentar o livro como um livro difícil, antes diremos que o livro que ora nos chega às mãos se trata de uma obra perfeitamente estruturada dentro de entoações, de espaços em branco e de uma sonorização que nos impõe um silêncio de leitura, uma

concentração de mãos envolvendo a cabeça, a fronte caída sobre as páginas...

Um livro de poesia exige e merece múltiplas leituras — e não é só uma passagem pelas suas páginas, por mais atenta que seja, que nos proporciona todos os sentidos de «A Noite Arterial». E isso porque, antes de mais, necessário se torna que o som do livro se vá esvanecendo no e pelo nosso cérebro. É isso: há que haver um silêncio para que, por fim, compreendamos as palavras que produzem esse som. Quando compreendidas, o som esvai-se — e o livro surge. Ou melhor: o poema, a poesia.

«A Noite Arterial», de página para página, impõe-nos precisamente, numa primeira leitura, esse grande som permanente — e só escutadas uma a uma, composição a composição, imagem a imagem (porque também as há) é que nos vamos ao âmago de uma poesia que precisamente

nos absorve pela espiral das rotações. Poder-se-ia levantar o braço do «pick-up» (passe a imagem) e, a partir desse momento, conseguirmos as peças do «puzzle» que constituem toda a globalidade do livro, do poema, da concretização de uma captação de inteligíveis.

Se assim fosse (e adiantando-nos na interpretação talvez algo abusiva do livro), tal seria a captação das formas e das ideias do universo de Platão. Mas o que nos surge em LMR é precisamente o contrário. Explicando: não há a captação, por exemplo, de um teorema como o de Pitágoras no mundo dos inteligíveis. Há, sim, depois do som no cérebro, o silêncio súbito que nos mostra não o mundo das formas ou ideias, mas o mundo de uma longa série de sensações de que só muito intimamente nos apercebemos. Diríamos que nos defrontamos com o «mais perto» de Epi-

curo, isto é, com uma sensação demoradamente imediata uma apreensão pura e simples do sensível, do caos que, ao longo dos dias e da vida, nos perturba, nos dobra em interrogações, nos distende em reticências.

Uma poesia, por consequência, complexa e tão nebulosa (na acepção positiva do termo) que o leitor amante de poesia acaba por se encontrar, levado pelo som das artérias, a vogar numa névem de silêncio. E é precisamente nesse momento que toda a poesia de LMR nos cerca e nos toma — e, finalmente, nos leva a erguer o dedo num pedido de silêncio a fim de que soemos no som de que é estruturalmente constituída. Isto só compreende quem sabe (e sente) o que é a vida. Enfim — riam-se os surdos, mas é assim... Arterialmente não podia ser de outro modo. O coração que soa!

P.A.

Do o fício

Rui Nunes

À beira deste rio que tem na margem a cidade de Rossatz, há o castelo onde Ricardo Coração de Leão penou longos anos, e muros de vinha que respiram ar de estufa e vão até à água plissada pelo vento e o rápido navegar de batelões, o rio assombra montes e casas no seu escoar-se veloz, tudo é precário neste fluxo, dilui-se nele a solidez das coisas, através da porta do «heurigen» vê Marie a tarde polir-se de cinzento, um cacho de uvas, metálico e enferrujado, abana e chia com a brisa, mas é uma aragem outra o ruído sobre as mesas retangulares do terraço e os bancos compridos, encostada ao piano, ela pressente o fim: findo-me em fífias, mãos papudas junto a castiçal de bronze, à luz empobrecida melodia Schubert, já não em Rossatz mas em Milão, o atapetado das frisas, lustres fofos de um veludo pálpebra sobre as vésperas das sedas muito negras, «soirées» que trazem o brilho encastado nos triângulos instáveis das mãos, as mulheres abrem os decotes, arredondam com o dedo o ouro do «lorgnon», quando as vozes se chegam aos ouvidos, tem Marie a sua hora, ri-se alguém baixinho um riso audível no fecho tão feliz de Julho, batem palmas outros, esquecem todos a cantora e os seus sucessos, ela agradece, curva-se: **merci merci**, por outras palavras: **bravó bravó**, quais não sabe, à beira do Danúbio, em noites como esta, foi a pouco e pouco construindo o nome de Marie, o que lhe deram no dia do baptismo desapareceu com o tempo, ou perdido em múltiplas histórias, trocado no acaso dos acasos por outros mais felizes, assim chegaste à última verdade: a glória é o declínio, estas fífias produto da idade, mas tu, ladina, sempre cantaste mal, figura do coro de um teatro de província em rápidas «tournées» pela fronteira, acabada a carreira num encolher de ombros, e em bares distantes foste esquecendo chatices, inventando o halo minucioso do passado, consegues descrever as salas dos palácios, os vestidos de todos os concertos, pormenorizas jóias que não tiveste, camafeus belíssimos atilados em agiotas do império, empenhou-mas o tempo e a ingratidão dos homens, enquanto tive sucesso, bati a Europa com amantes morenos que me ofereciam rosas goldeadas a suspiros e me levavam a ceias onde se embebedavam: os olhos deflagrados pelo álcool, coitada, foi famosa: siflam aqui ao lado, enquanto passas os dedos pela boca lambuzada, ninguém se lembra onde castaste, ou viu nos programas do Scala, sob o interior litografado, o ouro do teu nome, avanças para eles, o ves-

tido à noite ainda engana, e a alva carne decotada, e o pó sobre ela é alvo, brancura seca, microscópicas escamas que o rapaz bêbado sopra provocando a nuvem, brejeiro: sussurra, ó amorosa querida: responde ele: onde porei a flor dos dedos nessa carne, róseas garras te apoquentarão as mamas, o creme no fingimento do regaço, que modos lindos de dizeres que arranhas, porque me não convidas para dançar? ou um autógrafa, talvez? bem, ao menos uma garrafinha de branco, sou da estirpe das Callas, das Tebaldi, das Schwartzkopf, tratava-as por tu, éramos tão amigas, mas eu não dei em galdéria mantida por milionários, nunca vendi a ternura a hipotéticos navios, ternura, filha?, que insinuas?, continuemos: a libidinosos gregos, prezei sempre a dignidade e por isso me vejo na contingência de ganhar a vida quando me falta a voz, ah! as grandes cantoras, como eu, devem comer a voz até ao fim, não pôr um fim à voz, uma voz fina-se em frágil, em quase nada, até ao nada, a voz no cancro, ou ele sob a omissão da voz, há sempre alguém capaz de amar uma recordação, Walter, queridinho, toca **para Elisa**, tocas? já não tenho vergonha dos meus gostos banais, tra la ra la-la-la-la, la-la-la-la-la, esta musiquinha do Beethoven é comestível, servem-na ao jantar, no bar, e para arranjar tesaço fingido, não tem osso a melodia, vai-se nela até ao fim com agridoce, uma estufa das nossas nostalgias, meu Deus, como ele devia ser vulgar, quem?, o Beethoven, pois claro, como devia estar sempre a tentar esconder a sua alma vulgar e folclórica que a surdez e a sífilis salvaram, desculpe lá o desabafo, quem atingiu a minha idade tem direito a todas as palavras, toca-lhe o braço, mareja-lhe o cotovelo de cansaço, o riso a casquinar-se no lóbulos do ouvido, o que resta dos lábios acentua-lhe a gordura do batoon, vem o criado e diz-lhe: então, Marie, o numerozinho? esperem, porra, que se esperem, se me despedirem pouco mais pobre ficarei, a espelunca não vai à falência por causa da espera, vá, não te exaltes, olha o figado e a pele, algum dia o teu corpo esganar-se-á num estridulo, canto mal? é isso? canto mal? vês, menino, é assim que me tratam, hoje atrevem-se a tudo pois não há quem me proteja; para aqui, abandonada a esdrúxulos destinos, ao ar fétido dos hálitos dominicais, vivo num tempo crismado de nomes rápidos, saio às dez, e tu? não saio, então? nada. Bom, o que é preciso é paciência, embora não seja com ela que a gente se governa, como dizia o pobre ao meu avô, não me desejam já? resigno-me, há a idade de se

envelhecer na companhia de anjos habitáveis, sei bem a teimosia dos crepúsculos, a areia seca na fronteira do meio-dia, o que me está reservado é dissolver-me na crispação de ervas adormecidas, reencontrar o sítio entre os diversos figurinos dos mortos, mas gosto do mundo, apesar de tudo, gosto muito dele, vou-me às ruas onde raro engato e dou graças a Deus porque há rapazes, posso ainda desejá-los, e não sou cega, e não sou seca, Marie, Marie, nome de virgem, sôfrega de azul e adorações no «chantilly» das nuvens, envolve-me o pescoço no «chiffon» vermelho do seu lenço, ainda aqueço objectos de silêncio, a lepra grená das unhas raspa a face e o pulso, talvez as galerias que os ácaros da sarna produzem no íntimo dos cremes, os dedos enrodilham-me na gaze, nas pontas desta corda transparente, ó névoa do rio ensanguentada: único mênstruo que me assiste, de mês a mês uso-a e tenho os sintomas do que foi costume, ah filhinho que pena as noites serem só começo, salva-te o medo e a vida toda onde quererás o mesmo, subsiste, filho, subsiste, de madrugada ninguém quer morrer comigo, o rapaz canta num bêbado baritono:

as manhãs neo-realistas
são sofistas

as coristas têm manhãs
realistas

os artistas têm manhãs
de artistas

os galos têm crista!
olé!

a manhã é viril
a manhã é do baril!

é este o som do tango? a Argentina urge, o folho estanco no vestido, assim, de preto, europeizo, e tu? concentrado em negra brilhantina, dança comigo, diz: querida menina, e eu venho-me tão lenta no tecido, ai tango, tango, tanto tango, que língua é essa? polaco? não? oh, até que enfim fui enganada, hoje aconteceu-me uma verdade, de onde vens, então? da Cova da Piedade. Isso é país? é o baile-mos ao país que não conheço.

— A polka, maestro.
— Qual?
— Ora, a que há.

rodopia, gorda e leve, contra mim é nuvem fofa no sexo, entro na nuvem de onde deus assiste ao espectáculo, vai um pouco mais acima, para quê? para f... deus, Marie enrola-me o lenço no pescoço, ata-se a ele, rodamos presos um ao outro, as caras próximas, os edemas sob os olhos de Madame, um sedimento acumulado, entre as mamas, num vislumbre, há um fio de escuro: ela nunca lava o rego, na exígua retrete passa a esponja pelo corpo e limpa a aparência, e chega, agora, as mãos descem-me à cintura, as nádegas: são duras, outros pares vêm à pista, dançarinam com requieiros no tecido, as unhas aparecem nucas sibilinas, acabada a música, Madame

empurra-me para a mesa, um velho pinga docemente uns passos sobre a pista, ela chama-o, maestro?, o velho estaca, olha-me severo, depois sorri: outro devancio de Marie, curva-se à mão, beija-lhe a dita, este é o meu sobrinho, há um leve escárnio, um rir cerzido no sorriso, ele afasta-se e sulca paragens mais acrílicas, Madame volta-se para mim: porque o convidai? o que me fez perder tempo consigo, rapaz grosseiro que não sabe apreciar uma senhora? sim, que eu já rejeitei

imperadores, milionários e porcos prontos a depôr a mesa, jardins, palácios, cortes e vengens, e agora aqui estou sujeito aos insultos do primeiro que convida para dançar, benelente, acedi porque era jovem, enganou-se com o gesto e fez-me propostas de nestas, a mim, que podia mãe dele, Marie Hertzana abandona-me na mesa, é sempre o mesmo: dizem os vizinhos coitada, volta ao piano, assa a mãozinha gorda junto ao delabro, ondula-a depois



Ser no Ser

Pedro Alvim

SEMPRE. Rosa, os olhos, Rosa, à rosa damos

(em botão, haste verde, pulcra e redonda...)

e nunca vamos onde ela se quis

Cecília, e não rosa, na oculta raiz.

DE Luiz Pacheco pode escrever sempre escreva nas margens da vida. Tal atitude concedeu-lhe uma posição privilegiada: a de observador de si próprio e, simultaneamente, a de observador dos outros. Daí a escrita se revelar à serlhança de um espelho com duas faces: quem numa faces se contempla (Luiz Pacheco) tanto pela outra face se deslha (a do outro). Mais a esses outros imiscuem em Pacheco — e te assim (passe o paradoxo um duplo escritor. feitas as contas, pondos os seus livros, só com um grande escritor nos temos a haver.

FILOMENA CABRAL

"Tarde de mais Mariana"

Ana Paula Portugal

Ando a ler Buda. «Tudo é dor»: princípio — fulcro da doutrina budista. Buda, que quer dizer «o que está desperto», concluindo que todo o sofrimento vem das paixões, liberta-se destas, atingindo assim a quietude — o Nirvana. Oh, plácida e exótica sabedoria que mal alcanço!

Maria Ondina Braga / «A Personagem»

NUMA complicada tessitura narrativa, que não é de surpreender se nos recordarmos que «Os Anjos Andam Nus», forma-se o enredo do livro «Tarde de mais Mariana» de Filomena Cabral. E a história dos seus personagens cria em nós o reconhecimento do já vivido. O eco do experimentado e nunca rigorosamente dito. Refiro-me à solidão dos personagens, à afectividade nunca preenchida no convívio.

No termo do agir está o desencanto. A percepção do fracasso. A consciência da inesgotável insaciabilidade do SER sem máscara. Na base da acção está a ilusão do pleno. Da vertiginosa conquista da perfeita reciprocidade na vivência do EU que se dá ao OUTRO.

Criação e construção são, nos personagens deste livro, a ponte imprescindível do ser-se aqui e agora. São-no na luta contra o silêncio. No medo da solidão (é o caso de Mariana — a narradora). E são-no no caso dos restantes personagens (Ana e Clara...) que se movem penosamente num universo em que

só aparentemente são ditados.

Numa linguagem sincopada, a autora despoja-se do estatuto onipotente, que lhe é conferido, para dialogar com Ana e Clara. E fá-lo com humildade. Com aquela humildade própria do experimentador da dor. Como se o mais importante fosse a afirmação de que todo o ser humano está igualmente condenado a penoso sobreviver. E é isto que se apreende ao ler-se a relação de Ana com Júlio; ao ler-se a relação de Clara com Paulo e Rui. A relação da narradora (Mariana) com as personagens que relata. Que dita.

Irremediavelmente dependentes uns dos outros estamos nós nesta viagem solitária que é o nosso ir ao encontro do amanhã. Viagem reveladora de sentimentos nunca amplamente satisfeitos e portanto, medrosa mesmo quando a paixão nos torna ousados.

É óbvio que a forma de que a palavra se veste ao longo deste espelhar de universos sensitivos me parece demasiado sofisticada face à mensagem que emite. Demasiado artificial dentro da transparência que contém. E é belo. Verdadeiro! Tão naturalmente humano o que neste livro se oferece ao leitor! Aliás, é precisamente a directa assunção do existir que faz de «Tarde de mais Mariana» um livro digno de figurar ao lado de «Estação Morta», «Casa Suspensa» e «A Personagem», isto é, ao lado de uma escrita «a de Maria Ondina Braga» que se impõe pela explanação de um epicurismo que nos faz evocar Buda. porque? Porque, à semelhança do que acontece em Ondina Braga, há em «Tarde de mais Mariana» a serena captação da dor. A sábia compreensão de que a vida é uma roda viva onde emergimos e submergimos na constante dialéctica do existir. E só lamento que a autora não tenha utilizado ao nível da forma discursiva a universal transparência encerrada na sua mensagem humana. Um livro destes precisa de uma linguagem cristalina. Tão pura quanto aquilo que mostra. Diz.

Sem qualquer receio de incorrer em erro ao comparar «Tarde de mais Mariana» como que é dito nos livros que de Maria Ondina Braga referi, repito que Filomena Cabral poderá (se se libertar da forma da sua escrita) ser uma escritora de importância

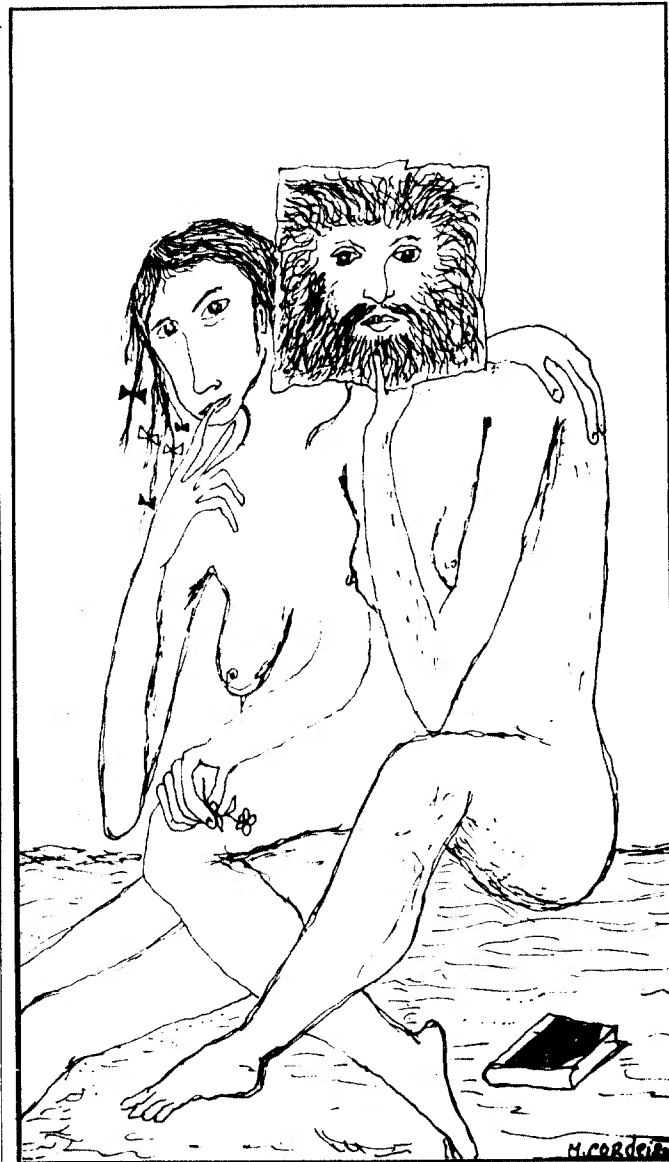
primordial. E isso apenas o conseguem (é o caso de Maria Ondina Braga) aqueles que apreendem a vida naquilo que nela há de essencial. Linear.

Bom! Mas exemplifiquemos (com excertos do livro de que falo) aquilo que a ele me chama. Ouçamos o que diz Clara à narradora: «Como te chamas? Decides e interpretas, reproduzes e alteras. Penso que exageras nos teus direitos e não sei até onde poderás ir. Falas de mim. De Rui. (...) Assustas-me». Ouçamos a resposta da narradora: «Que ingenuidade, Clara! Agora não poderei recuar. Criei-te, terei de traçar-te um destino, por muito breve que

damente reflectida.

Assim, se a mulher (Clara) nos aparece submissa, à espera do marido, logo a situação se inverte: «Paulo esperava. (...) Era ele quem, sentado na poltrona, mergulhado na semiobscuridade que o quebra-luz proporcionava, fumava cigarro atrás de cigarro».

Na vida não há dominados nem dominadores porque todos cumprem a dolorosa e simples trajectória de uma alternância sempre presente. Dai a sua força. O seu lugar imorredouro entre a literatura portuguesa. É por isso que ao lê-lo, e ao apreender nele o que referi, não posso deixar de lamentar a



seja». Ouçamos Ana a dialogar com Clara a propósito da narradora: «Deixa-me! Que queres? Que lhe fizeste? É um pobre ser fictício como nós: não vês que se esforça por se evadir do silêncio, usando-nos embora?, e nós sabemos o que é o silêncio...»

A que se assiste nestes textos? Ao exprimir da Humanidade despojada de máscaras. Reciosamente dependente dos que a cercam e nos quais se revê dori-

forma rebuscada e opaca de um discurso que nos afirma (nos primeiros textos citados): «Como dependemos dos outros, afinal!» (Apud. Maria Ondina Braga «Estação Morta». Ed. Vega, pág. 49). Ou (no último texto, de Filomena Cabral, citado): «Enfim, a roda da vida, e as criaturas ora em cima ora em baixo como os alcatruzes da nora». (Apud. Maria Ondina Braga. «Estação Morta». Ed. Vega, pág. 16).

Nota

por

escrito

TEMOS visto nos últimos dias a importância dos meios de Comunicação Social na propaganda e no desenvolvimento da literatura, na sequência dos prémios literários. Nesse aspecto, e no que respeita ao caso vertente, a Televisão tem cumprido honradamente a sua missão social.

Refiro-me ao prémio instituído pela revista STAMPA e que foi ganho por Luís Carlos, com o seu romance intitulado «O caminho de volta». Estamos em presença de um jovem de 25 anos que aproveitou a sua amarga experiência de vida para escrever uma obra que os críticos consideram de grande qualidade. É-nos dada a conhecer uma cena comovente do romance: aquela em que o saxofonista vai buscar o saxofone ao prego para tocar diante do caixão do amigo morto. Lindo!

Luís Carlos vê o seu esforço e o seu valor recompensado pela atenção que a Imprensa, a Rádio e a Televisão lhes prestam. O romance transforma-se num «best». As edições esgotam-se sucessivamente. Ah, se a Televisão agisse sempre desta maneira!

Infelizmente, não. Telejornal não liga meia aos prémios literários. Para ela, dignos de toda a atenção só os grandes prémios... automobilísticos.

Para não ir mais longe: a Editorial Caminho organizou um concurso de romance e de poesia, incluído no Ano Internacional da Juventude. Os resultados foram há dias tornados públicos. Pois bem: a Televisão deixou passar o assunto completamente em claro. Assim dois jovens de Portimão e de S. João da Madeira viram-se afastados da comunhão com o público, impossibilitados de viver um pouco aquela glória por que todo o artista almeja. O apoio da Televisão foi todo para o Luís Carlos...

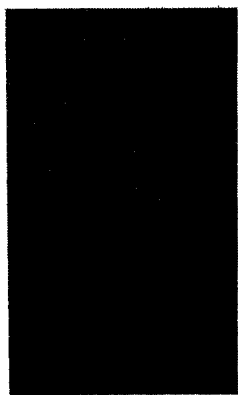
É certo que Luís Carlos é uma personagem da telenovela. O que mais agrava a situação, pois a grande audiência conhece e ama um escritor imaginário — e totalmente desconhece os escritores reais. Ah, estas televisões!

M.C.

vai-se ao bronze, cinco reptícios vermes masturbam-no, Madame velha, depósito de detritos make-up Rubinstein, sai-lhe a voz em papos, sacos, da perscrutada flacidez na base do pescoço, e a enorme ruga do colar canta tremeluzida em vidros facetados, pulsa, em câmara lenta parece vomitar a voz, a anca de flácido, descaída, a clavícula que avulta partida na fronteira do vestido, acidula sozinha gentes várias, deu-lhe o passado a decifração de enigmas, tem das rainhas os hábitos do espaço.

Fixemo-nos, por exemplo, em «O Teodolito», de quando em quando reeditado. É, quanto a nós, uma peça exemplar: de concisão, de entranhas à mostra, dessa longa vida que no planeta Terra se foi elaborando no correr precipitado e lento de milhões e milhões de anos. É isso: só os grandes escritores conseguem (sem que o leitor de tal imeditamente se aperceba) sair do entropóide que gatafunha e ascender ao homem muito antigo que ornamentava as suas cavernas. E que mais tarde, moderno, levará o sexo até à Lua. Sobe aqui a ideia do erotismo — e sobe na plena aceção do termo: sobe em todos os sentidos, isto é, em todas as direc-

ções, uma vez que, no espaço, não há direcções únicas: é o que é. Depois, «a pequena morte» (como afirma Bataille) — tão exacta e dolorosa em «A velha casa», como sequência (cremos) de «O Teodolito» nesta edição de agora, ano de 1985.



A carta de Lord Chandos

Hugo Von Hoffmannsthal



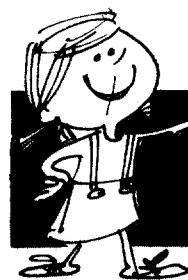
E às vezes comparo-me em pensamento com aquele Crassus, o orador, do qual se diz que ganhou um amor tão desmedido para uma moreia do seu viveiro, um peixe de olhos vermelhos, insensível e mudo, que toda a cidade falava do caso; e quando um dia, no Senado, Domitius o criticou por ter chorado a morte do peixe, procurando dessa maneira fazê-lo passar por louco, respondeu-lhe Crassus: «Fiz, na morte do meu peixe, o que tu não fizeste aquando da morte da tua primeira nem da tua segunda mulher».

Não sei com que frequência penso neste Crassus e na sua moreia como numa imagem de mim mesmo vinda do abismo dos séculos. Mas não é por causa da resposta que ele deu a Domitius. A resposta pôs os riscos do lado de Crassus de maneira a encerrar o incidente com um dito de espírito. Mas o que de perto me toca é o facto em si, o facto que seria o mesmo se Domitius tivesse chorado todas as suas mulheres com lágrimas de sangue da dor mais sincera. Em frente dele estaria sempre Crassus, com

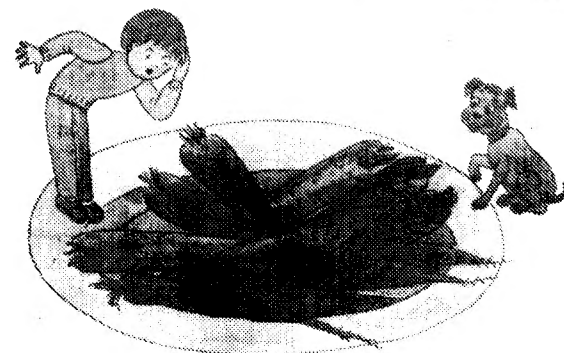
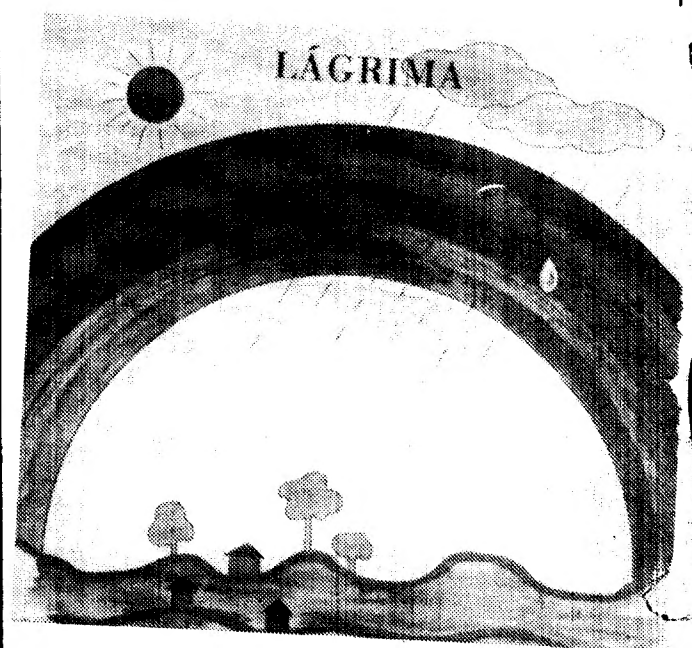
as suas lágrimas pela sua moreia. E esta figura, tanto mais ridícula e desprezível num Senado que discute as mais altas questões e governa o mundo, possui qualquer coisa indefinível que me obriga a pensar nela duma maneira que me parece totalmente insensata logo que tento traduzir o meu pensamento em palavras.

A imagem deste Crassus está no meu cérebro, às vezes, à noite, como um estilhaço em volta do qual tudo se inflama, pulsa, ferve. Então parece-me que é todo o meu eu que entra em fermentação, que lança bolhas de gás, que ferve, que cintila. E o todo é um pensar febril, mas um pensar cuja expressão é mais imediata, mais fluida, mais ardente que as palavras. São turbilhões, mas turbilhões que não parecem, como os das palavras, conduzir ao insondável mas que me fazem penetrar em mim mesmo, no mais profundo da paz.

(*) Extraído de «A Carta de Lord Chandos», de Hugo von Hoffmannsthal (tradução de Carlos Leite), recentemente publicada pelas Black Sun Editores



ESTANTE
INFANTIL



TÍTULO — Lágrima
AUTOR — Ana Maria Macedo
EDITOR — Castoliva — Editora
ILUSTRADOR — Leonor Veiga

A maioria dos portugueses «doutros» gerações foi literalmente educada na visão subjectiva das coisas. Lágrima celeste / pérola do mar / tu que me fizeste / para me encantar... e assim por diante. Foram precisos muitos e muitos anos para que a voz dos poetas nos reconduzisse ao mundo concreto e nos levasse a descobrir toda a poesia que lá mora: Nem sinais de negro / nem vestígios de ódio água (quase tudo) / e cloreto de sódio...

E agora descansem que nos não iremos embrenhar pela especulativa conversa do imaginário e do real, do maravilhoso e do miudinho. Fiquemo-nos pelo cómodo bom-senso de que tudo tem o seu lugar, tudo tem a sua função e que, querendo-o Deus, um no outro se olhará, chegando a altura própria.

Mentiria, ao dar com os olhos no livro de Ana Maria Macedo (tão modesta que nem o seu nome quis na capa) se dissesse que não esperava uma historiazinha que metesse lágrimas ou então a história fantástico-poética de uma lágrima que se libertou dos olhos como quem se liberta de uma prisão e veio por aí fora ao encontro das imaginações piedosas. Conhecem o género.

Pois não aconteceu nada disso. Ana Maria Macedo fala-nos da lágrima em termos gideónicos: «A lágrima é um líquido que existe nos olhos e que sai através de um canal muito pequenino...»

Não era muito, para começar; era o bastante para tranquilizar.

De facto, a partir daqui a autora fala-nos das funções da lágrima e do complexo sistema em que ela se insere, bem como dos cuidados a ter para defendermos os nossos ricos olhos.

Teria sido interessante, porém, que Ana Maria se não ficasse apenas pelos conselhos, mas que minimamente os justificasse. Porque a recomendação de não ver TV a menos de três metros não é válida para um receptor de mesa-de-cabeceira, por exemplo; e a obrigação de ter a luz do lado esquerdo quando se escreve será também de respeitar pelos canhotos?

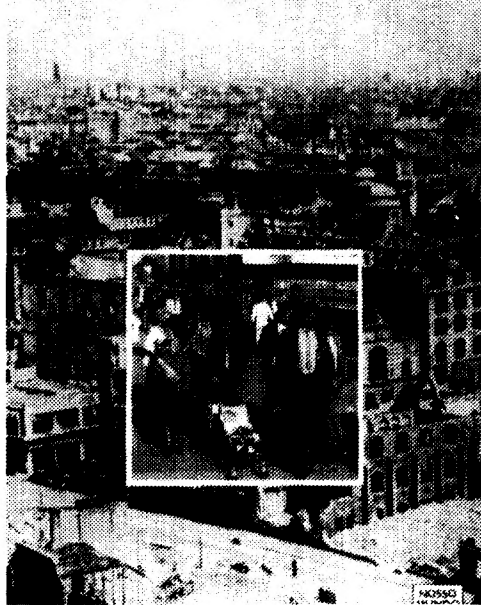
Claro que nas breves páginas de um livrinho nem tudo se pode fazer como se deseja. Muito já fez a autora. Assim fizessem outros e outras editoras com maior raio de acção e maior poder económico.

MÁRIO CASTRIM

AS CRIANÇAS DAS TERRAS DE ELBA E AS LETRAS

«Do outro lado no Elba», de Josué da Silva, agora nas livrarias numa edição da Caminho, é (segundo o autor) «uma profunda e atenta reflexão sobre o nascimento, passado e presente de um país, sobre a determinação de um povo que assumiu a mudança com a convicção e a força de quem sabe que o futuro não é uma prenda dos deuses.» Vivendo e trabalhando na RDA, o autor não se limita a dar-nos apontamentos históricos, acontecimentos lineares ou as imagens apoloéticas que constituem o pano de fundo da vitoriosa ascensão deste país socialista, arrancado aos escombros da guerra. «Do outro lado do Elba» é, sobretudo, a crónica do quotidiano de uma sociedade nova onde JS está inserido e com a qual se identifica. Um livro, enfim, para ler sem preconceitos — até porque há um tempo novo que, apesar de todos os seus problemas, não podemos ignorar. Como podemos defender o nosso tempo (o do Ocidente) se não conhecermos outros tempos...?

Josué da Silva
DO OUTRO LADO NO ELBA



Carlos Porto e Salvato Teles de Menezes acabam de publicar «10 anos de teatro e cinema em Portugal (1974-1984)». Trata-se, como é óbvio, de uma retrospectiva daquelas duas actividades artísticas a partir da instalação da democracia no nosso país. Um livro didáctico, um livro de consulta, um livro, por assim dizer, panorâmico sobre uma década que mudou, sob todos os aspectos, a vida portuguesa. Editado pela Caminho, pode ser considerado uma obra de consulta mesmo a nível universitário.